

XV Encontro Internacional do LATHIMM

Escrever a Idade Média:
do pergaminho ao mundo digital



CADERNO DE RESUMOS

lathi
mm

Laboratório de Teoria e História
das Mídias Medievais

 Instituto de
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO


PPGHIS

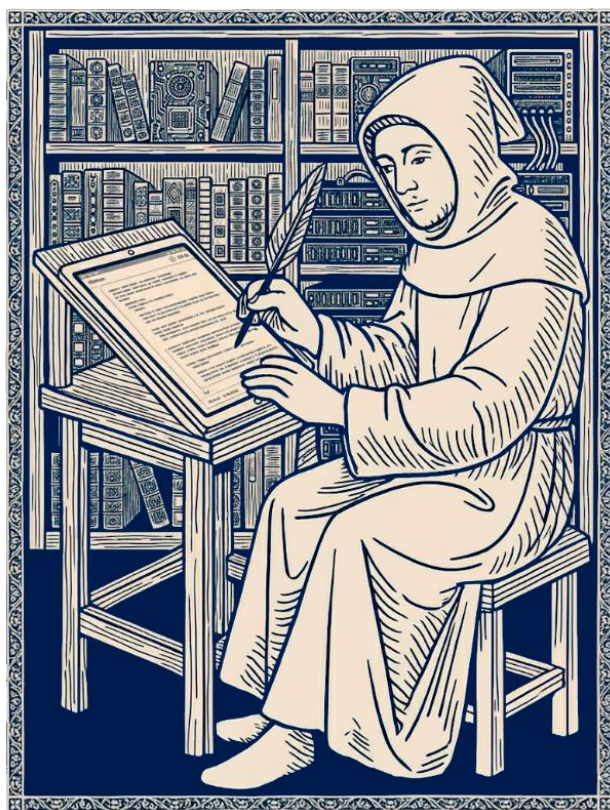
Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Bruno Sousa Silva Godinho
Maria Eduarda Pôrto Garcia Barcelos
Nathan Gabriel da Silva Fernandes Ribeiro
(Organizadores)

Caderno de Resumos
XV Encontro Internacional do LATHIMM
Escrever a Idade Média: do pergaminho ao mundo digital



Rio de Janeiro

2025

Escrever a idade média: caderno de resumos :
do pergaminho ao mundo digital
[livro eletrônico] : XV Encontro
Internacional do LATHIMM / organização Bruno
Sousa Silva Godinho, Maria Eduarda Pôrto
Garcia Barcelos, Nathan Gabriel da Silva
Fernandes Ribeiro ; ilustrações Nathan Gabriel
da Silva Fernandes Ribeiro. -- Rio de Janeiro :
Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-01-82356-0

1. História 2. Geografia 3. Medievalismo
I. Godinho, Bruno Sousa Silva. II. Barcelos, Maria
Eduarda Pôrto Garcia. III. Ribeiro, Nathan Gabriel da
Silva Fernandes. IV. Ribeiro, Nathan Gabriel da Silva
Fernandes.

25-319723.1

CDD-909.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Idade Média : História 909.07

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Declaração de uso de ferramentas de inteligência artificial

Gabriel Castanho utilizou a ferramenta ChatGPT, versão 5, em 26 de maio de 2025, para a geração das ilustrações dos monges da capa. Nathan Gabriel Ribeiro utilizou a ferramenta GeminiPro, versão 2.5, em 8 e 9 de novembro de 2025 para a geração das ilustrações do interior do livro. Todas as saídas foram revisadas e verificadas pelos utilizadores. Nenhum dado pessoal/sensível ou material sob sigilo foi na inteligência artificial. Os *prompts* utilizados encontram-se anexados ao trabalho. Para a diagramação do livro, as imagens foram editadas com o aplicativo Adobe Photoshop por Bruno Godinho.

CRÉDITOS EDITORIAIS

Capa e diagramação: Bruno Sousa Silva Godinho

Ilustrações: Nathan Gabriel da Silva Fernandes Ribeiro

Revisão: Isis Gonçalves

Com a colaboração dos extensionistas do projeto Medievalizando: da medievalística ao medievalesco (projeto de extensão do Instituto de História da UFRJ):

Pedro Henrique Hastinraiter Albernaz

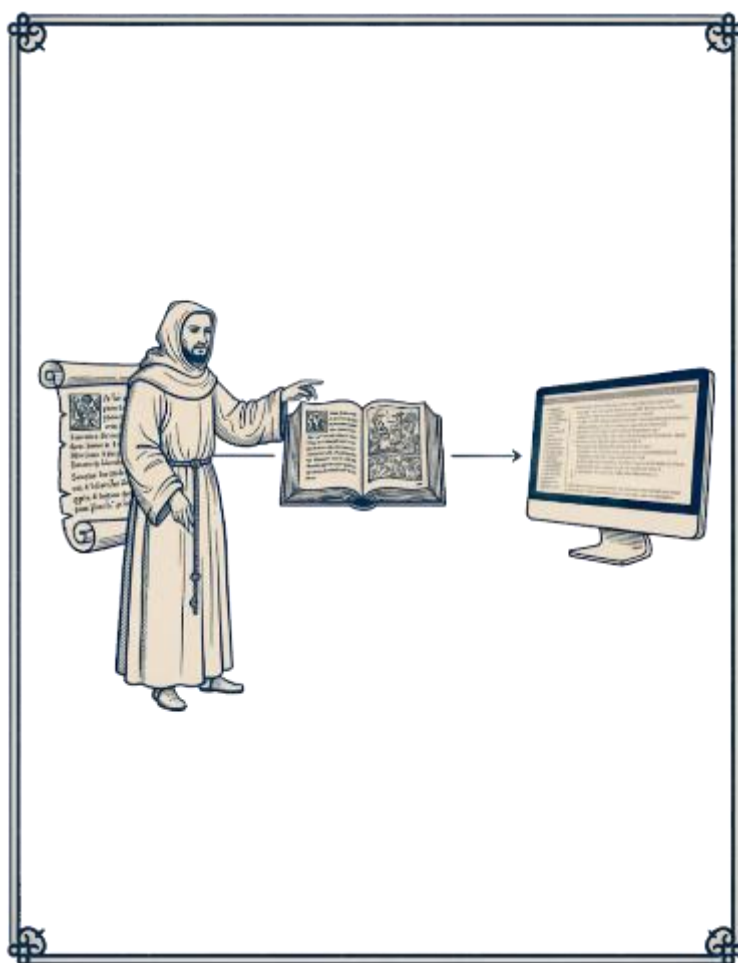
Robert Guedes Barbosa

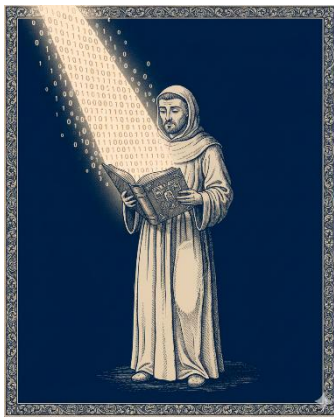
Rayanne Ohanna de Castro Espindola Barreiros

Yasmin Silva Correa

Marina Pinto da Cunha Klaes

Luiz Henrique de Jesus Sena





XV Encontro Internacional do LATHIMM

Escrever a Idade Média:
do pergaminho ao mundo digital



APRESENTAÇÃO

O tema da escrita permeia todo o trabalho no campo da História. Para os medievalistas, o ato de escrever, nos tempos medievais, comporta múltiplos significados: da materialidade dos artefatos escritos aos desafios da paleografia, passando também pela longevidade dos pergaminhos. De fato, na Idade Média europeia, a escrita possuía grande importância social, cultural e política: foi essencial para o estabelecimento das burocracias dos reinos emergentes, crucial para a disseminação do conhecimento dentro e fora das universidades e imperativa para os objetivos e a ritualística do clero. Escrever a Idade Média, em suas diferentes acepções, permite entrever os atos de homens e mulheres que viveram naquele período, bem como a produção de estudos especializados sobre a época.

Da filologia, que desenvolveu esquemas investigativos a partir de múltiplas cópias de um mesmo texto, à codicologia, que se dedica, em diversas escalas, ao estudo das minúcias dos livros manuscritos; da paleografia – que não apenas classifica grafias, mas também permite identificar autores-copistas e reconstruir biografias – às tecnologias que possibilitam a criação de novos objetos digitais a partir de artefatos físicos da Idade Média, ampliando assim a escala de análises previamente estabelecidas, o estudo da Idade Média mobiliza diferentes saberes sobre a história da escrita.

Por fim, se escrever a Idade Média refere-se, em grande medida, ao trabalho historiográfico dos medievalistas, o período não é objeto apenas de historiadores especializados. Sob sua forma medievalesca, podemos observar apropriações desse passado imaginado em diversos âmbitos da vida contemporânea. De fato, em nosso cotidiano, o mundo medieval é frequentemente associado à violência, às superstições, ao obscurantismo científico e ao entretenimento.

Diante dos desafios metodológicos e conceituais inerentes ao estudo das práticas escritas medievais, o Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais realiza, com o apoio do Instituto de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da

Universidade Federal do Rio de Janeiro, a 15ª edição de seus Encontros Internacionais integralmente voltada à reflexão e à discussão a respeito das diferentes formas de escrever a Idade Média.

Realizado presencialmente, no miniauditório da Sala 360 da Agência Nacional de Saúde Suplementar (Glória, Rio de Janeiro), e em formato híbrido (nos ambientes digitais da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa – RNP), o XV Encontro Internacional do LATHIMM congrega pesquisadores em diferentes momentos de formação (da graduação ao pós-doutoramento) e de diferentes regiões do país e do exterior.

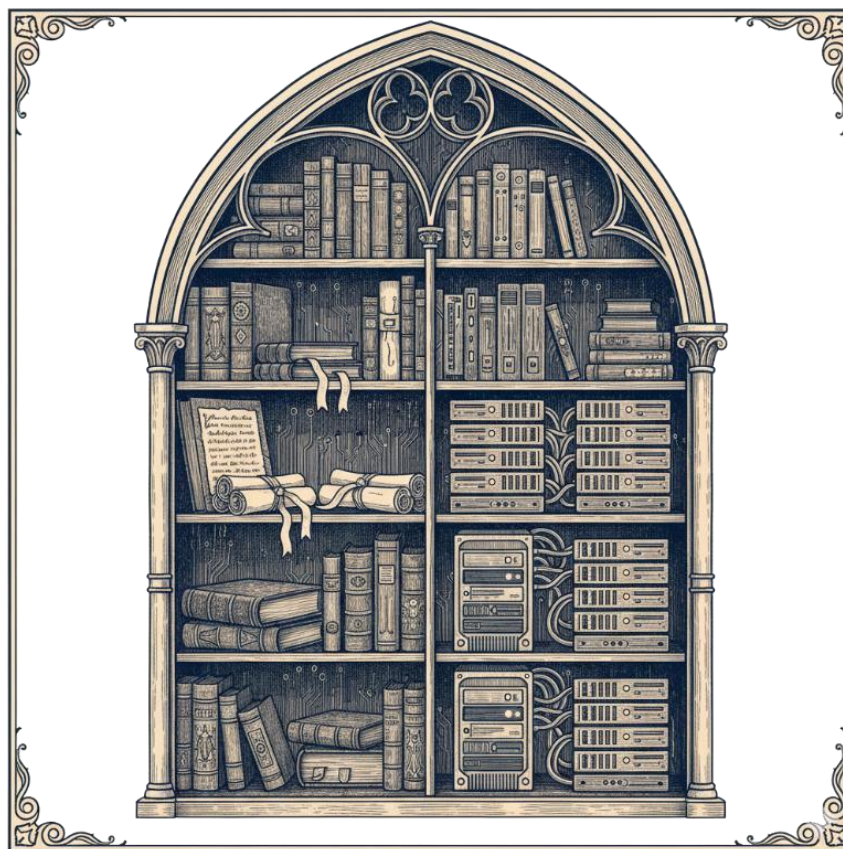
O LATHIMM dá continuidade, assim, a suas ações de fomento à reflexão crítica a respeito do atual momento de inflexão na história da escrita medievalística situada entre o pergaminho e o mundo digital.

Gabriel Castanho

Coordenador Geral do XV Encontro do LATHIMM
Coordenador do LATHIMM-UFRJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bruno Godinho

Coordenador Geral do XV Encontro do LATHIMM
Universidade Federal do Rio de Janeiro



XV Encontro Internacional do LATHIMM

Escrever a Idade Média: do pergaminho ao mundo digital

RIO DE JANEIRO

PROGRAMAÇÃO

15/12

9h-10h – Recepção e Abertura

10h-11h30 – Conferência: Rita Copeland (Univ. Pennsylvania) – *“Rhetoric, Poetics, Aesthetics”*

11h30-12h45 – Almoço

13h-15h10 – Mesa 1: Retórica, Autoridade e Cultura do Saber

- Maria Sandali (National and Kapodistrian University of Athens), *Benoît de Sainte-Maure: his work and its rhetoric*
- Gissele Chapanski (USP), *Metrópole de aprendiz e pequena filosofia: A gramática entre memória, ensino e escrita em um escólio medieval à Téchne Grammatiké de Dionísio Trácio*
- Hiago Rebello (UFF), *As Retóricas do novo: confronto entre novidade e antiguidade no século XII*
- Muriel Araujo Lima (USP), *Auctor e auctoritas: a construção de Isidoro de Sevilha como autoridade e o uso das Etimologias na Baixa Idade Média*
- Bruno Godinho (UFRJ), *Retórica e sátira no Compound of Alchemy de George Ripley: práticas escritas e poesia alquímica inglesa (c. 1450-c. 1550)*

15h10-15h30 – Café

15h30-18h – Mesa 2: Escrita, Imagem e Humanidades Digitais

- Stella Tuttolomondo (UNESA), *Discurso, Disciplina e Identidade: A crítica alimentar de Bernardo de Claraval na deslegitimação de Cluny (Epístola I)*
- Júlia Rovida de Oliveira Ramos (USP), *As Etimologias de Isidoro de Sevilha no século XXI: um trabalho de catalogação dos manuscritos baixo-medievais das Etimologias*
- Maria Eduarda Pôrto Garcia Barcelos (UFRJ), *Impactos da Digitalização na História - A Documentação Cartuxa a partir da análise de documentos digitalizados*
- André Ricardo Alves (USP), *Entre Chumbo e Pixels: Estudando Esfragística Bizantina Remotamente*

- Pedro Henrique Valentim do Nascimento (USP), *“Os sábios ensinamentos da teologia florescem e brotam”*: o conceito de “ortodoxia” na décima sétima homilia do Patriarca Fócio de Constantinopla

16/12

9h-10h30 – Conferência: Nicolas Perreaux (CNRS – Univ. Paris 1) – **“Activities Without Work? Digital Essays on the Medieval Semantics of opus, labor, and servitium”**

10h45-13h – Mesa 3: Humanidades Digitais, Acervos e Escrita Medieval

- Edilson Alves de Menezes Junior (UFF), *História pública, acervos digitais e o ofício do medievalista: reflexões a partir dos atos régios de Filipe Augusto*
- Ananda Majumdar (Antarctic Institute of Canada), *From Parchment to Pixel: Exploring the Transformation of Medieval Writing and Its Modern Implications*
- Fares Chacha (Sétif 02 University – Argélia), *Automatic Recognition of - in Manuscripts: The Problem and Challenges of Digitizing Ancient Texts*
- Isis Gonçalves (UFRJ), *Manuscritos medievais em ambiente digital: reflexões a partir da Echtra Nerai*
- Jônatas José da Silva / Renan Marques Birro (UPE), *Um experimento sobre Ensino de História Medieval, o uso de imagens e Retrieval-Augmented Generation (RAG)*

13h-14h – Almoço

14h-16h – Mesa 4: Manuscritos, Iconografia e Materialidade

- Igor Salomão Teixeira (UFRGS/UFRJ/CNPq), *O Cardeal Jacopo Stefaneschi e o “Manuscrito de São Jorge”, no Vaticano: apresentação e proposta de análise*
- Andrei Marcelo da Rosa (UFRGS), *A Construção de Memórias nos Manuscritos Mss/2211 E Mss/10134 da Grant Cronica de Los Conquistadores de Juan Fernández de Heredia*
- Leila Geroto (USP), *Notas sobre um fac-símile (ESP E92 – FFLCH USP) presente no acervo de obras especiais da biblioteca Florestan Fernandes: Codex Durmachensis (editora Urs Graf, 1960)*
- Cibele Silva (UFPE), *Raça e Outridade: Análise Iconográfica das Iluminuras do Libro de Ajedrez, Dados y Tablas de Afonso X (1284)*
- Chiara Rosso (University of Chieti-Pescara (Italy).), *Writing the Middle Ages on Walls: Notes on Graffiti from Northwestern Italy*

16h-16h15 – Café

16h15-17h45 – Conferência: Elaine Treharne (Univ. Stanford) – **“The Digital Aspect of Everyday Medieval Writing, c. 1025 to 2025”**

17/12

9h-10h30 – Mesa 5: Teologia, Liturgia e Tradição

- Douglas Lubarino (EPHE/UNICAMP), *Do texto à celebração: circulação e difusão da missa de Corpus Christi (séculos XIV e XV)*

- Robson Della Torre (UNIMONTES), *Editando as “atas do concílio de Éfeso” (431) no contexto das reformas católica e protestante do século XVI: uma hipótese sobre a resignificação da tradição manuscrita para a historiografia*
- Debora Gomes Pereira Amaral (USP), *Inscrições textuais: a voz das imagens milagrosas em narrativas visuais do final do Medievo e início da Modernidade*

10h45-12h30 – Mesa 6: Poder, Economia e Usos do Passado

- Leandro César Santana Neves (UFRN), *Riurik encontra a América: Contextualizando Historiograficamente “O Comércio Varegue E O Grão-Principado De Kiev” (1942)*
- Savio Queiroz Lima (UFRGS), *Medievalidades nas Histórias em Quadrinhos: Apropriações, Representações, Transmissões e Usos Públicos da História Medieval*
- Jean Viana (UFF), *Tributação e intervenção régia no Entre-Douro-e-Minho de Afonso III*
- Pedro Henrique Pereira Silva (UFMG), *Cultura escrita e Racionalidade Econômica no Cartulário do Hospital de Saint-Gilles*

12h30-13h30 – Almoço

13h30-15h45 – Mesa 7: Paleografia, Variação Textual e Modelos de Escrita

- Elliott Arlo Little (University of Iceland and University of Oslo), *Hidden Variants: The Semantics of Palaeographic Errors in Manuscripts of Old Norse Poetry*
- Pedro de Oliveira e Silva (USP), *Catasterismos alfabéticos: a reprodução de tipos de escrita como representação e descrição paleográfica como éfrase*
- Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva (USP), *Uma construção ordenada dos Evangelhos: as Tábuas de Cánones do BM Angers 4*
- Karolina Santos da Rocha (USP), *Variações textuais e atividade editorial de copistas nos manuscritos púrpuras Sinopensis, Rossanensis e Petropolitanus (século VI)*
- Maria Cristina C. L. Pereira (USP), *Alfabetos figurados e alfabetos figurativos: escrita, imagem e ornamentação no Ocidente medieval*

15h45-16h – Café

16h-17h30 – Conferência: Artur Costrino (UFOP) – ***“A seara é farta: problemas e caminhos para a confecção de edições críticas de textos medievais”***

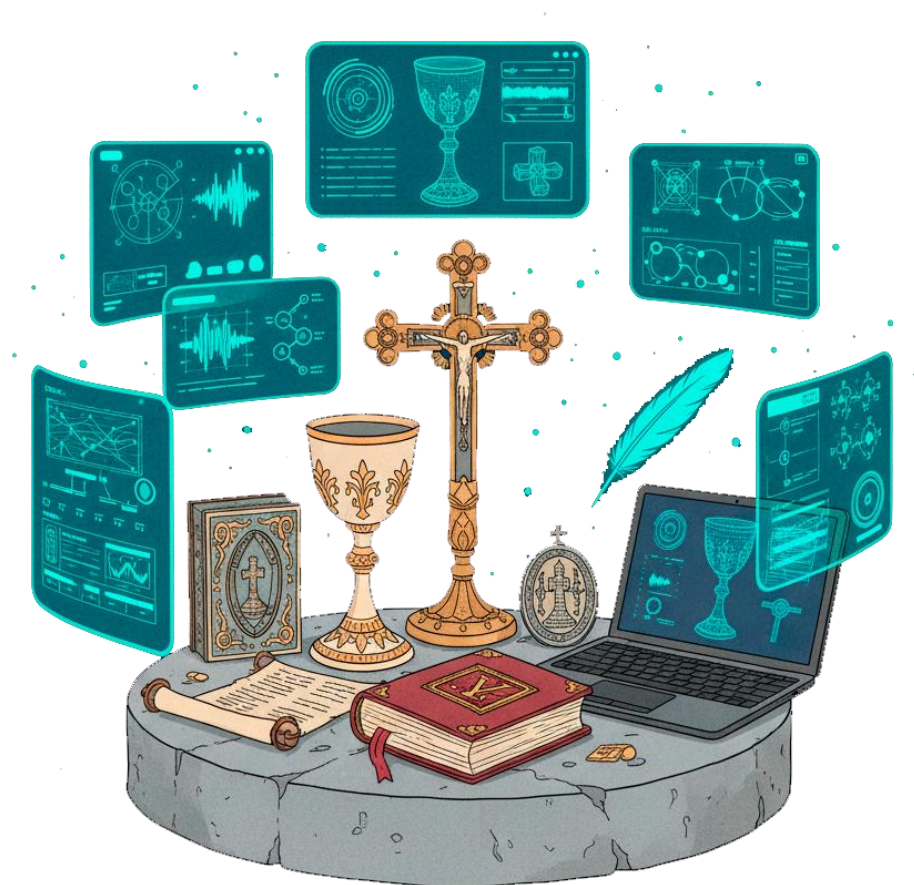
Sumário

Entre Chumbo e Pixels: Estudando Esfragística Bizantina Remotamente André Ricardo Alves (USP)	13
Inscrições textuais: a voz das imagens milagrosas em narrativas visuais do final do Medieval e início da Modernidade Débora Gomes Pereira Amaral (USP)	14
Impactos da Digitalização na História - A Documentação Cartuxa a partir da análise de documentos digitalizados Maria Eduarda Pôrto Garcia Barcelos (UFRJ)	15
Um experimento sobre Ensino de História Medieval, o uso de imagens e Retrieval- Augmented Generation (RAG) Renan Marques Birro / Jônatas José da Silva (UPE)	17
Automatic Recognition of - in Manuscripts: The Problem and Challenges of Digitizing Ancient Texts Fares Chacha (Mohamed Lamine Debaghine Setif 2 University)	18
Metrópole de aprendizes e pequena filosofia: a gramática entre memória, ensino e escrita em um escólio medieval à <i>téchne grammatiké</i> de Dionísio Trácio Gissele Chapanski (USP)	20
Rhetoric, Poetics, Aesthetics Rita Copeland (University of Pennsylvania)	22
A seara é farta: problemas e caminhos para a confecção de edições críticas de textos medievais Artur Costrino (UFOP)	23
Notas sobre um fac-símile (ESP E92 – FFLCH USP) presente no acervo de obras especiais da biblioteca Florestan Fernandes: Codex Durmachensis (editora Urs Graf, 1960) Leila Geroto (USP)	24
Retórica e sátira no <i>Compound of Alchemy</i> de George Ripley: práticas escritas e poesia alquímica inglesa (c. 1450-c. 1550) Bruno Sousa Silva Godinho (UFRJ)	25
Manuscritos medievais em ambiente digital: reflexões a partir da <i>Echtra Nerai</i> Isis Gonçalves (UFRJ)	26
História pública, acervos digitais e o ofício do medievalista: reflexões a partir dos atos régios de Filipe Augusto Edilson Alves de Menezes Junior (UFF)	27
<i>Auctor e auctoritas</i> : a construção de Isidoro de Sevilha como autoridade e o uso das <i>Etimologias</i> na Baixa Idade Média Muriel Araujo Lima (USP)	28
Medievalidades nas Histórias em Quadrinhos: Apropriações, Representações, Transmissões e Usos Públicos da História Medieval Savio Queiroz Lima (UFRGS)	29

Hidden Variants: The Semantics of Palaeographic Errors in Manuscripts of Old Norse Poetry	
Elliott Arlo Little (University of Iceland / University of Oslo)	30
Do texto à celebração: circulação e difusão da missa de <i>Corpus Christi</i> (séculos XIV e XV)	
Douglas Lubarino (EPHE/Unicamp)	32
From Parchment to Pixel: Exploring the Transformation of Medieval Writing and Its Modern Implications	
Ananda Majumdar (Antarctic Institute of Canada)	33
Discurso, disciplina e identidade: A crítica alimentar de Bernardo de Claraval na deslegitimação de Cluny (Epístola I)	
Stella Maris Borges Tuttolomondo Valle Motta (UNESA)	34
“Os sábios ensinamentos da teologia florescem e brotam”: o conceito de “ortodoxia” na décima sétima homilia do Patriarca Fócio de Constantinopla	
Pedro Henrique Valentim do Nascimento (USP)	35
Riurik encontra a América: contextualizando historiograficamente “O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev” (1942)	
Leandro César Santana Neves (UFRN)	36
Alfabetos figurados e alfabetos figurativos: escrita, imagem e ornamentação no Ocidente medieval	
Maria Cristina C. L. Pereira (USP)	37
Activities Without Work? Digital Essays on the Medieval Semantics of <i>opus</i> , <i>labor</i> , and <i>servitium</i>	
Nicolas Perreaux (Université de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne)	38
As <i>Etimologias</i> de Isidoro de Sevilha no século XXI: um trabalho de catalogação dos manuscritos baixo-medievais das <i>Etimologias</i>	
Júlia Rovida de Oliveira Ramos (USP)	39
As Retóricas do novo: confronto entre novidade e antiguidade no século XII	
Hiago Rebello (UFF)	41
Variações textuais e atividade editorial de copistas nos manuscritos púrpuras <i>Sinopensis</i> , <i>Rossanensis</i> e <i>Petropolitanus</i> (século VI)	
Karolina Santos da Rocha (USP)	42
A construção de memórias nos manuscritos MSS/2211 e MSS/10134 da <i>Grant Cronica de Los Conquiridores</i> de Juan Fernández de Heredia	
Andrei Marcelo da Rosa (UFRGS)	43
Writing the Middle Ages on Walls: Notes on Graffiti from Northwestern Italy	
Chiara Rosso (Università degli Studi “G. d’Annunzio” Chieti-Pescara)	45
Benoît de Sainte-Maure: his work and its rhetoric	
Maria Sandali (National and Kapodistrian University of Athens)	46
Raça e outridade: análise iconográfica das iluminuras do <i>Libro de ajedrez, dados y tablaz</i> de Afonso X (1284)	
Cibele Silva (UFPE)	47

Catasterismos alfabéticos: a reprodução de tipos de escrita como representação e descrição paleográfica como éfrase	
Pedro de Oliveira e Silva (USP)	49
Cultura escrita e Racionalidade Econômica no Cartulário do Hospital de Saint-Gilles	
Pedro Henrique Pereira Silva (UFMG)	51
Uma construção ordenada dos Evangelhos: as Tábuas de Cânones do BM Angers 4	
Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva (USP)	53
O Cardeal Jacopo Stefaneschi e o “Manuscrito de São Jorge”, no Vaticano: apresentação e proposta de análise	
Igor Salomão Teixeira (UFRGS)	55
Editando as “atas do concílio de Éfeso” (431) no contexto das reformas católica e protestante do século XVI: uma hipótese sobre a ressignificação da tradição manuscrita para a historiografia	
Robson della Torre (Unimontes)	56
The Digital Aspect of Everyday Medieval Writing, c. 1025 to 2025	
Elaine Treharne (Stanford University)	58
Tributação e intervenção régia no Entre-Douro-e-Minho de Afonso III	
Jean Henrique de Macedo Viana (UFF)	59

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

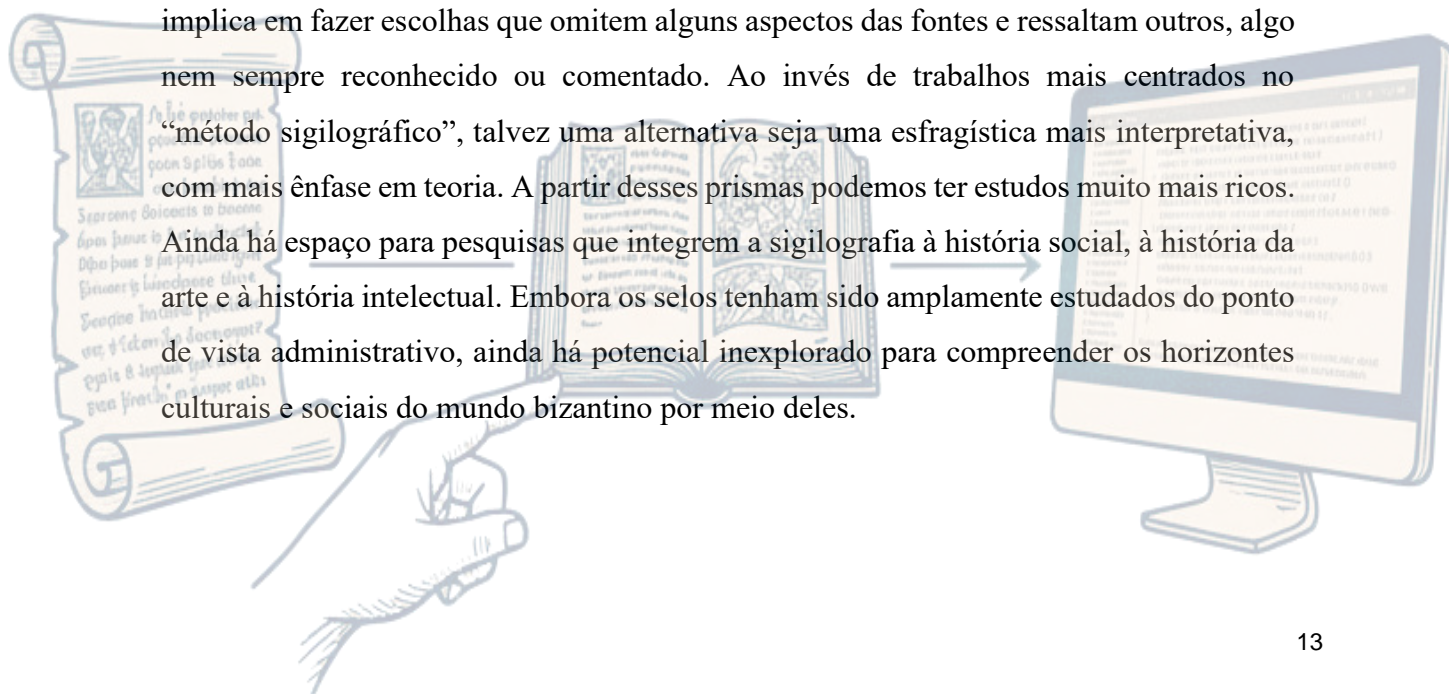


André Ricardo Alves
Universidade de São Paulo

Nos últimos anos, a esfragística tem ganhado importância como campo de estudo, superando a concepção mais antiga que a considerava um “apêndice” da numismática. Esses selos, em Bizâncio, eram usados para autenticar documentos, constituindo fontes valiosas para a história administrativa e social. A disponibilidade de acervos online tem facilitado o acesso aos pesquisadores, mas impõe restrições importantes que não podem ser ignoradas.

Os selos são, em sua maioria, feitos de chumbo. No entanto, também existem alguns raros exemplares em ouro, prata ou cera. O processo de confecção envolvia a cunhagem de moldes vazios a partir dos quais imagens e inscrições eram impressas “em positivo” com o uso de uma ferramenta especial chamada *boulloterion*. Os selos variam bastante em tamanho e peso, características que auxiliam na identificação de selos paralelos. Quanto ao conteúdo, os selos podem ser divididos em três tipos: inscrições (com nomes, locais, títulos ou funções), monogramas (mais comuns no período iconoclasta) e imagens (santos, cenas bíblicas etc.). A leitura exige conhecimento da língua grega, familiaridade com os estilos epigráficos e paciência, devido ao estado de conservação muitas vezes precário.

O estudo remoto enfrenta diversas dificuldades. Além da dependência de descrições textuais em prosopografias e da escassa digitalização de algumas coleções, dados como o peso frequentemente não são fornecidos. A esfragística é filha dos naturalismos do fim do século XIX. Nessa disciplina, mais do que em outras, ainda há um certo impulso pela catalogação, separação e classificação. Todo processo de catalogar implica em fazer escolhas que omitem alguns aspectos das fontes e ressaltam outros, algo nem sempre reconhecido ou comentado. Ao invés de trabalhos mais centrados no “método sigilográfico”, talvez uma alternativa seja uma esfragística mais interpretativa, com mais ênfase em teoria. A partir desses prismas podemos ter estudos muito mais ricos. Ainda há espaço para pesquisas que integrem a sigilografia à história social, à história da arte e à história intelectual. Embora os selos tenham sido amplamente estudados do ponto de vista administrativo, ainda há potencial inexplorado para compreender os horizontes culturais e sociais do mundo bizantino por meio deles.

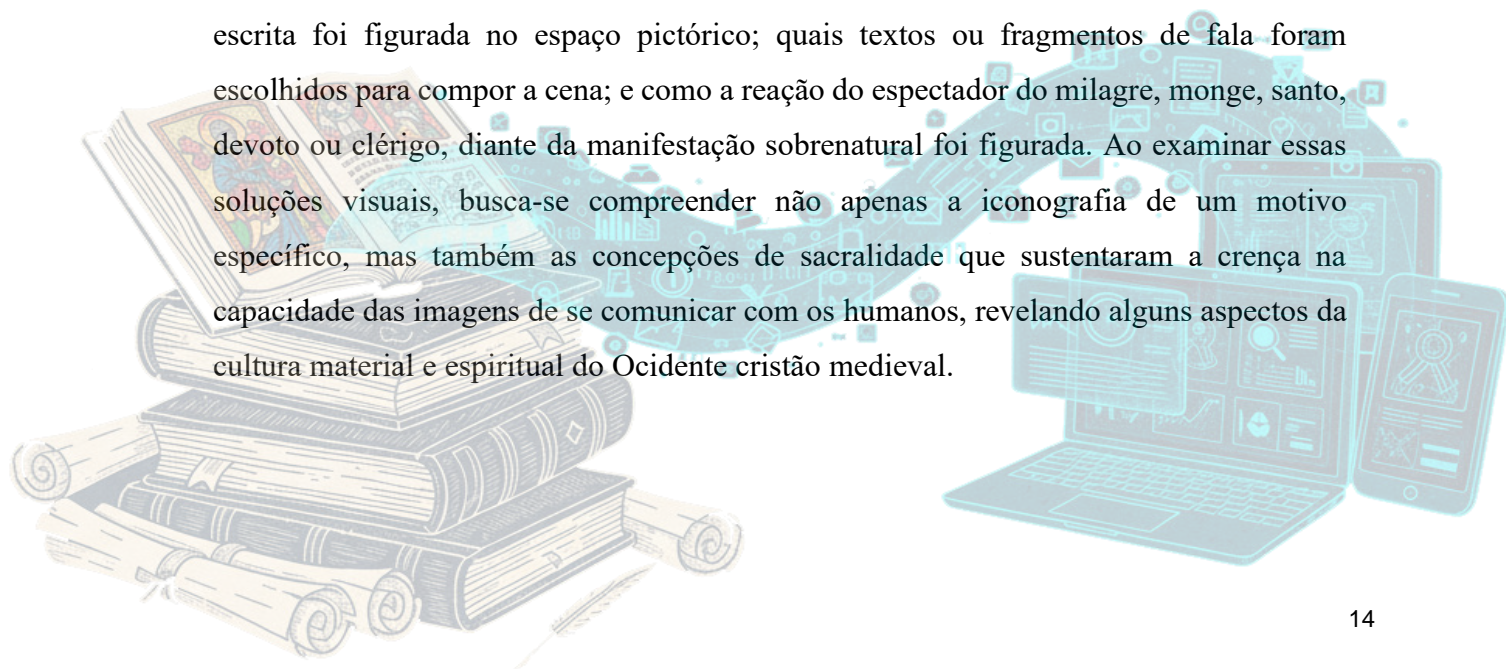


*Inscrições textuais: a voz das imagens milagrosas em narrativas visuais do final do
Medievo e início da Modernidade*

Debora Gomes Pereira Amaral

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Na Europa Ocidental, a partir do século XII, intensificou-se a circulação de lendas que narravam milagres associados a imagens sagradas que seriam dotadas de voz. Esses relatos, que descrevem episódios em que esculturas ou pinturas se expressam oralmente diante dos fiéis, revelam a crença na virtude sagrada das imagens cristãs no contexto medieval. O exemplo mais célebre é o do crucifixo de São Damião, que teria dirigido a palavra a São Francisco de Assis (1182–1226), ordenando-lhe: “Francisco, vai e repara minha casa, que, como vês, está quase em ruína”. Contudo, esse não é um caso isolado: multiplicam-se também as lendas em que a Virgem Maria fala, como na célebre narrativa em que, ao ser saudada por Bernardo de Clairvaux (1090–1153), ela lhe responde, manifestando sua presença viva por meio da imagem. Além da transmissão escrita dessas histórias, que circularam em hagiografias, compilações exemplares e coleções de milagres, observa-se a produção de imagens figurando visualmente tais fenômenos. Essa tradução do prodígio para o plano figurativo não apenas documenta a crença na agência das imagens, mas também oferece pistas sobre as formas como a arte medieval tentou fazer visível o invisível e o sobrenatural. Nesta comunicação, propomos analisar algumas estratégias figurativas empregadas para narrar visualmente o milagre das imagens que falam. A partir de um conjunto de iluminuras, pinturas, gravuras e até mesmo azulejos produzidos entre o final da Idade Média e o início da modernidade, investigaremos de que modo os artistas figuraram o instante miraculoso em que a matéria inanimada teria adquirido a capacidade de se expressar oralmente. Entre as questões que orientam a análise, destacam-se: como a oralidade foi convertida em escrita; de que maneira essa escrita foi figurada no espaço pictórico; quais textos ou fragmentos de fala foram escolhidos para compor a cena; e como a reação do espectador do milagre, monge, santo, devoto ou clérigo, diante da manifestação sobrenatural foi figurada. Ao examinar essas soluções visuais, busca-se compreender não apenas a iconografia de um motivo específico, mas também as concepções de sacralidade que sustentaram a crença na capacidade das imagens de se comunicar com os humanos, revelando alguns aspectos da cultura material e espiritual do Ocidente cristão medieval.



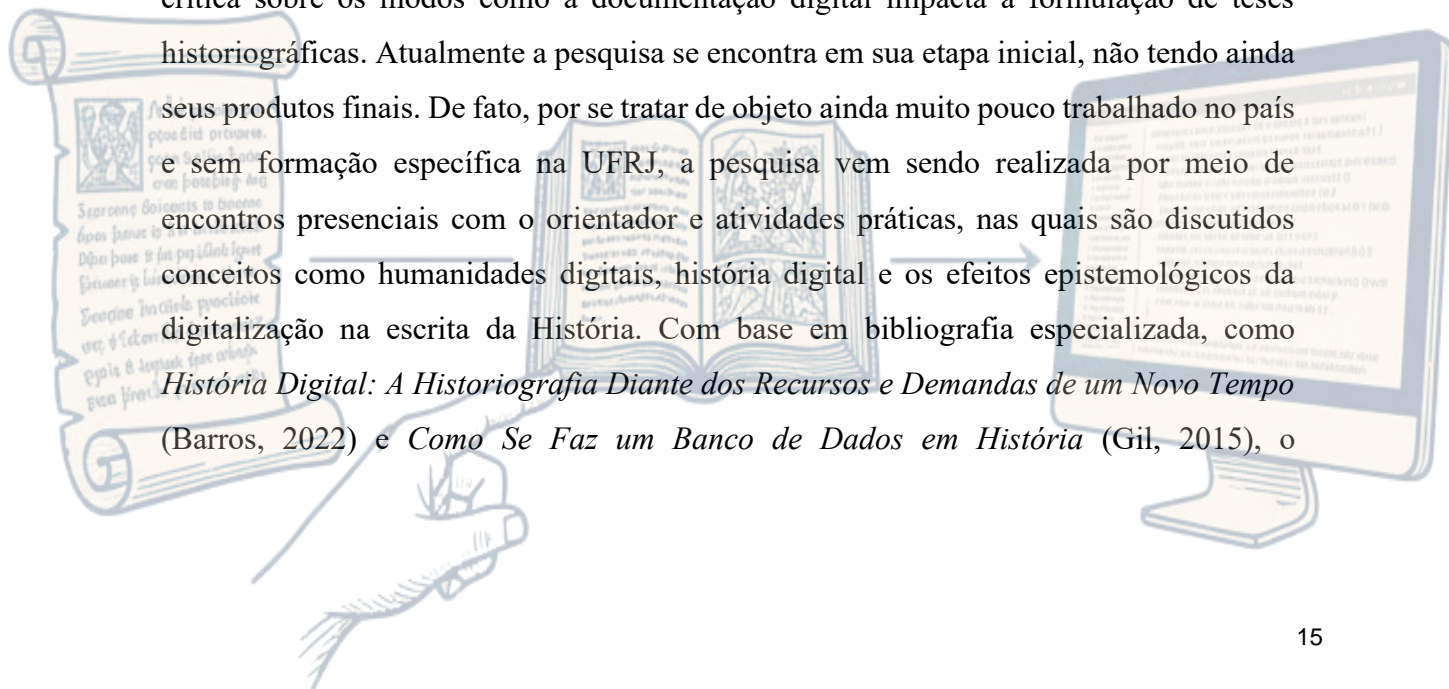
Impactos da Digitalização na História - A Documentação Cartuxa a partir da análise de documentos digitalizados

Maria Eduarda Pôrto Garcia Barcelos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

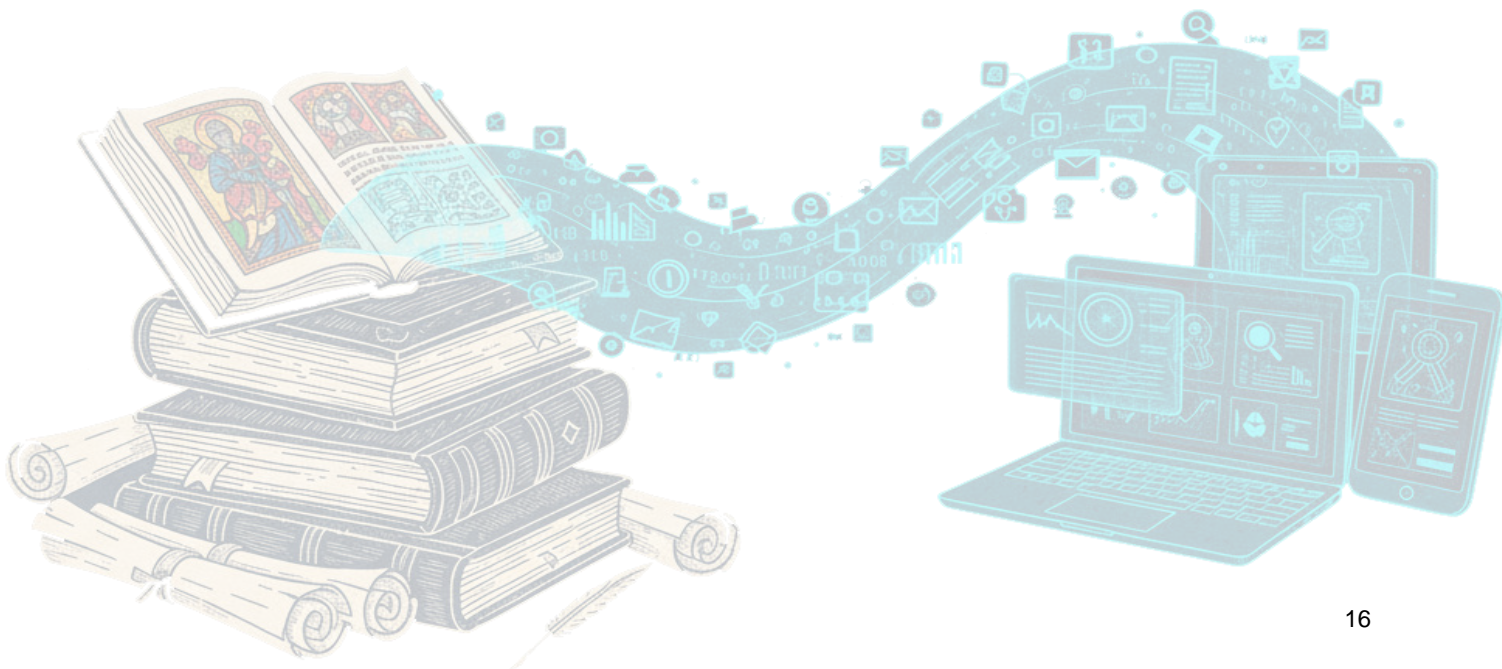
Este trabalho faz parte do Projeto de Iniciação Científica *Impactos Historiográficos da Documentação Digital: estruturando teses e argumentos*, desenvolvido no âmbito do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientado pelo prof. Dr. Gabriel Castanho. O presente projeto de pesquisa se insere no debate sobre os impactos da digitalização do fazer historiográfico, especialmente no que diz respeito ao uso de documentação digitalizada em História.

O foco empírico recai sobre o processo de digitalização e estruturação de um *corpus* documental específico: os textos produzidos pela Ordem Cartuxa durante a Idade Média, encontrados majoritariamente em latim, disponíveis na *coleção Analecta Cartusiana*. A metodologia do trabalho prevê a leitura de documentos digitalizados e sua catalogação, bem como os referenciais teóricos e linhas historiográficas das edições críticas, de modo a viabilizar a estruturação de uma base de dados documental. A pesquisa se insere no âmbito de parcerias internacionais que permitiram a captura digital da documentação. A digitalização dessas fontes não apenas amplia o acesso aos documentos, mas também reconfigura a própria prática historiográfica, ao possibilitar novas formas de leitura, comparação e elaboração de teses a partir de materiais antes dispersos ou inacessíveis.

A partir do levantamento, triagem e modelagem de metadados desses documentos, a pesquisa visa não apenas criar uma base de dados integrada ao programa internacional CBMA (Corpus de la Bourgogne du Moyen Âge), mas também desenvolver uma reflexão crítica sobre os modos como a documentação digital impacta a formulação de teses historiográficas. Atualmente a pesquisa se encontra em sua etapa inicial, não tendo ainda seus produtos finais. De fato, por se tratar de objeto ainda muito pouco trabalhado no país e sem formação específica na UFRJ, a pesquisa vem sendo realizada por meio de encontros presenciais com o orientador e atividades práticas, nas quais são discutidos conceitos como humanidades digitais, história digital e os efeitos epistemológicos da digitalização na escrita da História. Com base em bibliografia especializada, como *História Digital: A Historiografia Diante dos Recursos e Demandas de um Novo Tempo* (Barros, 2022) e *Como Se Faz um Banco de Dados em História* (Gil, 2015), o



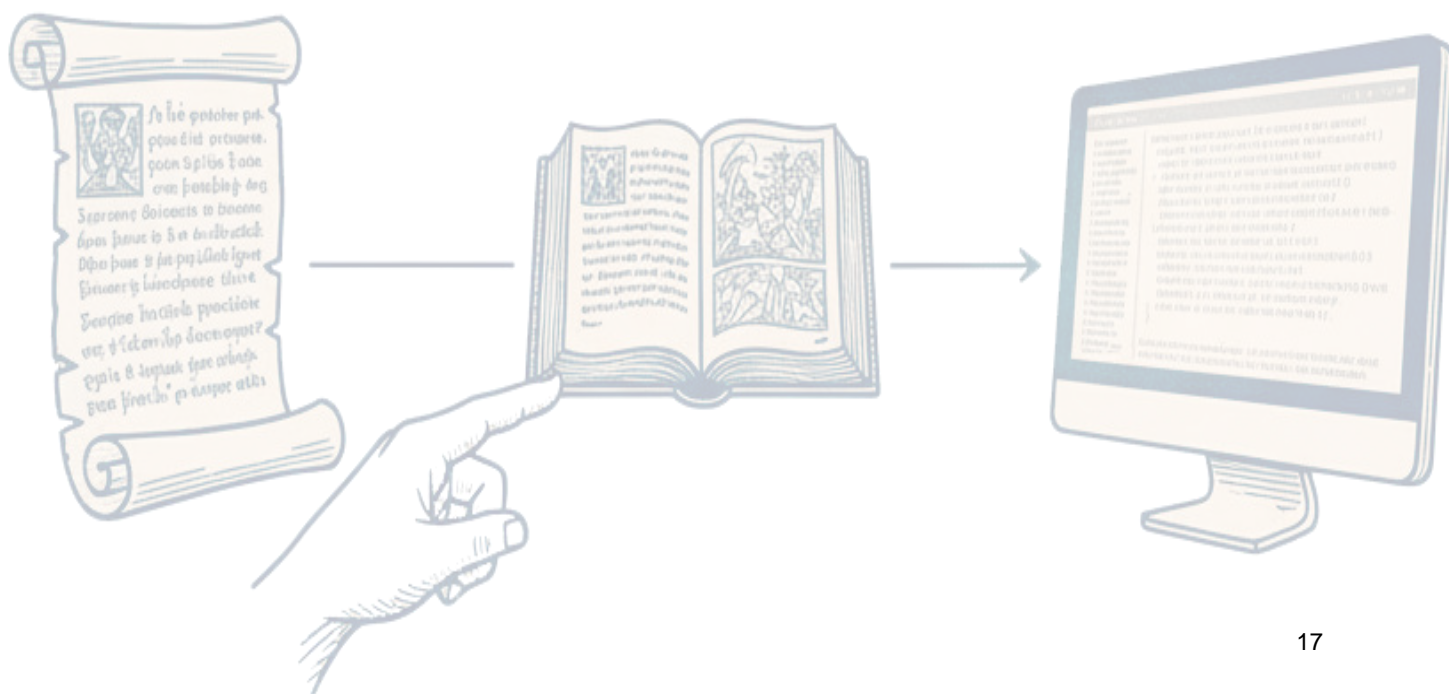
desenvolvimento de habilidades técnicas e práticas, mas também reflexões sobre os desafios e potencialidades da documentação digital no campo da História.



Um experimento sobre Ensino de História Medieval, o uso de imagens e Retrieval-Augmented Generation (RAG)

Renan Marques Birro
Jônatas José da Silva
Universidade de Pernambuco

A presente comunicação tem como objetivo apresentar um experimento que articula o Ensino de História Medieval, o uso de imagens e a técnica de Retrieval-Augmented Generation (RAG) aplicada a Large Language Models (LLMs) para a incorporação de novas informações. A proposta avança a partir de um diálogo com a História Pública Digital (Noiret, 2022; Noiret, Tebeau & Zaagsma, 2022) e com pesquisas que utilizam recursos de Inteligência Artificial Generativa no Ensino de História (Cherukuri, 2025; Qiu et. al., 2025; Mottl & Musílek, 2024; Ströbel et. al., 2024; Rospigliosi, 2023; Nguyen et. al., 2023; Wang & Guo, 2023; Sheng, 2023; Bertram et. al., 2021). Metodologicamente, será empregada a produção de roteiros, uma abordagem consolidada em processos de Ensino de História aplicados a iniciativas visuais ou audiovisuais (Birro, 2024), com ênfase na etapa de elaboração do *storyboard*. Desta forma, busca-se testar os resultados da técnica RAG em termos de acurácia e discrepância em relação à base de dados fornecida. Além disso, o estudo visa estabelecer protocolos avaliativos e mapear os desafios inerentes ao uso de Inteligência Artificial generativa no Ensino de História Medieval, incluindo a criação de imagens relacionadas a esse período.



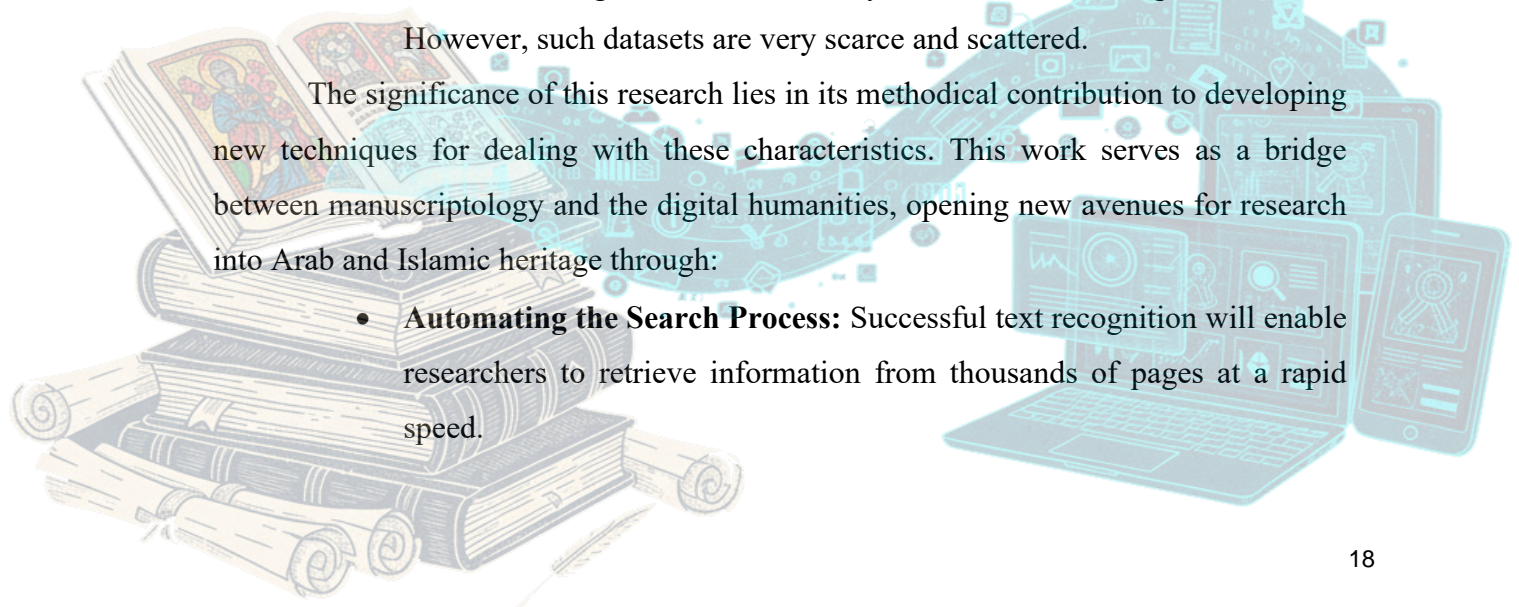
This research aims to study the problem of automatic recognition of Arabic script in ancient Islamic manuscripts. The digitization of these texts is an essential step towards preserving the rich cultural heritage and making it accessible to a global audience. However, the codicological and technical challenges posed by Arabic script impede this process. This work combines an analytical methodology in manuscriptology and an experimental methodology in computer science, with the goal of understanding the root causes of these challenges and offering potential solutions. The problem of our research lies in the ineffectiveness of current Optical Character Recognition (OCR) tools when applied to Arabic manuscripts, due to several key factors:

- **Vast Script Variation:** Arabic script varies significantly across eras and geographical regions, resulting in diverse script styles such as Naskh, Kufic, Thuluth, and Maghrebi. This variation necessitates specialized training models for each style, which are not readily available.
- **Nature of Letter Connectivity:** The horizontal and vertical overlap and connection of letters represent a major challenge, as it is difficult for algorithms to determine the boundaries of each individual letter, leading to recognition errors.
- **Deteriorated Condition of Manuscripts:** Manuscripts often suffer from erosion, ink stains, and distortions, which affect the quality of the digital image and reduce recognition accuracy.
- **Lack of Labeled Data:** To train Deep Learning models, the need for large datasets of digitized and manually corrected manuscripts is crucial.

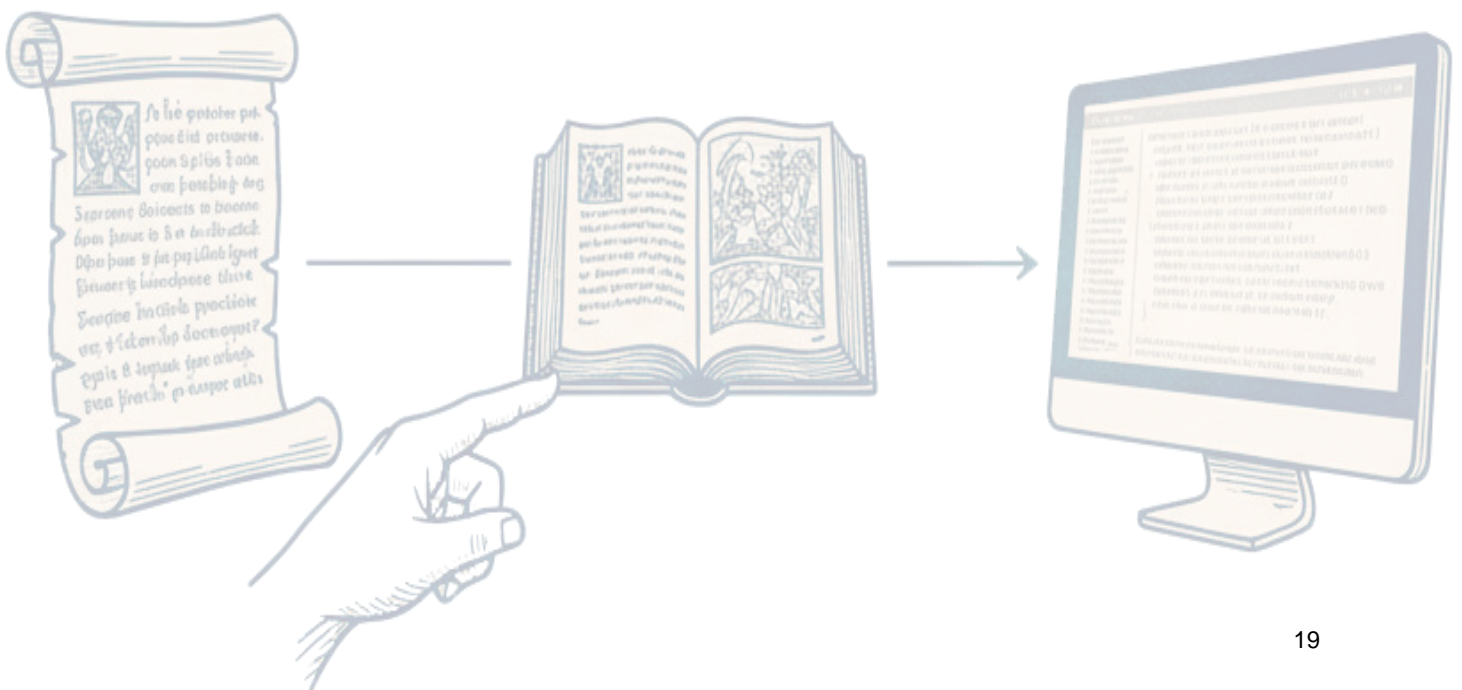
However, such datasets are very scarce and scattered.

The significance of this research lies in its methodical contribution to developing new techniques for dealing with these characteristics. This work serves as a bridge between manuscriptology and the digital humanities, opening new avenues for research into Arab and Islamic heritage through:

- **Automating the Search Process:** Successful text recognition will enable researchers to retrieve information from thousands of pages at a rapid speed.



- **Creating Knowledge Databases:** Semantic data (such as authors' names, places of transcription, and dates) can be extracted and converted into analyzable data, enriching historical research.
- **Preserving the Physical Originals:** Reducing direct handling of original manuscripts contributes to their protection from damage.

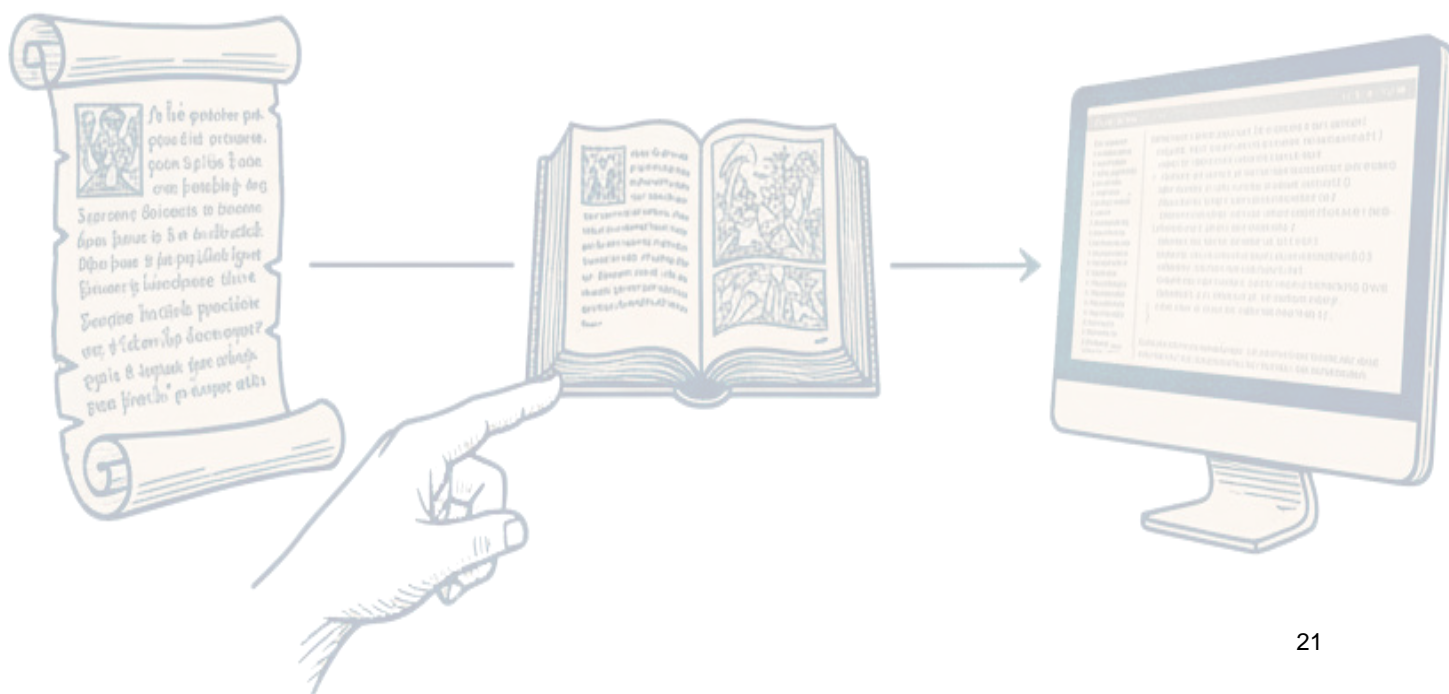


Metrópole de aprendizes e pequena filosofia: a gramática entre memória, ensino e escrita em um escólio medieval à téchne grammatiké de Dionísio Trácio

Gissele Chapanski
Universidade de São Paulo

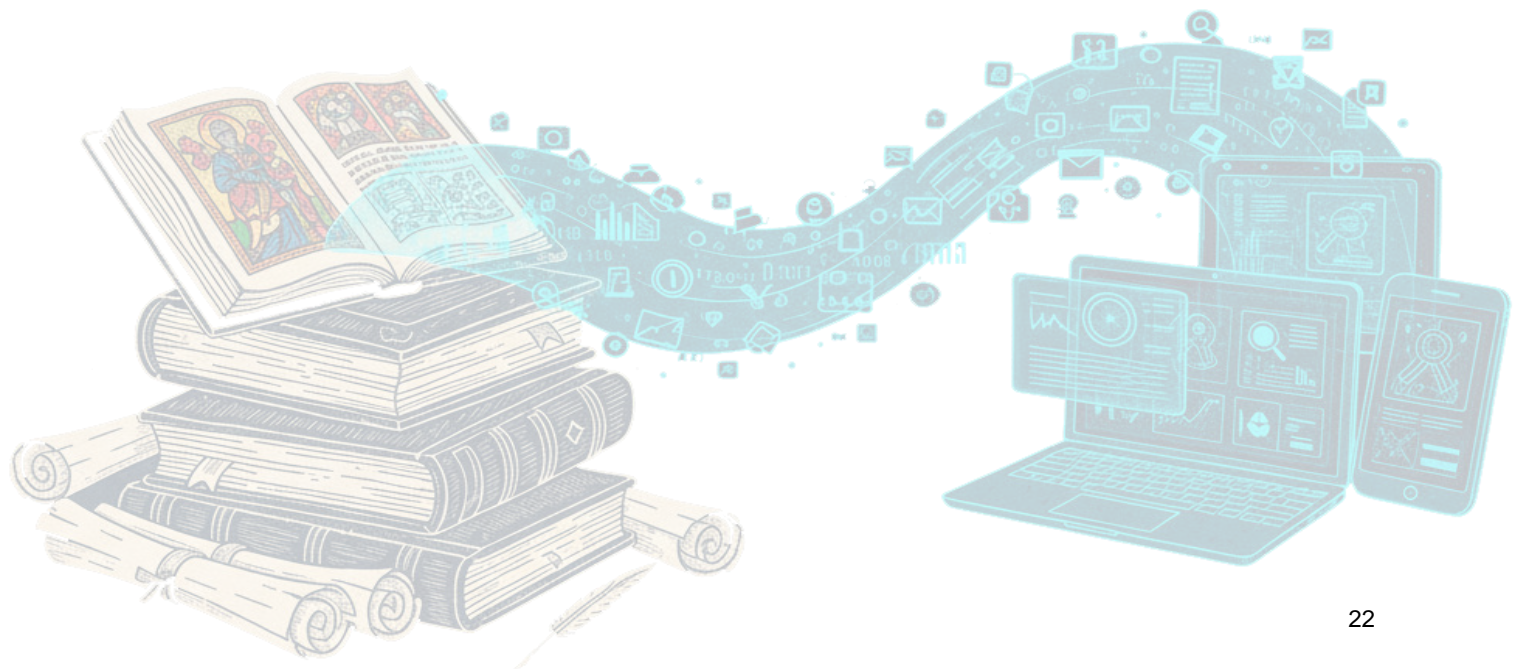
Sob a complexa tipologia textual dos comentários, que compreende, por exemplo, os escólios, *hypomnemata* e lemas (Nünlist, 2009; Dickney, 2007; Montana, 2015), o ambiente intelectual bizantino pré-moderno produziu uma série de interpretações e notas hermenêuticas para obras da Antiguidade helênica. Nesse contexto, a práxis escoliástica consistiu em um movimento metateórico decisivo ao desenvolvimento de muitas disciplinas do conhecimento e foi, inclusive, responsável por consolidar vários autores clássicos no papel de referências canônicas (Kaldellis, 2009). Para a historiografia dos estudos linguísticos, esse é um contexto particularmente significativo. Produzidos por volta dos séculos XI a XIV, os escólios bizantinos à *Téchne grammatiké* (ed. Hilgard, 1901), atribuída a Dionísio Trácio (séc. II a. C.) e usualmente admitida como primeiro tratado gramatical do Ocidente, não apenas garantem a retransmissão desse texto, como promovem a compreensão dos conteúdos gramaticais antigos à luz das práticas metalinguísticas de seus comentadores. Desse modo, estabelece-se uma atividade interpretativa que atualiza a *auctoritas* (Law, 1990) de Dionísio Trácio, ao permeá-la pelos valores e reflexões inerentes ao ambiente de erudição de seus intérpretes bizantinos, assegurando a permanência do modelo de pensamento metalinguístico da *Téchne* na tradição posterior. Compostos em um circuito relativamente fechado, os apócrifos que compõem o *corpus* escolástico desse manual de gramática apresentam entre si considerável recorrência terminológica e conceitual. Um deles, no entanto, oferece uma abordagem singular da disciplina. É o que consta do códice *Riccardianus graecus 62* (c. séc. XIV) (Vitelli, 1894; ed. Meliadò, 2013). Nele, a gramática é designada como “metrópole dos aprendizes” e “pequena filosofia”. Por meio desses sintagmas, o escoliasta mobiliza conceitos que apontam para uma imbricação entre as noções de gramática (no gr. *grammatiké*, literalmente, “a arte das letras”) e de escrita, por ele exploradas. Na intersecção entre ambas, é possível vislumbrar reflexos das tensões entre o domínio das letras, a memória e o conhecimento, inerentes à atividade do próprio *grammátikos* escoliasta, que se compreende sob as funções de escriba, guardião de conhecimentos e professor, conforme se depreende do texto. Diante disso, um primeiro objetivo do presente trabalho será, justamente, levantar os aspectos históricos e contextuais que estão na base dessa sobreposição de conceitos e investigar seus possíveis

motivos e implicações. Por meio do instrumental teórico da Historiografia Linguística (Koerner, 1989; Swiggers, 2013; Altman, 2021), será, primeiramente, analisado o conteúdo do próprio escólio. Um segundo momento do processo metodológico aqui aplicado consistirá na exploração das suas relações intertextuais, estabelecidas tanto com outros escólios gramaticais coetâneos ao *Riccardianus graecus* 62, quanto com textos da tradição clássica. A partir dessa prospecção e da averiguação dos aspectos historiográfico-contextuais envolvidos, serão apresentadas hipóteses interpretativas a respeito das noções de escrita e letramento empregadas por esse escoliasta, assim como dos moldes de funcionamento de seu *scriptorium*.



Rita Copeland
University of Pennsylvania

The medieval arts of poetry and prose were popular for their practical value. Modern readers are almost always disappointed by medieval rhetorical arts, especially the arts of poetry of the twelfth and thirteenth centuries: the *artes* don't address depth, they don't address ethical considerations, they say almost nothing about emotional response or responsibility, they don't explain literary value, they seem to have nothing in common with high-end hermeneutics, and they are tediously technical. What is at stake, then, in these arts and in their vast pedagogical influence? They established aesthetic standards of appreciation for the formal powers of style. Their interest lies in valuing the surface of the text rather than in deep hermeneutical explorations. In my paper I explore how this particular aesthetic value reveals the space of ethical interaction that the arts presume: a cognitive, experiential, phenomenological, and social dimension of form. The surface is a complex place, and the medieval rhetorical arts (and the poetry informed by them) do not lightly exchange the surface for other kinds of meaning. The schoolmasters who produced these arts looked not only to the canon of classical Latin poetry for illustrative examples, but to medieval Latin poets, such as Bernardus Silvestris, John of Hauville and Alan of Lille, elevating them to a new canonical status.

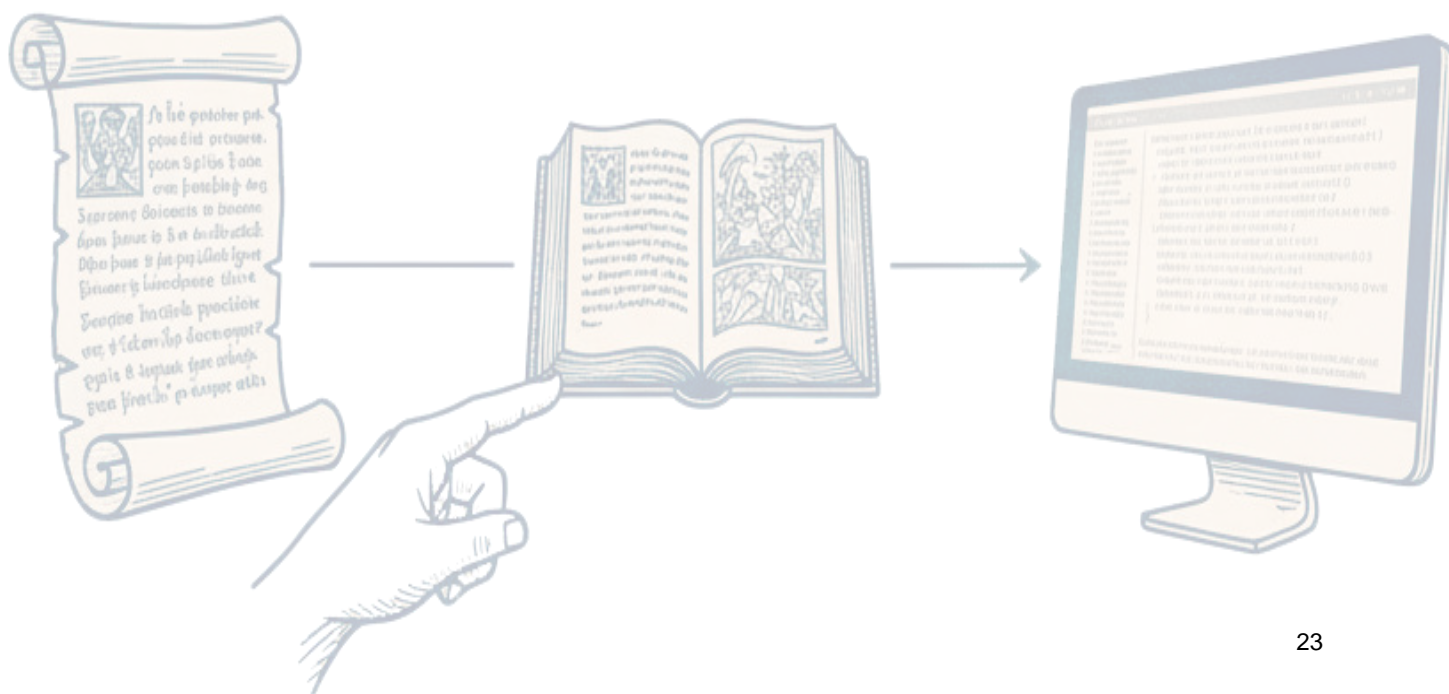


A seara é farta: problemas e caminhos para a confecção de edições críticas de textos medievais

Artur Costrino

Universidade Federal de Ouro Preto

A comunicação é deliberadamente propedêutica e, sobretudo, convidativa. Partindo de casos concretos — contaminação entre testemunhos, variantes concorrentes, intervenções de copistas, perdas materiais e decisões editoriais pouco explicitadas — discutiremos por que muitas edições críticas ainda tropeçam em etapas-chave da *recensio*, da avaliação de variantes e da apresentação do aparato. A partir desses problemas, defenderemos que a familiaridade com a transmissão manuscrita (codicologia, paleografia, estemática e edição digital) não é um adorno técnico, mas condição para compreender o texto em sua historicidade material e para sustentar inferências filológicas responsáveis. Ao final, o objetivo é abrir portas: convidar o público a ler, ensinar e, quando possível, praticar a crítica textual como parte orgânica da pesquisa em humanidades.



Notas sobre um fac-símile (ESP E92 – FFLCH USP) presente no acervo de obras especiais da biblioteca Florestan Fernandes: Codex Durmachensis (editora Urs Graf, 1960)

Leila Geroto

Universidade de São Paulo

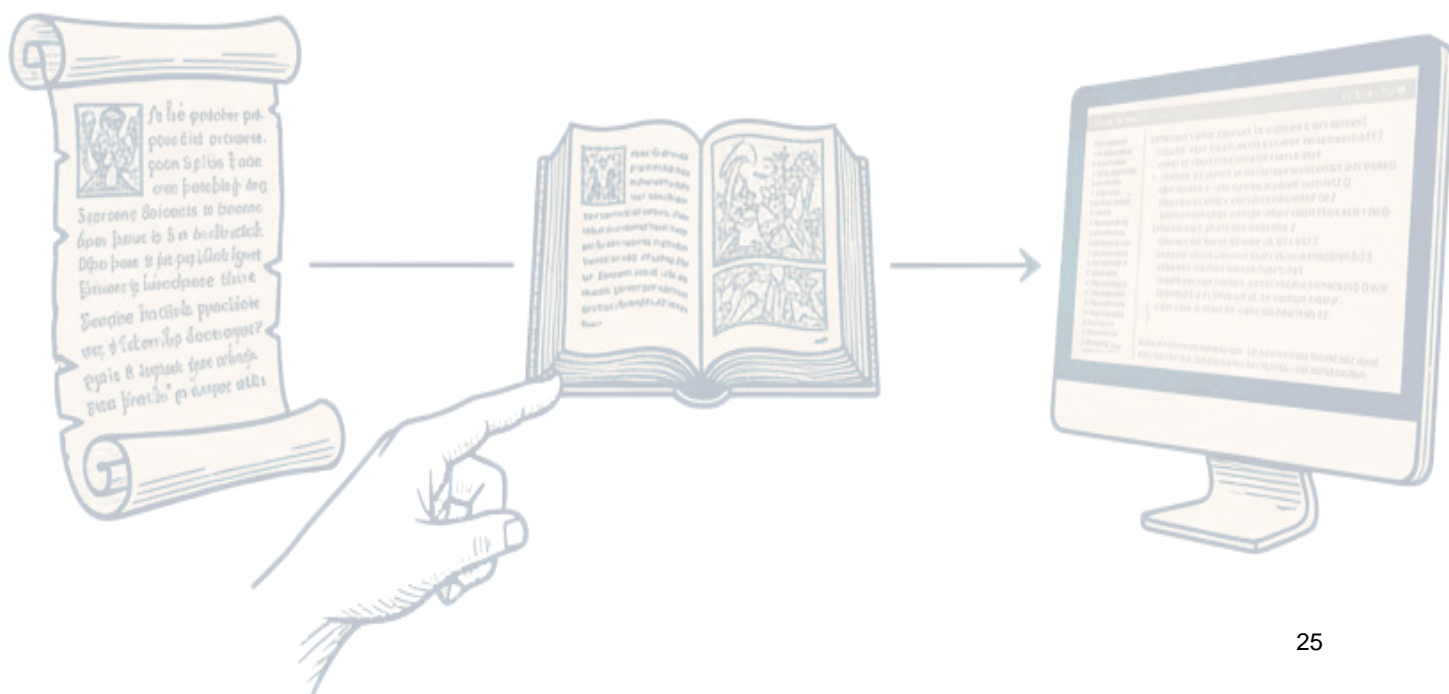
A dificuldade de acesso a materiais originais no estudo de manuscritos medievais realizado no Brasil é um aspecto de considerável impacto tanto na pesquisa quanto no ensino. Neste contexto, uma vez que muitos dos materiais encontram-se digitalizados e disponíveis gratuitamente em repositórios online, a aquisição e circulação de fac-símiles completos seria uma necessidade ou um luxo? Nesta comunicação apresentamos uma breve análise de um fac-símile completo do manuscrito insular conhecido como Livro de Durrow (TCD MS 57, Irlanda, século VIII), exemplar numerado 571 de 650 cópias produzidas. A reprodução está na seção de materiais especiais da Biblioteca Florestan Fernandes sob a cota ESP E92. A obra consiste em dois volumes, sendo um destinado à reprodução integral do manuscrito com os fólhos em seu tamanho original, e outro destinado aos apêndices, apresentando um material de grande valia para estudantes e pesquisadores, posto que compilam grande quantidade de informações sobre o estado da arte dos estudos codicológicos e historiográficos acerca do manuscrito reproduzido. O Livro de Durrow também está disponível integralmente no repositório digital do Trinity College Dublin, porém, consultar o material impresso, considerando principalmente a escala real dos fólhos, é um exercício distinto e necessário. O acesso e estímulo à consulta e manuseio de fac-símiles impressos permite uma perspectiva do manuscrito em relação ao observador que por vezes se desarticula na experiência digital. Além do aproveitamento acadêmico dos apêndices, consultar um fac-símile impresso levanta questões relativas ao olhar, ao acesso ao manuscrito original, bem como questões de acesso e circulação da própria reprodução.



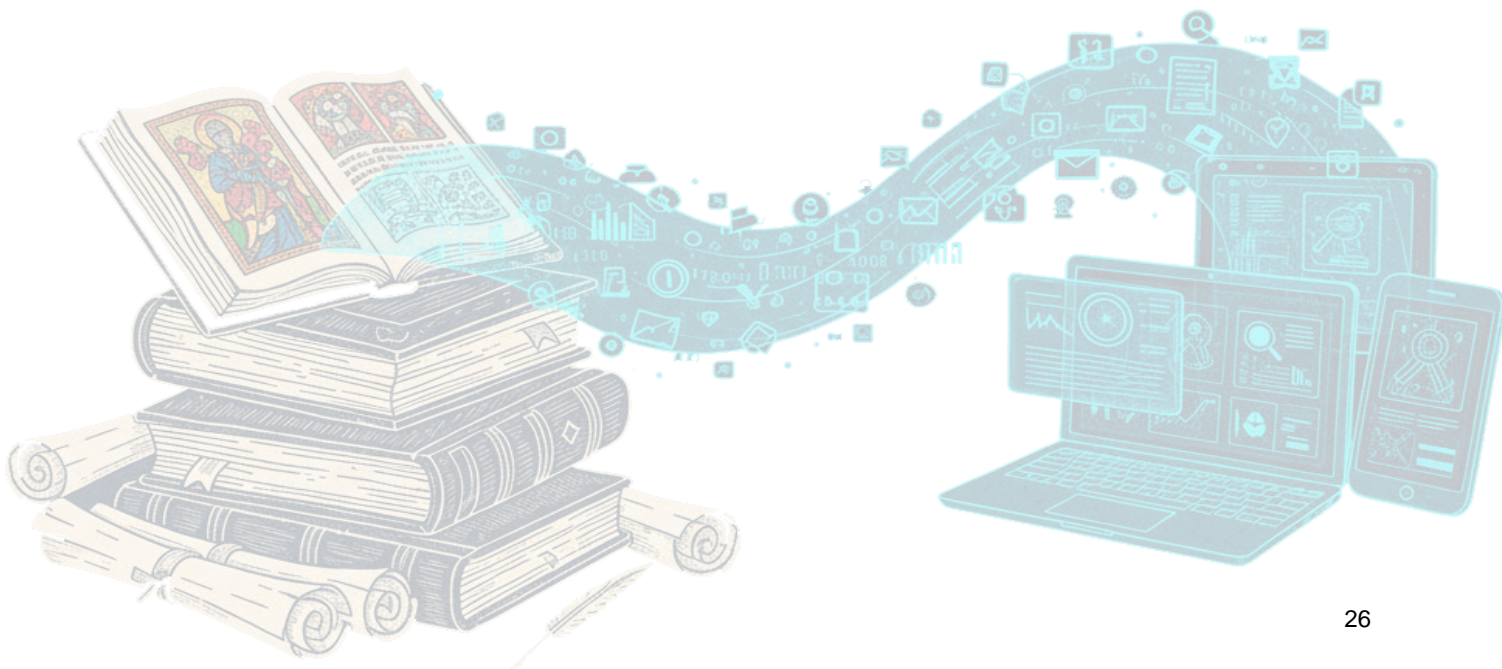
*Retórica e sátira no Compound of Alchemy de George Ripley:
práticas escritas poesia alquímica inglesa (c. 1450-c. 1550)*

Bruno Sousa Silva Godinho
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Na historiografia da alquimia, muito foi feito recentemente para o estudo dos textos alquímicos e suas associações e implicações literárias. Nessa mesma esteira, este trabalho tem por objetivo mostrar como um poema alquímico, o *Compound of Alchemy*, atribuído ao cônego inglês George Ripley (c. 1415-c. 1490), é repositório de dispositivos satíricos frequentemente usados em diferentes tipos de discursos tardo-medievais, como sermão e poesia. Uma questão central permeia, contudo, a existência dessa passagem no poema atribuído a Ripley: os manuscritos mais antigos do poema, datáveis do século XV, não contêm a passagem. Ela aparece, pela primeira vez, em um manuscrito do século XVI. Desse modo, o problema histórico que se configura vai além de uma questão de ordem retórico-poética: trata-se, também, de uma questão codicológica. Assim, argumentaremos que lugares-comuns satíricos foram usados para a construção de uma representação ficcional, “literária”, do falso ou ilegítimo alquimista, como ela aparece no quinto capítulo do poema. Essa representação foi uma parte essencial do discurso alquímico tardo-medieval na Inglaterra, na medida em que praticantes lutavam para manter suas reivindicações de legitimidade como alquimistas e a própria veracidade de sua arte. A invenção ou reciclagem de um estereótipo do ilegítimo ou falso alquimista era uma importante estratégia retórica para praticantes como Ripley e outros, que desejavam ser reconhecidos como legítimos alquimistas e almejavam fazer avançar o conhecimento alquímico e suas próprias ideias sobre a alquimia.



Este trabalho apresenta algumas reflexões a partir da pesquisa com a narrativa medieval irlandesa *Echtra Nerai*, tendo como foco o uso de manuscritos digitalizados. O conto aparece em códices como o *Yellow Book of Lecan*, o *Liber Flavus Fergusiorum* e o *Egerton 1782*, hoje preservados em bibliotecas da Irlanda e da Inglaterra, mas acessíveis em repositórios digitais como o CODECS e o Internet Archive. Essa disponibilidade abre novas possibilidades de pesquisa, sobretudo para quem não está próximo fisicamente desses acervos, mas também levanta questões importantes. Trabalhar com manuscritos digitalizados significa lidar com um documento que já passou por um processo de mediação: não é o códice em si, mas uma imagem que seleciona o que pode ou não ser visto. Isso exige cuidado na leitura e atenção para os limites impostos pelo suporte digital. Outro ponto é a experiência de lidar com documentos de outro país e em outra língua, que envolve tanto a dependência de traduções quanto a necessidade de compreender o contexto cultural em que o manuscrito foi produzido. A proposta, portanto, é pensar como a história digital modifica a relação do pesquisador com as fontes medievais e quais os impactos dessa transformação na escrita da Idade Média hoje.



História pública, acervos digitais e o ofício do medievalista: reflexões a partir dos atos régios de Filipe Augusto

Edilson Alves de Menezes Junior

Em estágio de pós-doutorado pela UFF/FAPERJ

Nas últimas décadas, intensificaram-se no Brasil os debates sobre o papel público da História e as formas pelas quais a produção acadêmica dialoga com públicos mais amplos. A consolidação do campo da história pública e o fortalecimento das discussões sobre os usos sociais do passado têm impulsionado reflexões sobre a circulação do saber histórico, a acessibilidade das pesquisas e os limites da comunicação entre o ambiente acadêmico e a sociedade. Nesse cenário, as transformações tecnológicas — com a expansão das mídias digitais, repositórios online e bases de dados de livre acesso — têm introduzido novos desafios e oportunidades para o ofício do historiador.

Contudo, qual é o papel efetivo dos acervos documentais digitais na produção de conhecimento histórico e na sua apropriação pelo debate público? No campo da história medieval, em particular, essa questão adquire contornos próprios. A presente comunicação propõe uma reflexão teórico-metodológica a partir de um corpus documental específico: os atos régios de Filipe Augusto (1180–1223), disponíveis na plataforma Gallica, da Biblioteca Nacional da França. Trata-se de um acervo digitalizado de alto valor histórico, que oferece livre acesso a fontes primárias fundamentais para a pesquisa medieval. Considerando que a fonte documental é a base do rigor analítico do historiador, é necessário examinar até que ponto esses registros estão sendo mobilizados — ou, ao contrário, ignorados — nos esforços contemporâneos de divulgação e apropriação pública da história medieval. Paradoxalmente, enquanto o acesso digital se expande, parece haver uma redução de sua presença nos debates públicos mais amplos, sobretudo diante de discursos neomedievalistas que frequentemente instrumentalizam imagens distorcidas do passado, sem vínculo com os documentos históricos ou com a crítica historiográfica.

Partindo do caso francês, a comunicação pretende discutir as possibilidades e os limites da atuação do historiador diante desse cenário: o papel da formação profissional na curadoria e interpretação das fontes, os desafios de inserção nos espaços digitais, e as implicações da circulação de documentos fora dos circuitos acadêmicos. Por fim, busca-se reafirmar a centralidade dos acervos digitais como espaços estratégicos de intervenção historiográfica, não apenas como ferramentas técnicas, mas como pontos de tensão entre memória, autoridade do saber histórico e disputas em torno do passado.

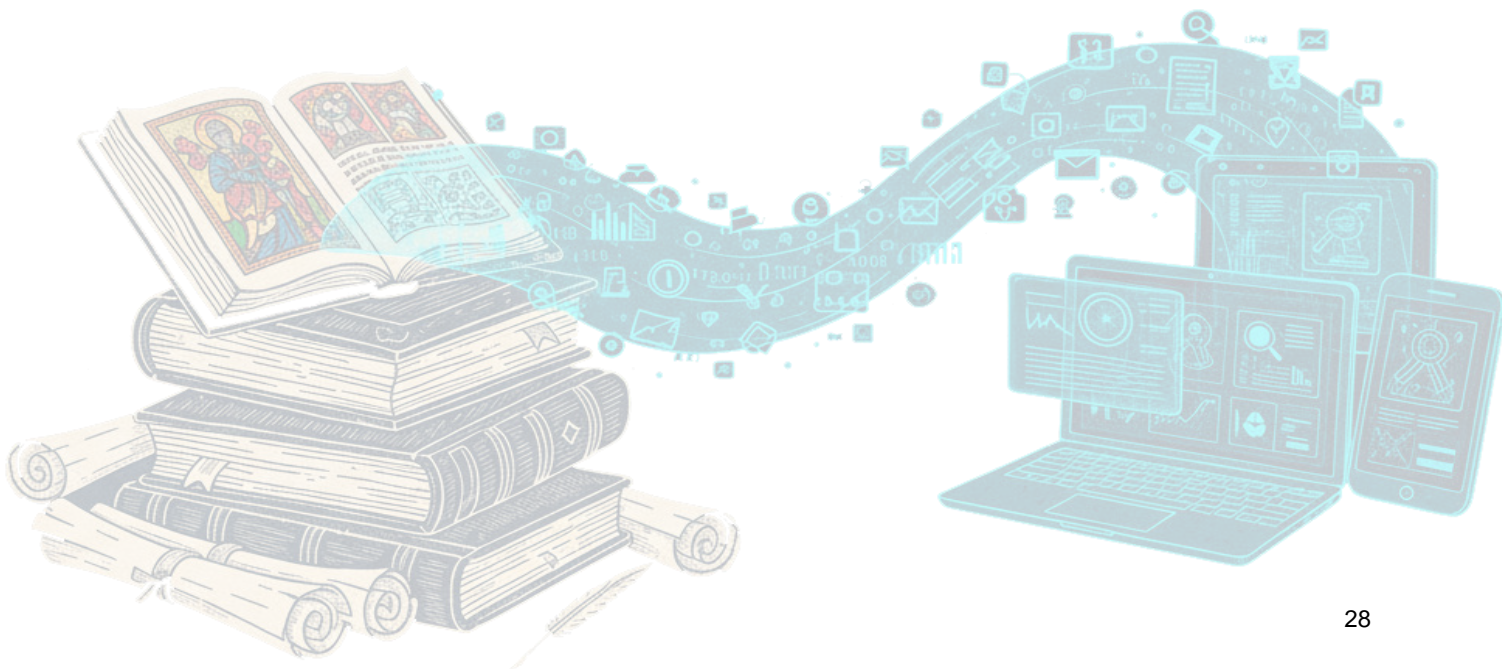
Auctor e auctoritas: a construção de Isidoro de Sevilha como autoridade e o uso das Etimologias na Baixa Idade Média

Muriel Araujo Lima
Universidade de São Paulo

Este trabalho investiga a construção e transformação da autoridade de Isidoro de Sevilha (c. 560–636) na Idade Média, a partir de sua obra *Etimologias*, um dos textos mais influentes de todo o período medieval. Concebida como uma síntese do conhecimento disponível em seu tempo, a obra abrange temas que vão da natureza — incluindo animais, geografia e seres humanos — à medicina, linguagem e teologia, tornando-se uma das principais fontes de saber para autores e compilações posteriores. Ao longo dos séculos, a obra foi amplamente copiada, adaptada e reinterpretada, refletindo a circulação e transformação do conhecimento no espaço mediterrânico, entendido não apenas como uma região geográfica, mas como um meio dinâmico de comunicação e intercâmbio intelectual.

Neste contexto, Isidoro emerge como *auctor* que ultrapassa o texto original e se consolida como símbolo de legitimidade do saber, inclusive para além do Mediterrâneo. Como estudo de caso, analisamos o Bestiário de Aberdeen (séculos XII/XIII), manuscrito no qual Isidoro é citado nominalmente como fonte de conhecimento e também representado em uma iluminura como escritor ou escriba — imagem que figura e reforça sua posição de *auctoritas*.

O objetivo desta comunicação é discutir a natureza multifacetada da autoridade isidoriana em um manuscrito baixo-medieval, examinando de que modo a sua obra foi apropriada, transformada e recontextualizada ao longo dos séculos. A análise propõe, assim, compreender como o estatuto de Isidoro enquanto autor e autoridade pode ser observado dentro das redes de transmissão e circulação do saber medieval.

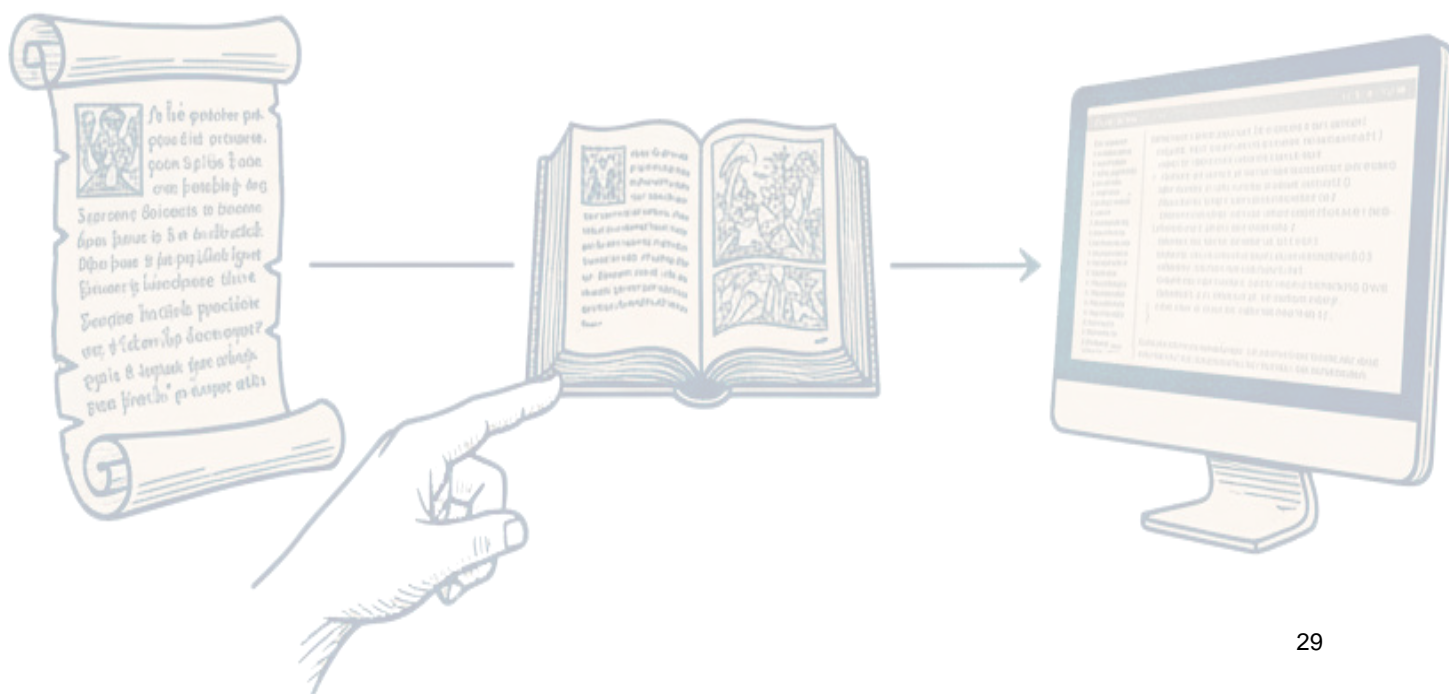


Medievalidades nas Histórias em Quadrinhos: Apropriações, Representações, Transmissões e Usos Públicos da História Medieval

Savio Queiroz Lima

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O trabalho busca refletir sobre os processos representativos do medievo nas histórias em quadrinhos. Partindo de um mapeamento e uma abordagem crítica sobre as tipologias representativas do medievo nas histórias em quadrinhos, o proposto debate evoca o conceito de medievalidades para compreender o uso do passado pela indústria cultural de entretenimento. A partir da historiografia e dos instrumentos analíticos de fontes discursivas e iconográficas-iconológicas, o presente ensaio apresenta a experiência de pesquisa com histórias em quadrinhos dentro das expectativas da História. Aborda, criticamente, as histórias em quadrinhos de duas naturezas de gênero narrativo: A ficção histórica de contexto e a inserção do tema histórico na ficção/fantasia. Além disso, é possível, também, compreender a origem da representação vinda de duas pesquisas históricas, de uma historiografia e suas fontes, e da representação oriunda da Literatura e Mitologia do período. São narrativas contemporâneas que buscam apropriar, representar e transmitir o medievo, quer ambientadas em contextos históricos da chamada Idade Média, quer influenciadas pelos elementos e características que compõem a compreensão pública deste passado em tempos diversos. Deste modo, são caros e indispensáveis os conceitos de Medievalismo, Neomedievalismo, Medievalidades, Neomedievalidades, Representação, Imaginário e Discurso, neste estudo em formato de ensaio científico.



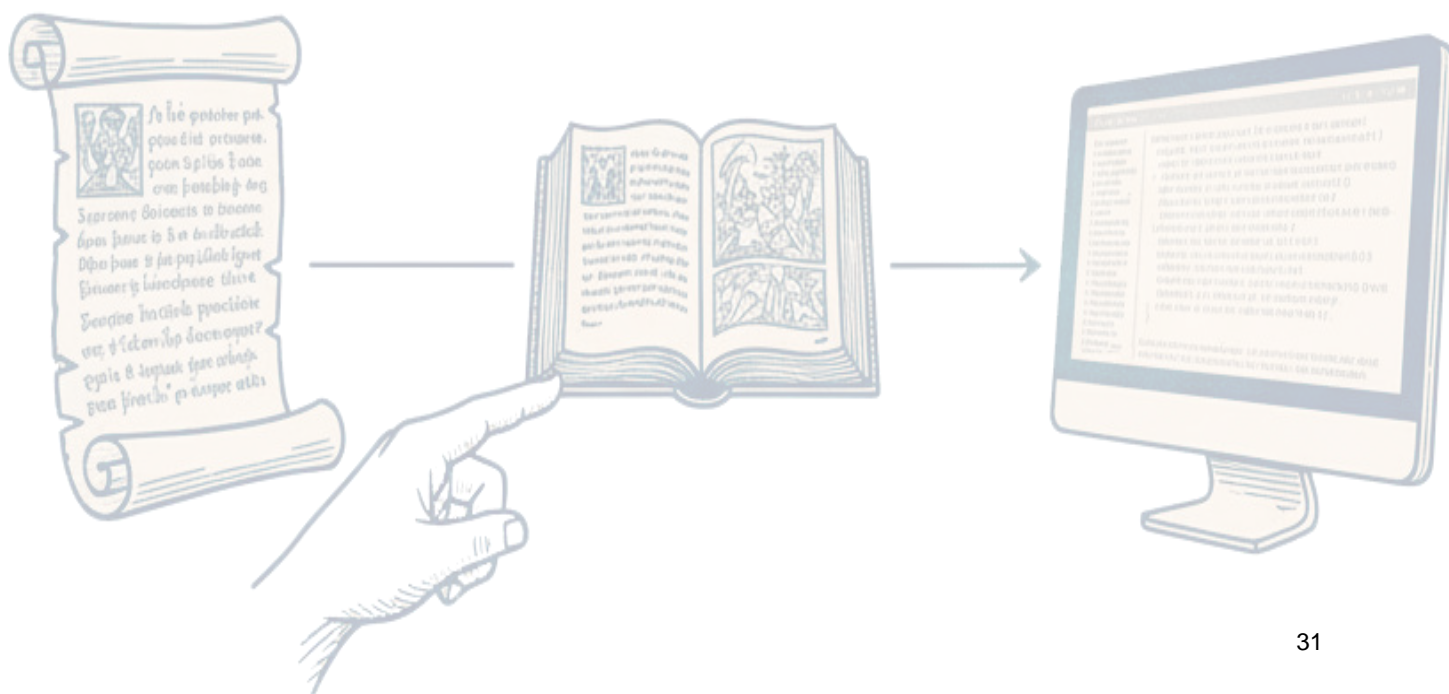
Hidden Variants: The Semantics of Palaeographic Errors in Manuscripts of Old Norse Poetry

Elliott Arlo Little

University of Iceland / University of Oslo

There is a sizable corpus of Old Norse poetry that was composed before book technology arrived in the medieval North. As such, many poems are only attested hundreds of years after they were composed and can be significantly altered by the scribe that recorded them. Much of Old Norse philological inquiry seeks to reconstruct the original forms of these poems by examining each textual variant. In common practice, this comparison has been done using editions of texts, as a direct comparison of manuscripts has, up until recently, been logistically infeasible. However, with the digitization of Old Norse manuscripts and the publishing of online, open access catalogs of these manuscripts by such projects as Handrit.is, the direct comparison of manuscripts is possible. This expands the philologist's textual criticism toolkit, as a paralinguistic level of meaning can be considered: paleographic scribal errors and alterations. These elements are invisible on the layer of the edition, as the characters that the scribe intended are clearly rendered, but there is no way to represent the flourishes, corrections, and uncertainties visible in the manuscript. These paralinguistic features may contain information concerning the scribe's comprehension and mediation of the words he is transcribing. This paper will use the poem *Hymiskviða* as a case study to examine these paralinguistic features and the information that can be gleaned from them. This eddic poem exists in two different manuscripts, both set to vellum at the end of the thirteenth century, likely from the same older exemplar, which means the two manuscripts hold equal weight in terms of stemmatology. For the poem itself, there is evidence to suggest it was composed as early as the beginning of the tenth century. As such, both versions of the poem display scribal changes that are the result of scribes' thirteenth century understanding of his own language. Sometimes the more original reading is quite obvious, as metrics and poetic features point to one reading or another, but other conflicting readings can only be held as equal. However, by looking at the manuscript itself, we can begin to see the process that the scribe is going through in order to interpret the words of *Hymiskviða* in his own language, which can potentially reveal what the scribe was reading in the first place. This gives clues into what the more original meaning may have been, as well as suggesting readings that are not present in either manuscript where independent interpretation and change has occurred. The electronic availability of digitized manuscripts

has made it possible to compare manuscripts directly in this way, and it is important that the field of Old Norse philology utilize this to its fullest potential. Though paralinguistic paleography of this type can only be analysed in specific situations, as it does not always occur, this paper argues that it contains relevant information that should be a part of the textual criticism toolkit.



*Do texto à celebração: circulação e difusão da missa de Corpus Christi
(séculos XIV e XV)*

Doglas Lubarino

École Pratique des Hautes Études / Universidade de Campinas

A Missa da festa de Corpus Christi ocupa um lugar singular na história da liturgia latina, por ser uma das solenidades mais recentes a integrar o calendário romano. Instituída por Urbano IV em 1264, foi acompanhada de um ofício e de uma missa anexados à bula *Transiturus de hoc mundo*. Apesar da presença dessas fórmulas eucológicas no documento pontifício, a celebração só conheceu uma verdadeira difusão no início do século XIV. Clemente V renovou a bula do papa Urbano durante o Concílio de Viena, em 1311, e, alguns anos mais tarde, João XXII introduziu novas prescrições litúrgicas, como a instituição de uma oitava e de uma procissão solene em 1318. Essas resoluções pontifícias do século XIV se acompanharam da adoção da festa por diversas ordens religiosas, entre elas os Cartuxos e os Dominicanos (1318), os Franciscanos (1319) e os Agostinianos (1326).

Propomos, portanto, examinar a difusão dessa celebração a partir de um conjunto de manuscritos litúrgicos datados entre os séculos XIII, XIV e XV. Trata-se, nesta comunicação, de apresentar alguns resultados preliminares de uma pesquisa ainda em fase inicial, que visa estudar de maneira sistemática a circulação e as possíveis variações textuais nas diferentes fontes que conservam essa missa. Concentrar-nos-emos particularmente na tradição textual do introito da missa de *Corpus Christi*, observando suas variações tanto na celebração principal quanto na oitava, entre os séculos XIV e XV.

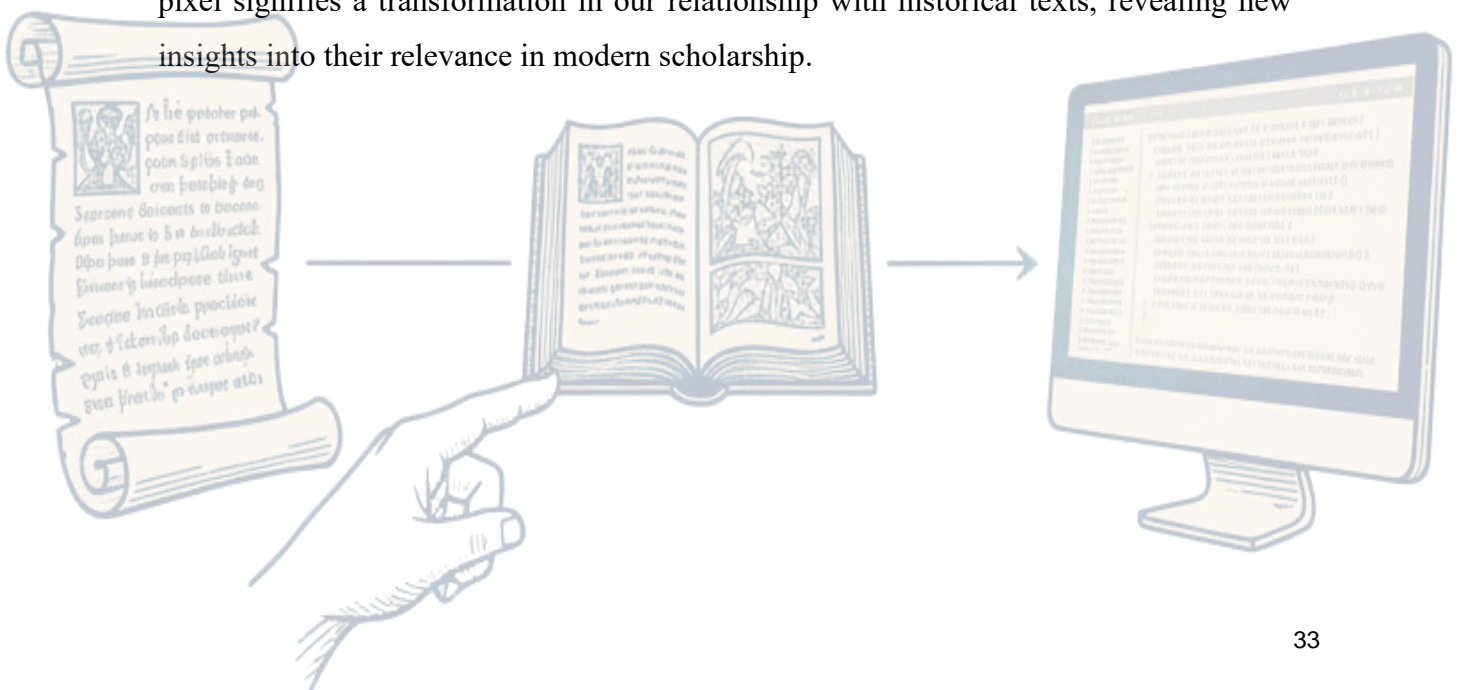
O exame dessas diferenças e de sua circulação, tanto no âmbito do clero regular quanto do secular, permite situar a difusão dessa celebração como parte de um movimento mais amplo de transmissão, circulação e reelaboração dos textos litúrgicos, característica intrínseca da diversidade ritual da Idade Média.



From Parchment to Pixel: Exploring the Transformation of Medieval Writing and Its Modern Implications

Ananda Majumdar
Antarctic Institute of Canada

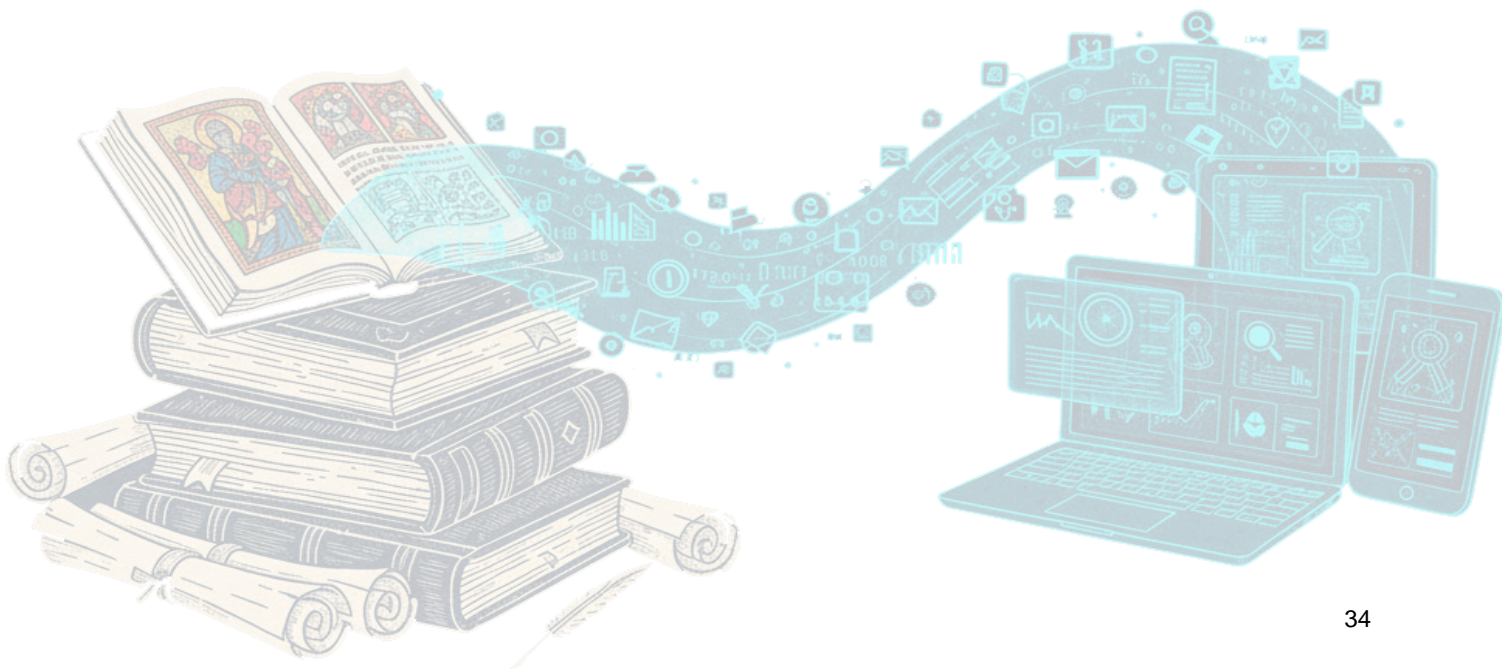
The study of medieval writing highlights the deep connection between technology and historical narratives. In the Middle Ages, writing was a sacred task, with parchment as the primary medium symbolizing permanence and authority. Monastic scribes, particularly those from the Cistercian order, played a crucial role in preserving knowledge, with their choices reflecting the educational and institutional goals of their time. They produced various texts, such as annals and hagiographies, often in alignment with the church's spiritual and cultural objectives. The physical qualities of parchment influenced writing styles, with wide margins allowing for commentary and decorative elements that enhanced reader engagement. As we enter the digital age, the transition from physical manuscripts to digital reproductions alters our understanding of these texts. Lisa Fagin Davis, in “Framing the Fragment, from Parchment to Pixel,” discusses how digitization can obscure the original conditions of historical documents, raising questions about authenticity and textual integrity. Organizations like the Centre for the Study of Medieval Manuscripts and Technology emphasize the complexities of digitization, particularly in the selection of texts, which can create gaps in our understanding of history. Medieval communication wasn't limited to parchment; inscriptions on rings and tombs challenge traditional definitions of what constitutes a manuscript. Digital tools offer new ways to engage with history, but they also risk oversimplifying original details. Studying medieval writing today requires a multidisciplinary approach that connects codicology, digital humanities, and rhetorical theory. This evolution from parchment to pixel signifies a transformation in our relationship with historical texts, revealing new insights into their relevance in modern scholarship.



Discurso, disciplina e identidade: A crítica alimentar de Bernardo de Claraval na deslegitimação de Cluny (Epístola I)

Stella Maris Borges Tuttolomondo Valle Motta
Universidade Estácio de Sá

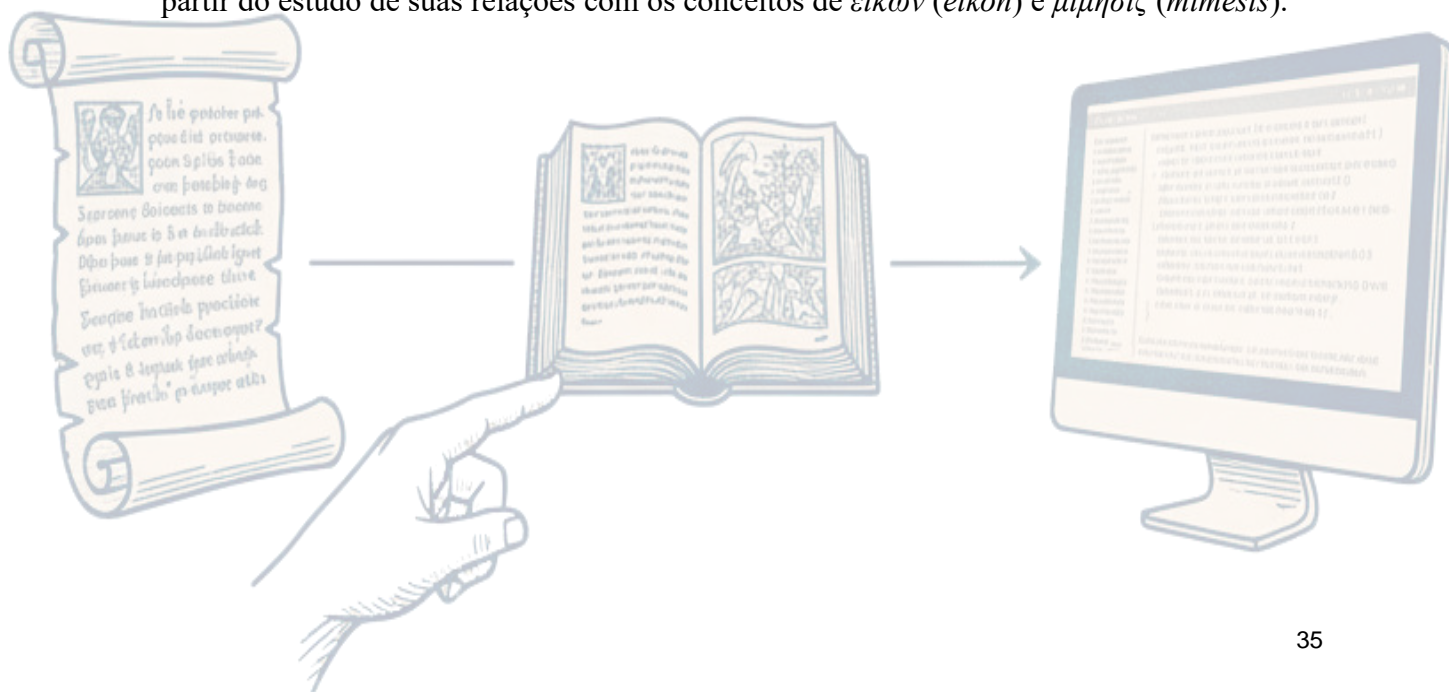
O trabalho propõe uma análise da Epístola I de Bernardo de Claraval a seu sobrinho Roberto (século XII), examinando de que modo a escrita epistolar é mobilizada como instrumento de normatividade no contexto monástico. O objetivo é investigar como a crítica às especiarias e condimentos se articula a um sistema ascético que associa o prazer do paladar à corrupção espiritual, funcionando como estratégia de deslegitimação das práticas alimentares da Ordem de Cluny. A carta é abordada como um caso exemplar da disputa institucional entre Cister e Cluny, no qual a alimentação se converte em dispositivo discursivo de poder e identidade. A pesquisa utiliza a Análise do Discurso na perspectiva de Eni Orlandi e os fundamentos de Michel Foucault — poder disciplinar, formações discursivas e regime de verdade — para compreender como o texto constrói fronteiras simbólicas e institucionais. O discurso de Bernardo censura os condimentos (“pimenta, gengibre, cominho”) e exalta a dieta austera, apresentada como retorno aos princípios beneditinos. Essa retórica inscreve o paladar no dualismo corpo-espírito, interpretando o gosto como sedução que ameaça a perfeição religiosa. Ao deslocar a alimentação do plano privado (prazer, desejo) para o plano público (regra, norma, vigilância), a epístola se constitui como documento normativo que reafirma a identidade cisterciense e a projeta como guardiã da verdadeira vocação monástica. Dessa forma, o estudo evidencia como a escrita de Bernardo integra a disputa pela hegemonia monástica do século XII, transformando o alimento em eixo discursivo de disciplina e identidade.



“Os sábios ensinamentos da teologia florescem e brotam”: o conceito de “ortodoxia” na décima sétima homilia do Patriarca Fócio de Constantinopla

Pedro Henrique Valentim do Nascimento
Universidade de São Paulo

Após o Segundo Concílio de Nicéia (787), as imagens em Bizâncio foram retiradas da posição marginalizada que lhes fora imposta pela iconoclastia e passaram a ocupar um lugar de maior destaque nos ambientes litúrgicos do Império. No entanto, ao assumir o título de imperador dos romanos, Leão V, o Armênio (775–820), retomou a iconoclastia como política central do Império. Iniciou-se, assim, uma longa sucessão de governantes iconoclastas, que perdurou até a regência da imperatriz Teodora (c. 815–867), que finalmente restaurou a veneração às imagens em 843. É nesse contexto – mais precisamente 24 anos após a restauração das imagens por Teodora – que o patriarca Fócio de Constantinopla profere sua homilia acerca da imagem da Virgem na abside da Basílica de Hagia Sophia. A homilia, para além de descrever a imagem de Maria, centra-se na defesa da iconodulia e na consagração da vitória dos defensores das imagens sobre os iconoclastas. A exegese do texto, no entanto, não pode ser plenamente compreendida sem considerar um conceito: *opθodoζία* (*ortodoxia*). O objetivo desta comunicação é investigar como o conceito de ortodoxia, ao ser aplicado à imagem da *Theotokos* na abside da Hagia Sophia, é mobilizado como instrumento a conferir prestígio a duas esferas fundamentais: a imperial, por meio do destaque concedido por Fócio aos imperadores, e a religiosa, por meio da crítica ao movimento iconoclasta e do reconhecimento dos ícones como meios legítimos de acesso ao protótipo – como definido pelo Segundo Concílio de Nicéia. Dessa forma, propomos um exercício de história conceitual, visando compreender o conceito de ortodoxia na décima sétima homilia do patriarca Fócio de Constantinopla a partir do estudo de suas relações com os conceitos de *εἰκών* (*eikon*) e *μίμησις* (*mímesis*).

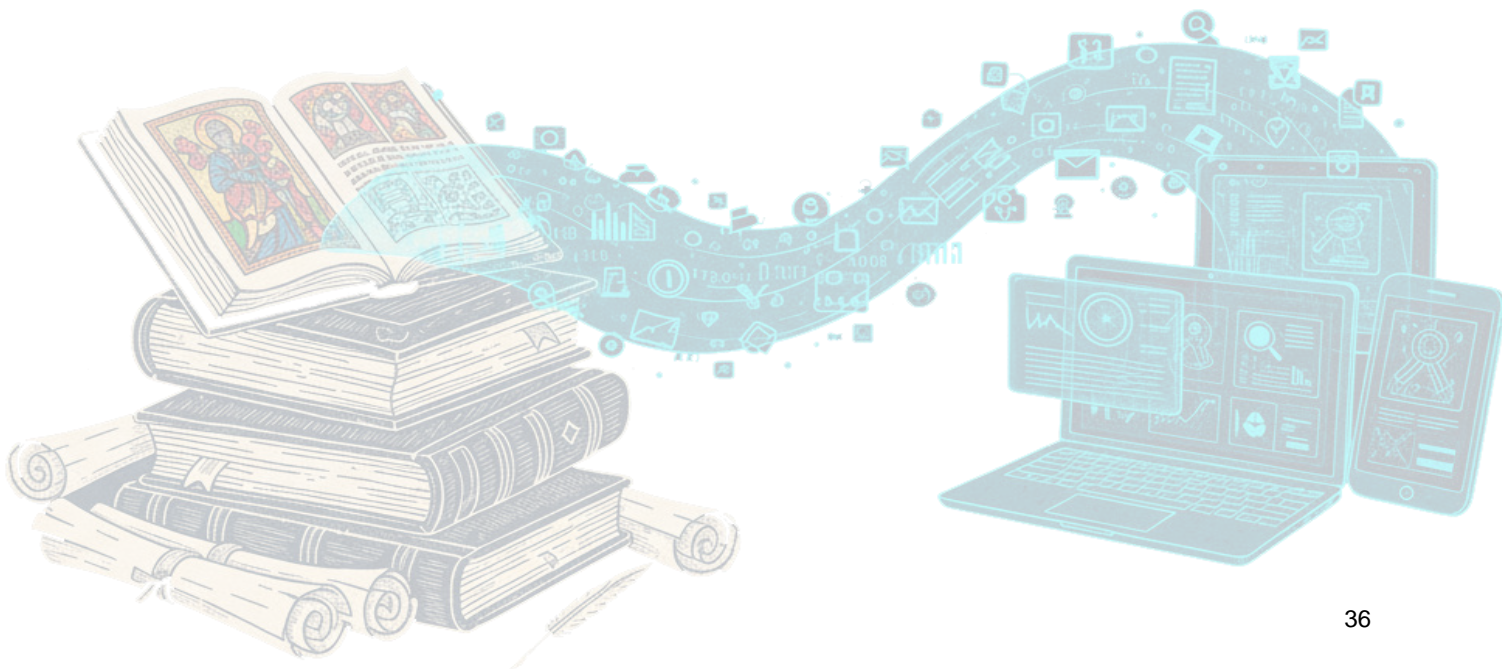


Riurik encontra a América: contextualizando historiograficamente “O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev” (1942)

Leandro César Santana Neves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Há uma tópica recorrente na meta-historiografia brasileira que se refere aos representantes de correntes importantes do desenvolvimento historiográfico nacional. Sem exceções, todos eles teriam escrito exclusivamente sobre a História do Brasil, não havendo margem para trabalhos sobre outras especialidades. Ao mesmo tempo, o oposto é perceptível nos balanços sobre a História Medieval brasileira, geralmente ignorando tendências historiográficas que tratam de temporalidades posteriores e espaços fora da Afroeurásia Ocidental-mediterrânea. Deste modo, a presente comunicação terá como alvo a contestação desta suposta exclusividade entre grandes áreas historiográficas a partir de uma análise de “O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev”, tese doutoral defendida em 1942 por Eurípedes Simões de Paula (1910-1977), levando em consideração três outras teses coetâneas: “O Comércio no Rio da Prata de 1580 a 1640”, de Alice Piffer Canabrava (1942); “A Política Colonial de Hespanha Através das Encomiendas”, de Astrogildo Rodrigues de Mello (1942); e “A Penetração Comercial da Inglaterra na América Espanhola, de 1713 a 1783”, de Olga Pantaleão (1944). A comparação dos trabalhos possui um eixo em comum: todos eles foram orientados por Jean Gag   (1902-1986) na Universidade de São Paulo. Pretende-se assim elucidar e mensurar de que forma Simões de Paula, para além da historiografia que abordou especificamente o seu objeto, dialogou com a escrita da História uspiana de sua época.



Alfabetos figurados e alfabetos figurativos: escrita, imagem e ornamentação no Ocidente medieval

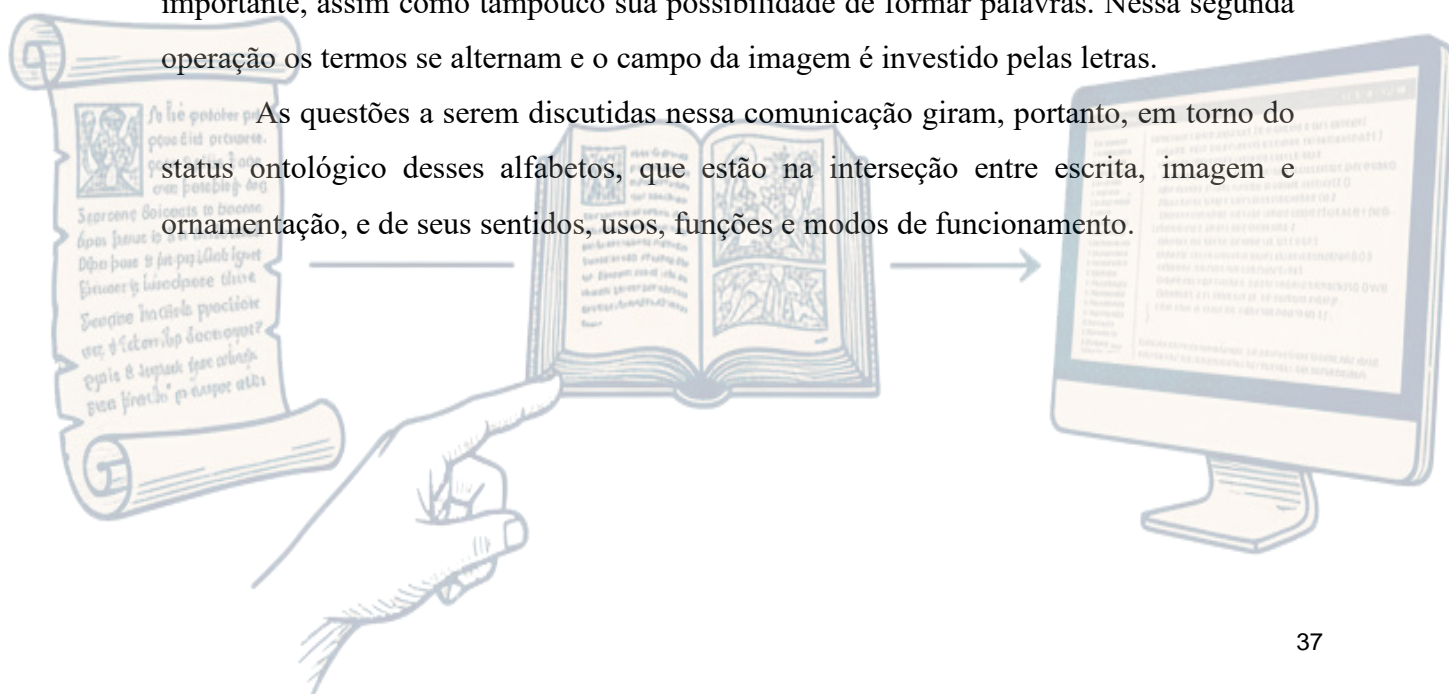
Maria Cristina C. L. Pereira
Universidade de São Paulo

A clivagem radical muitas vezes operada pelos estudiosos entre texto e imagem pode ser colocada em questão de diferentes formas – é o caso, por exemplo, dos caligramas ou ainda, como era comum no mundo medieval, das letras formadas por imagens. Nesta comunicação será discutido um conjunto específico destas últimas: os chamados alfabetos figurados (*alphabets figurés*).

Por alfabetos figurados pode-se entender dois tipos desse agrupamento sequencial de letras: o primeiro, e mais usual, é aquele em que as letras são formadas (ou deformadas) por imagens, servindo como modelos a serem replicados em escritas de aparato, tais como *incipits* de luxo. O segundo, mais raro, é aquele em que o próprio alfabeto se transformou em motivo iconográfico, encontrado, por exemplo, escrito em um livro aberto representado em cena de ensino.

A fim de melhor diferenciar as operações que os produzem, proponho designar o primeiro tipo como “alfabetos figurados” e o segundo, “alfabetos figurativos”. A primeira operação é aquela em que a escrita, em sua unidade mais básica que são as letras, é tomada pelo universo da imagem – e da ornamentação, em sentido mais amplo –, sem no entanto perder sua legibilidade nem a “letridade” de suas letras, assim como tampouco sua capacidade de seguir participando do universo do texto. O campo do texto é, pois, investido pela imagem. A segunda é aquela em que as letras do alfabeto, mantidas em conjunto, servem elas mesmas de ornamentação; embora a letridade seja conservada a fim de garantir o reconhecimento do conjunto-alfabético, sua legibilidade não é o mais importante, assim como tampouco sua possibilidade de formar palavras. Nessa segunda operação os termos se alternam e o campo da imagem é investido pelas letras.

As questões a serem discutidas nessa comunicação giram, portanto, em torno do status ontológico desses alfabetos, que estão na interseção entre escrita, imagem e ornamentação, e de seus sentidos, usos, funções e modos de funcionamento.

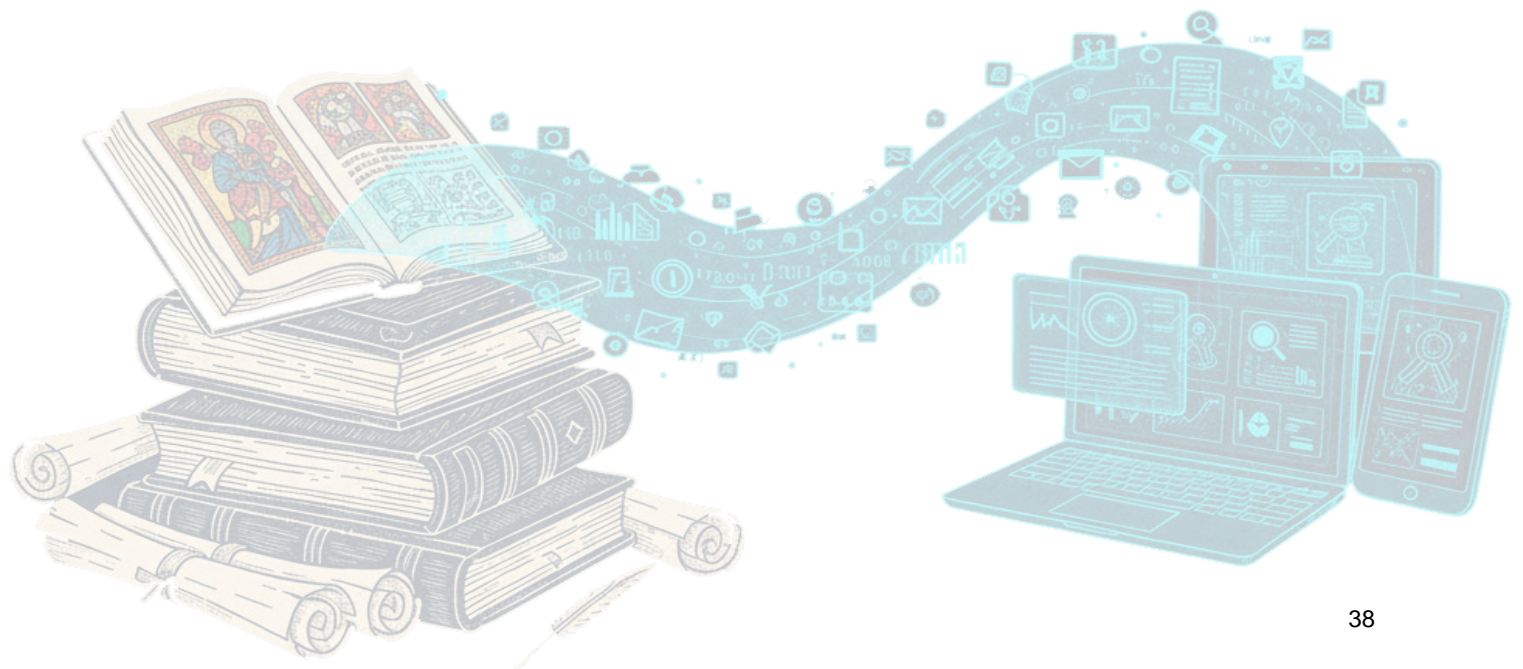


Activities Without Work? Digital Essays on the Medieval Semantics of opus, labor, and servitium

Nicolas Perreaux

Université de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne

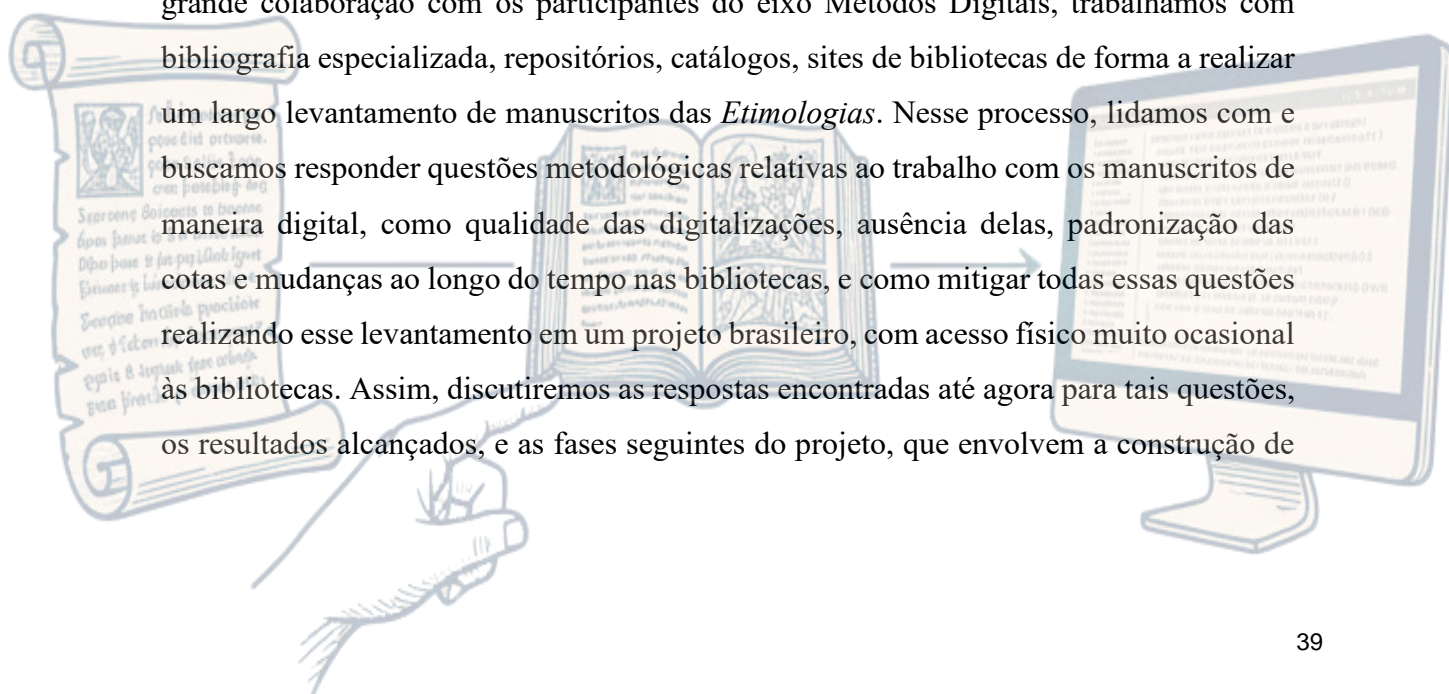
Can we really refer to “work” in the Middle Ages? This paper revisits a central question in medieval studies, drawing on a digital analysis of more than 200 million words from Latin corpora (Vulgate, *Patrologia Latina*, CEMA, *Corpus Thomisticum*). First, we will show that medieval Europe did not have a unified category of “workers”: the term *laborator*, often invoked by historiography in the context of the “theory of the three orders,” remains extremely rare and geographically limited. This absence calls into question the very relevance of the concept of “medieval work.” Semantic analysis then reveals that the main Latin terms traditionally translated as “work” (*opus*, *labor*, *servitium*) do not form a strictly coherent lexical field. Each fits into a different level of the system of representations: *opus* merges action and result in a spiritualized and polarized work; *labor* refers to a transitory state of physical suffering; *servitium* expresses the relationship of domination and experienced spectacular growth from the 5th to the 13th century. Finally, we will show that this fragmentation is not accidental: the lack of articulation between these terms was structurally necessary to maintain the logic of *dominium* and made it impossible for “work” to emerge as a value of exchange—a fundamental concept of our capitalist system. This research thus invites us to rethink medieval production relations outside the anachronistic prism of “work.”



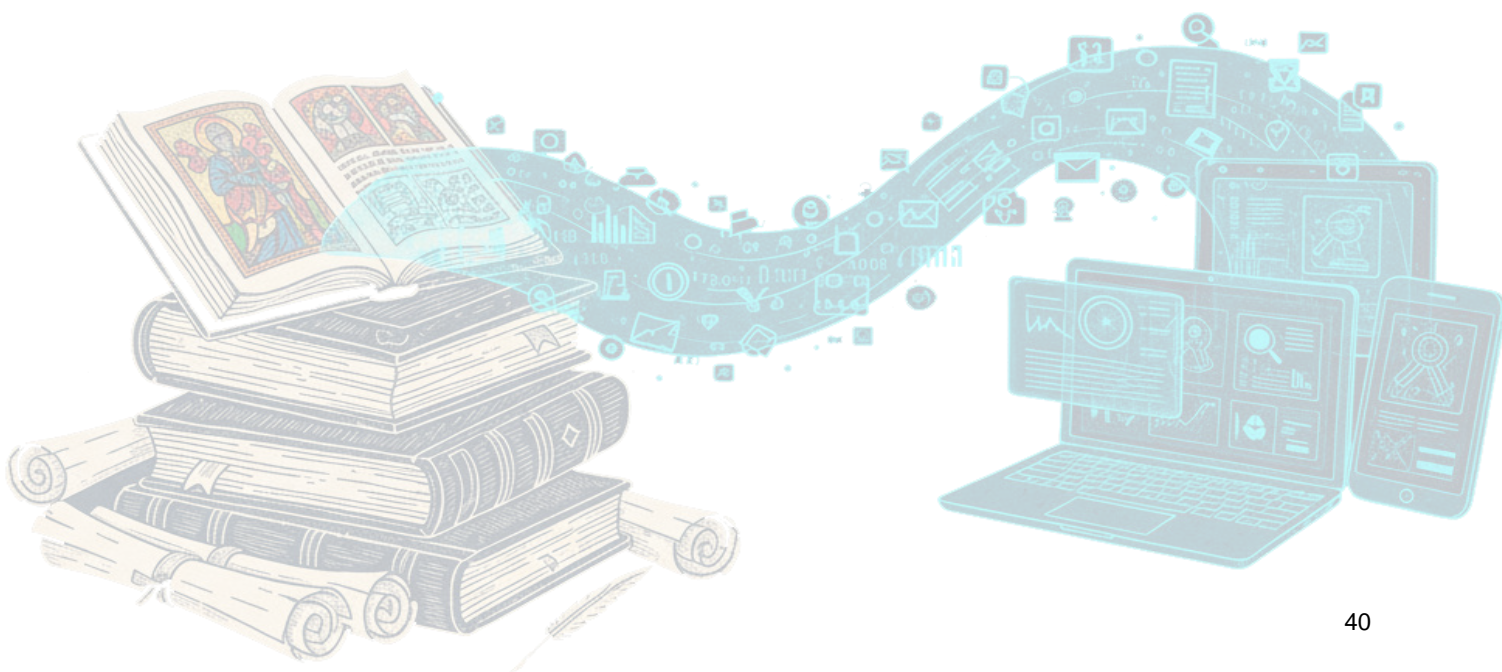
As Etimologias de Isidoro de Sevilha no século XXI: um trabalho de catalogação dos manuscritos baixo-medievais das Etimologias

Júlia Rovida de Oliveira Ramos
Universidade de São Paulo

O bispo visigodo Isidoro de Sevilha (569-636) escreveu a obra das *Etimologias* no início do século VII, com o auxílio do também bispo Bráulio de Saragoça (590-651). Composta por 20 livros, os quais tratam das mais diversas temáticas, desde aritmética e astronomia até teologia e medicina, é considerada uma das primeiras obras de caráter enciclopédico do ocidente. Compilando o conhecimento greco-romano, advindo de sua formação nos moldes clássicos, Isidoro também adiciona a esse conhecimento as mudanças ocorridas ao longo dos séculos iniciais da expansão cristã pela Europa e sua consolidação enquanto religião dominante, sendo considerado um dos Doutores da Igreja e responsável por um processo de tradução entre o mundo greco-romano e o mundo cristão medieval em formação. Sendo assim, as *Etimologias* se tornaram uma obra fundacional e de referência no ocidente medieval, sendo copiada milhares de vezes ao redor de toda a Europa. A partir desse *corpus* documental imenso, representado pelas várias centenas de manuscritos e fragmentos que chegaram até o século XXI, propomos um trabalho de catalogação desse material. Partindo do trabalho realizado pelo projeto neerlandês *Innovating Knowledge*, o qual realizou uma catalogação dos manuscritos alto-medievais produzidos no contexto de um Renascimento Carolíngio, adicionamos nossa contribuição propondo um catálogo digital voltado para os manuscritos alto-medievais que contenham imagens. Dentro do contexto do Projeto Temático Uma História Conectada da Idade Média - Comunicação e Circulação a partir do Mediterrâneo (HisCoMM), e do Projeto Transversal Etimologias - Do Manuscrito ao Hipertexto, e em grande colaboração com os participantes do eixo Métodos Digitais, trabalhamos com bibliografia especializada, repositórios, catálogos, sites de bibliotecas de forma a realizar um largo levantamento de manuscritos das *Etimologias*. Nesse processo, lidamos com e buscamos responder questões metodológicas relativas ao trabalho com os manuscritos de maneira digital, como qualidade das digitalizações, ausência delas, padronização das cotas e mudanças ao longo do tempo nas bibliotecas, e como mitigar todas essas questões realizando esse levantamento em um projeto brasileiro, com acesso físico muito ocasional às bibliotecas. Assim, discutiremos as respostas encontradas até agora para tais questões, os resultados alcançados, e as fases seguintes do projeto, que envolvem a construção de



uma página na plataforma digital analítica sendo elaborada pelos integrantes do eixo Métodos Digitais, e a publicação do catálogo por meio dela.

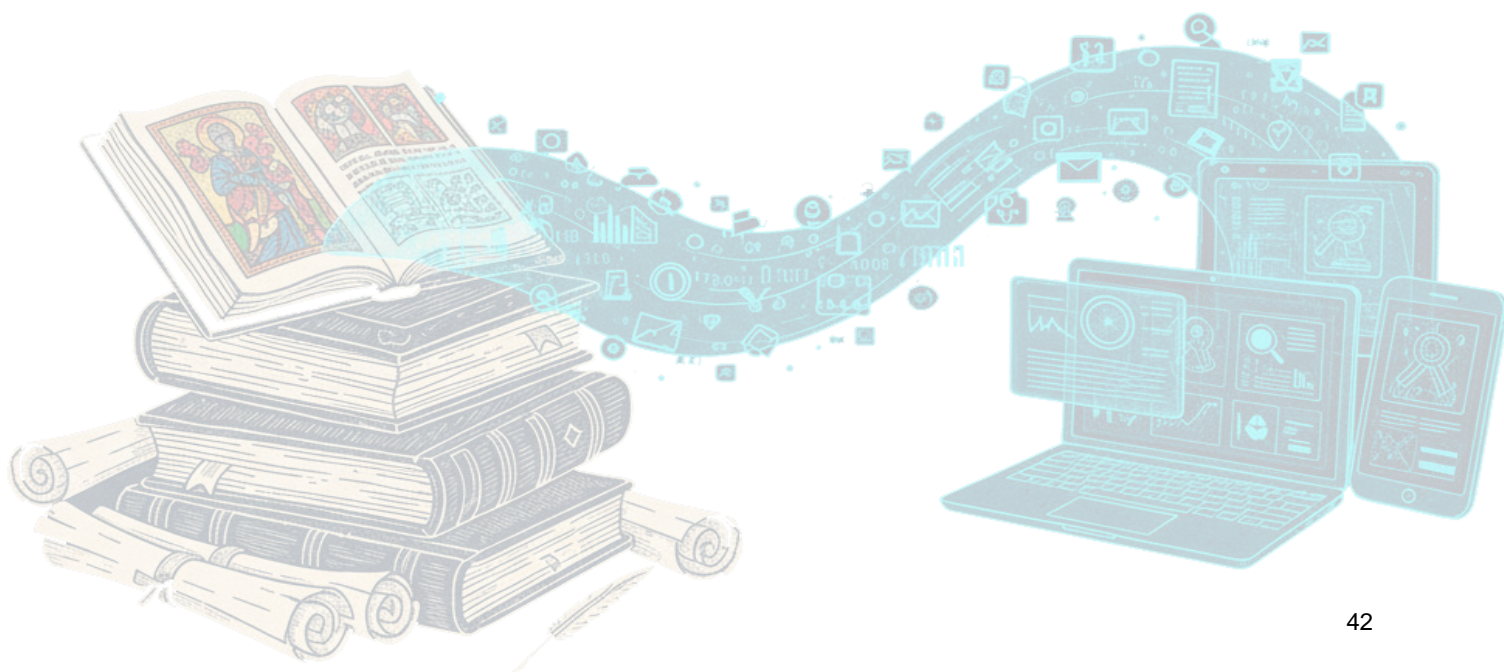


O medievo é conhecido por prezar a antiguidade de certas coisas. Um autor renomado era, normalmente, um autor antigo. A confiança era traçada nas linhas das eras, na confirmação pelo uso e pela repetição de referências e autoridades. Essa preferência criou algo: ferramentas de guerra argumentativa. Autores muitas vezes acusavam seus adversários de introduzirem novidades, de macularem o que era tradicional e garantido — algo presente sobretudo nos debates teológicos, nas acusações de heresia ou heterodoxia, mas também nos estudos das artes, isto é, da filosofia. Pedro Abelardo foi acusado de implementar novidades à teologia trinitária; Gilberto de Poitiers, igualmente. Outros autores, críticos do ensino de seu tempo, escreviam instruções aos estudantes sobre a vida de estudos. Hugo de São Vitor, em suas obras, recomenda sempre ater-se à tradição; João de Salisbury, autor de uma obra que critica a situação das escolas e do estudo da filosofia em sua própria época, demonstra em sua pena a preocupação com o afastamento dos autores antigos pela geração de estudantes das primeiras décadas do século XII. Essas características, porém, não excluem a atenção e até mesmo o apreço que os medievais tinham pelos autores de seu próprio tempo. O próprio João de Salisbury critica a falta de confiança dos alunos nos mestres modernos, isto é, contemporâneos — além de apontar também o mal que é ler apenas os antigos, uma vez que autores de séculos passados também poderiam ter errado. João, da mesma forma, exalta os professores modernos: muitos deles, segundo ele, não ficariam devendo nada ao próprio Aristóteles. Esse apreço pelo contemporâneo não é exclusivo de João, pois o elogio aos professores de artes do norte da França era recorrente. Otto, bispo de Freising, teceu inúmeros comentários positivos sobre a qualidade do ensino parisiense de seu tempo como estudante. O fato é que o “tempo” — ou melhor, a idade de certa obra ou autor — era uma qualidade embutida no próprio objeto, normalmente negativa, mas nunca de forma total: Pela primeira vez, professores modernos eram equiparados aos antigos; obras recentes abordavam e criavam temas até então desconhecidos dentro da filosofia mais velha — Pedro Abelardo e sua escola de lógica deixam isso bem claro. Podemos observar que o jogo retórico para a aceitação ou reprovação de um autor ou de uma ideia começou a mudar com o incremento da filosofia e da quantidade de filósofos no século XII, pois agora os novos podiam estar “no páreo” com os antigos. A antiguidade como testemunho de qualidade conhecia, assim, sua primeira crítica na sociedade escolar medieval.

*Variações textuais e atividade editorial de copistas nos manuscritos púrpuras
Sinopensis, Rossanensis e Petropolitanus (século VI)*

Karolina Santos da Rocha
Universidade de São Paulo

O objetivo desta comunicação é examinar intervenções textuais observáveis em três códices bíblicos púrpúreos: *Sinopensis*, *Rossanensis* e *Petropolitanus*, produzidos no Mediterrâneo oriental e provavelmente copiados a partir de um mesmo exemplar na primeira metade do século VI. Essa hipótese baseia-se em critérios de crítica textual apresentados por Cronin (1899; 1901), von Soden (1911-3), Rypins (1956) e Gribomont (1987), em diálogo com observações paleográficas e codicológicas propostas por Hixson (2018; 2019), cuja hipótese é aqui aceita como ponto de partida. Um exame minucioso dos manuscritos revelou variantes textuais pouco exploradas pelos estudos anteriores. Nesta comunicação, mostrarei como, em conjunto, essas diferenças permitem compreender de modo mais preciso o processo de cópia manuscrita. Por derivarem de um mesmo exemplar, essas variações evidenciam a atividade editorial dos copistas, que realizaram pequenas alterações, registrando diferenças textuais e decisões de harmonização durante a produção dos três códices. Conclui-se que, mesmo em manuscritos que se supõe próximos a grupos vinculados a um contexto imperial no século VI ou a comunidades cristãs alinhadas às propostas legislativas imperiais (sendo as mais conhecidas as de Justiniano), observa-se certa variação textual. Esse aspecto se alinha ao processo de transmissão textual em regiões periféricas ao Império, evidenciando o alcance limitado das políticas de Justiniano.



A construção de memórias nos manuscritos MSS/2211 e MSS/10134 da Grant Cronica de Los Conquiridores de Juan Fernández de Heredia

Andrei Marcelo da Rosa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O objetivo deste trabalho é apresentar a obra *Grant Cronica de los Conquiridores* de Juan Fernández de Heredia (1310-1396) e refletir sobre seu contexto temporal e espacial de produção. O problema que move esse trabalho é: de quais maneiras a posição social do cronista e o seu local de produção influenciaram o conteúdo do texto? Juan Fernández de Heredia nasceu em Munébrega, cidade do reino de Aragão, em 1310. Atuou em diversas funções na corte aragonesa e na hierarquia da Igreja Católica. Além disso, foi grão-mestre da Ordem dos Hospitalários de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta. Nessa função, também foi responsável por financiar e escrever várias crônicas, traduções e compilações de textos da antiguidade grega. Seu *scriptorium*, na sede da Ordem em Rodes, empregava diversas pessoas responsáveis pelas etapas de cópia e iluminação de manuscritos. A *Grant Cronica de los Conquiridores* foi escrita com o objetivo de ser uma galeria biográfica de governantes e guerreiros notáveis, tanto mitológicos quanto de existência comprovada. A crônica destaca-se por não ser centrada exclusivamente em personagens cristãs ou greco-latinas. O texto é dividido em duas partes, contando com 29 biografias: Nino (incompleta), Hércules, Bruto, Arbacus, Ciro, Bellin e Brenyo, Otto Artaxerxes, Filipe da Macedônia, Alexandre, Pirro do Epiro e Annibal, Marco Antônio, César Otaviano, Tibério, Trajano, Alexandre Aurélio, Constantino, Teodósio, Átila, Teodorico, Alboino, Herácles, Carlos Martelo, Carlos Magno, Vespasiano e Tito, Táriq e Muça, Gengis Khan, Fernando de Castela e Jaime de Aragão. Cada uma das biografias é acompanhada de um retrato da personalidade biografada. Esses textos chegaram até os dias atuais em diferentes suportes. A primeira parte sobreviveu em um manuscrito diretamente compilado no *scriptorium*, o ms. 2211 da Biblioteca Nacional da Espanha, em duas cópias do século XV. Já a segunda parte está no manuscrito MS. 10134, igualmente proveniente do *scriptorium*. Para a análise, utilizo o MS. 2211 e o MS. 10134 por serem compilados durante a vida de Juan Fernández de Heredia, pelo melhor estado de conservação, por estarem digitalizados na íntegra e, finalmente, por contarem com transcrição de seu conteúdo. Ambos os manuscritos trazem indícios de terem sido trabalhados por mais de um copista, e não há evidências de que algum deles tenha sido o próprio Juan. A partir de uma análise do texto e das imagens, com base em conceitos como lance, de John Pocock, análise iconológica, de Erwin

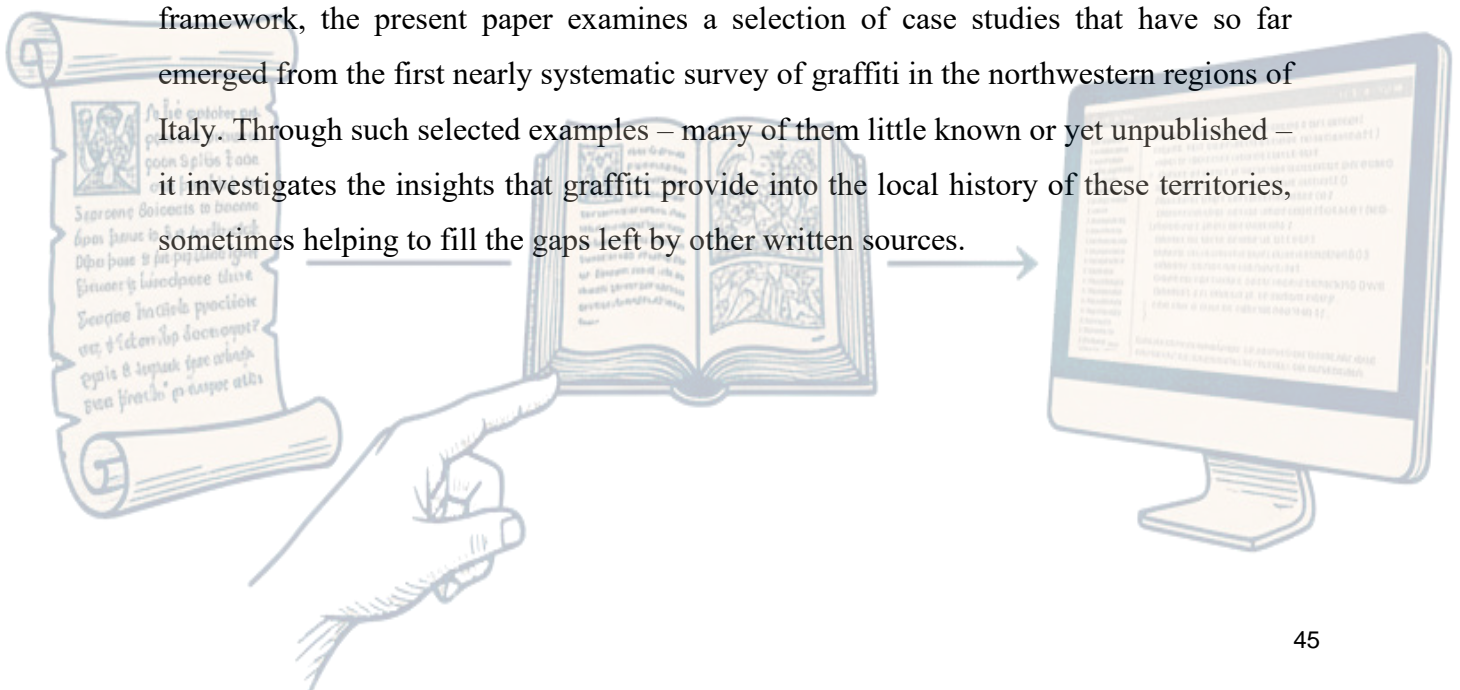
Chiara Rosso

Università degli Studi “G. d’Annunzio” Chieti-Pescara

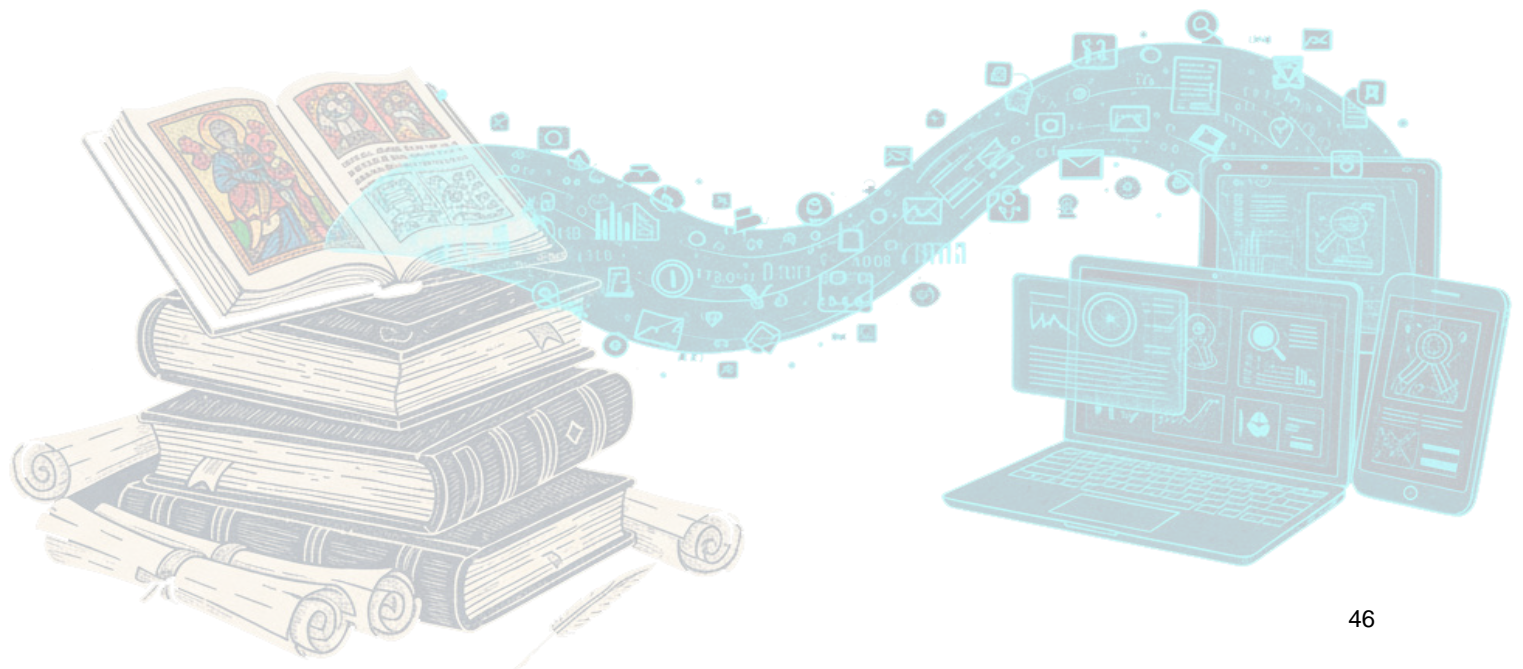
Alongside the writing practices most familiar to medievalists – such as those preserved by books, notarial acts and epigraphs – there is another, often overlooked yet remarkably widespread and valuable form of written expression: graffiti.

Scratched onto the walls and frescoes of chapels, churches, and secular buildings – and even onto the surfaces of caves – these traces were left by a wide range of social actors, including pilgrims, townspeople, members of the clergy, and nobles. Through these informal inscriptions, medieval men and women preserved fragments of both individual and communal life: the deaths of community members, the occurrence of local or wider events (such as natural disasters, plagues, crimes, or battles), or simply the date of a personal milestone. In other instances, graffiti took the form of invocations or prayers inscribed on the garments of a painted Virgin or saint, thereby becoming both a tangible medium and a documentation of popular devotion. The sheer variety and quite even distribution of these inscriptions make them an exceptional source for reconstructing aspects of medieval daily life, mentalities, and literacy practices that are seldom detectable in traditional written documentation. While participating in the broader landscape of medieval communication, medieval graffiti, more than other writing practices, also attest to an intimate and everyday relationship with the written word.

Recognizing the potential of graffiti as a historical source, the ERC project *Graffiti-IT. Writing on the Margins. Graffiti in Italy (7th–16th centuries)*, led by Carlo Tedeschi at the University of Chieti-Pescara (Italy), aims to catalogue and study the surviving medieval and early modern graffiti across the Italian peninsula. Within this larger framework, the present paper examines a selection of case studies that have so far emerged from the first nearly systematic survey of graffiti in the northwestern regions of Italy. Through such selected examples – many of them little known or yet unpublished – it investigates the insights that graffiti provide into the local history of these territories, sometimes helping to fill the gaps left by other written sources.



This paper examines how Benoît de Sainte-Maure utilizes rhetoric to enhance his narrative, particularly in his *Roman de Troie*. He employs architectural metaphors and emphasizes the emotional climate of his subjects to connect with his audience, making the past relatable. Benoît also expands speeches from his sources, drawing inspiration from classical models, and uses anecdotes and dreams to develop characters. Furthermore, he adapts and transforms his sources, adding depth and complexity through his narrative choices. In the *Roman de Troie*, Benoît uses architectural imagery to represent Troy, symbolizing its grandeur and eventual downfall. He focuses on the feelings and sensations of his characters, aiming to create an emotional bridge between his audience and the past, making history more impactful. Benoît elaborates on speeches found in his Latin sources, modeling them after classical rhetorical styles, particularly deliberative and justificatory speeches. He uses anecdotes and dreams to reveal character depth and complexity, going beyond the basic portrayals found in his source material. Benoît doesn't simply translate his sources; he adapts them, transforming them into literature by adding his own creative elements, such as the story of Troilus and Briseis. He uses various “metanarrative” strategies, including grammatical features and demonstrative pronouns, to subtly draw attention to the narrator's voice.



Raça e outridade: análise iconográfica das iluminuras do Libro de ajedrez, dados y tablaz de Afonso X (1284)

Cibele Silva

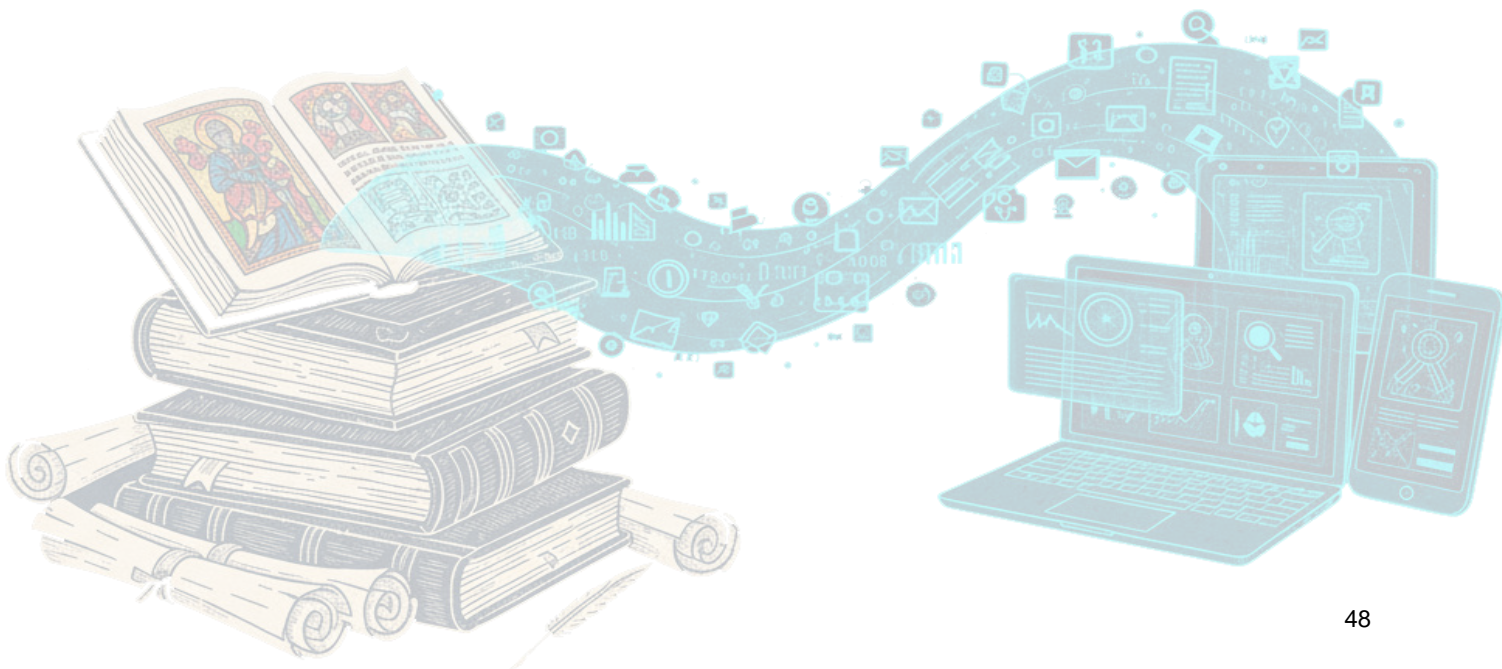
Universidade Federal de Pernambuco

A presente comunicação propõe discutir como a visualidade medieval pode ser analisada como espaço de produção de diferenças raciais, tomando como objeto as iluminuras do *Libro de Ajedrez, dados y tablas* (1284) de Afonso X, rei de Leão e Castela no século XIII. O *Libro* trata-se de um manuscrito ricamente ilustrado, dedicado aos jogos presentes na corte afonsina, mas que ultrapassa o mero registro lúdico, oferecendo cenas nas quais corpos, trajés, gestos e fisionomias revelam complexas hierarquias sociais. Ao investigar essas imagens, a pesquisa busca compreender como a experiência do “outro” é representada e racializada no contexto ibérico, em um período marcado pelo intenso contato entre cristãos, mouros e judeus.

A proposta é examinar como a diferença, entendida aqui em chave de Raça, e Etnicidade, foi construída visualmente. Para tanto, o estudo baseia-se na teoria crítica sobre Raça de Geraldine Heng, que argumenta que a ideia de Raça não é exclusiva da modernidade, mas emerge de forma estruturante no medievo europeu, podendo surgir a partir de outros marcadores para além de físicos (Heng, 2022). Essa perspectiva permite compreender como categorias raciais foram historicamente produzidas em regimes de visualidade. O conceito de Outridade, conforme discutido por Eduardo Restrepo (2020), reforça essa ideia ao enfatizar não apenas a existência do “outro”, mas os processos de construções ativas dessas diferenças em relações de poder. Para o pesquisador, existem estratégias coloniais de estereotipificação que produzem “outros radicais”, o que destaca uma fabricação de identidades e exclusões. Nesse caso, as iluminuras alfonsinas podem ser lidas como práticas visuais que atuam na criação de fronteiras raciais.

A comunicação também se ancora nas abordagens de História da Arte. Jean-Claude Schmitt, amplia a perspectiva ao investigar a imagem como prática social e não mero reflexo de crenças, permitindo perceber a agência das representações. Michael Camille evidenciou em *“Image on the Edge”* (1992) que as margens dos manuscritos medievais são espaços de tensão e transgressão, úteis para compreender a visualidade da diferença. Metodologicamente, adota-se uma análise iconográfica com base em Erwin Panofsky, o estudo cruza a descrição formal com a leitura dos contextos de produção alfonsina, marcada pelo ideal de saber universal e pela convivência forçada de populações diversas.

Ao falar sobre “As Diferentes Formas de Escrever a Idade Média”, esta comunicação defende que as imagens não são meros acessórios ilustrativos, mas textos visuais que também “escrevem” a história. Ler essas iluminuras como narrativas de Outridade permite perceber que a Idade Média não é um tempo homogêneo, mas um espaço de encontros e conflitos raciais e culturais. Assim, ao articular a teoria de Geraldine Heng com o conceito de Outridade, além dos estudos de visualidade e História Social, a pesquisa busca contribuir para a compreensão de como a experiência do outro foi construída no imaginário ibérico do século XIII. A análise das iluminuras do *Libro* revela que os jogos oferecem uma chave para compreender a produção visual da diferença e suas reverberações de longo prazo.



Catasterismos alfabéticos: a reprodução de tipos de escrita como representação e descrição paleográfica como écfrase

Pedro de Oliveira e Silva
Universidade de São Paulo

Haroldo de Campos, no poema-apresentação dedicado à exposição de Mira Schendel no MAM Rio em 1966, descreve a obra da artista como “uma arte de alfabetos constelados”, uma vez que boa parte de seus trabalhos partem de explorações da morfologia visual das letras. A presente comunicação pretende abordar a categorização paleográfica dos tipos de escrita como uma operação de catasterismo. A análise classificatória, ou mesmo taxonômica, levada a cabo pelos paleógrafos estipularia “constelações” de letras a partir de um duplo movimento: simultaneamente descrevem os tipos de escrita (écfrase) e reproduzem exemplos deles em suas publicações (representação).

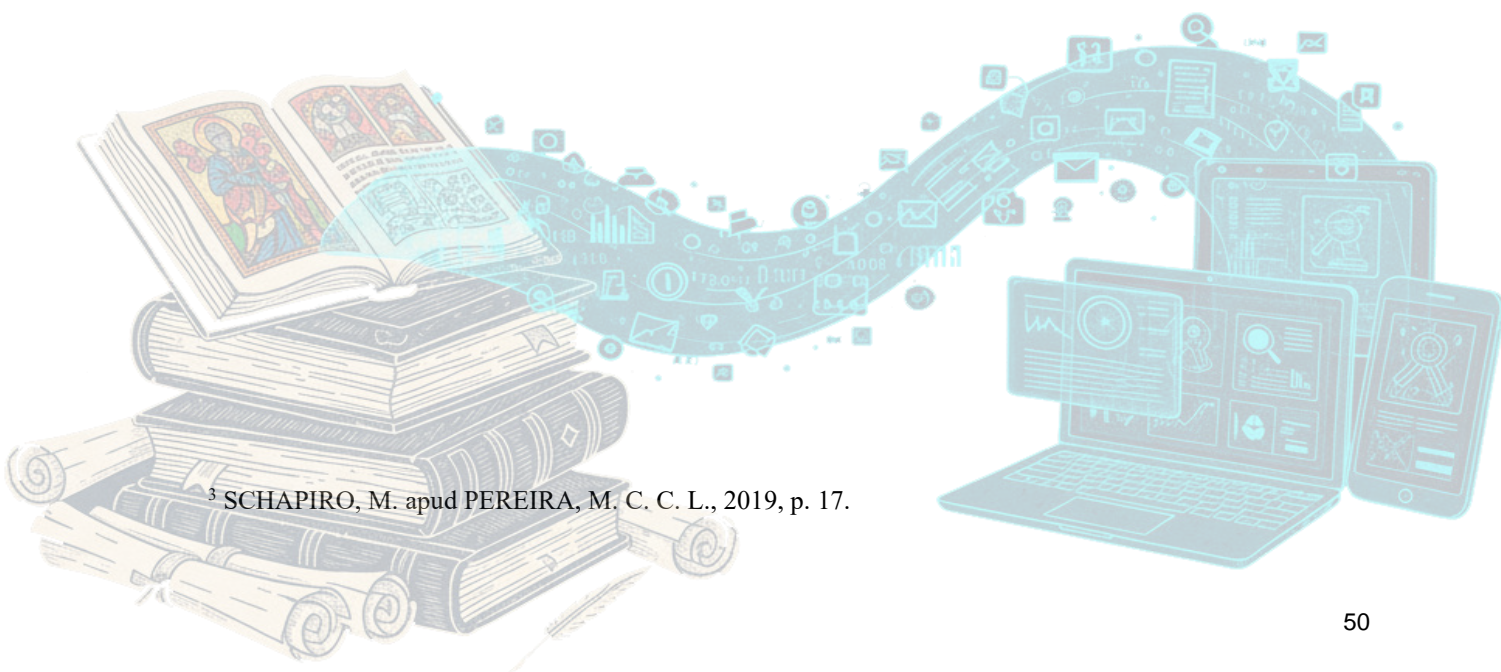
Defender a dimensão visual das letras, e consequentemente das palavras, seria mero truísmo. No que tange à medievística mais recente, autores como Patricia Stirnemann, Vincent Debais e Maria Cristina Pereira já se dedicaram a produzir estudos grafológicos ao abordarem a produção de cultura escrita medieval, aproximando-a, cada um à sua maneira, à lógica das imagens¹. A presente proposta de comunicação pretende, na sequência deles, expandir tal lógica imagética à atividade paleográfica.

A própria existência da paleografia como campo atesta para o fato de que os documentos textuais manuscritos (no caso, medievais) são mais opacos² do que gostariam os historiadores. Paleógrafos, ao terem que abordar as características morfológicas dos tipos de escrita para facilitar a operacionalização das fontes por parte da historiografia tradicional, acabam por trabalhar com a visualidade das letras. Tomar a atividade paleográfica como um trabalho retórico a partir desta visualidade, reproduzindo exemplos e descrevendo tipos de escrita, parece particularmente profícuo em um contexto de digitalização massiva de manuscritos. Afinal, metamorfosear o texto de uma página de manuscrito em pixels é uma forma de transformá-lo em microimagens, a exemplo de letras e palavras tornadas objetos ópticos identificáveis por meio da OCRização. Essa fragmentação do texto manuscrito em formas gráficas digitais catasterizadas, com certa dose de anacronismo, lembra as próprias palavras de Meyer Schapiro sobre os

¹ Um bom balanço da evolução desses estudos é oferecido em PEREIRA, M. C. C. L. *As letras e as imagens*. As iniciais ornamentadas em manuscritos do Ocidente medieval. São Paulo: Intermeios, 2019.

² ALLOA, E. Entre a transparência e a opacidade. O que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, E. (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 7-19.

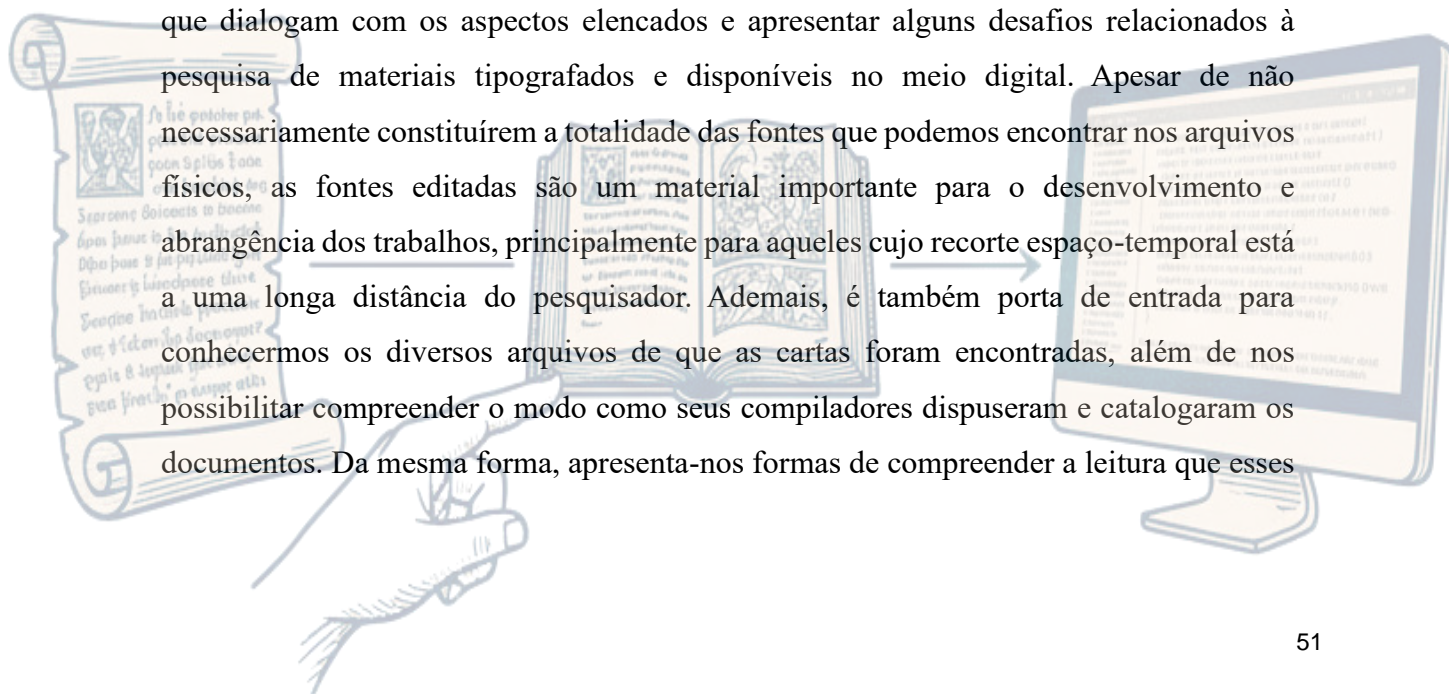
monogramas hiperornamentalizados do Livro de Kells: “o todo aparece tão vasto em relação às pequenas unidades que parece um cosmos”³.



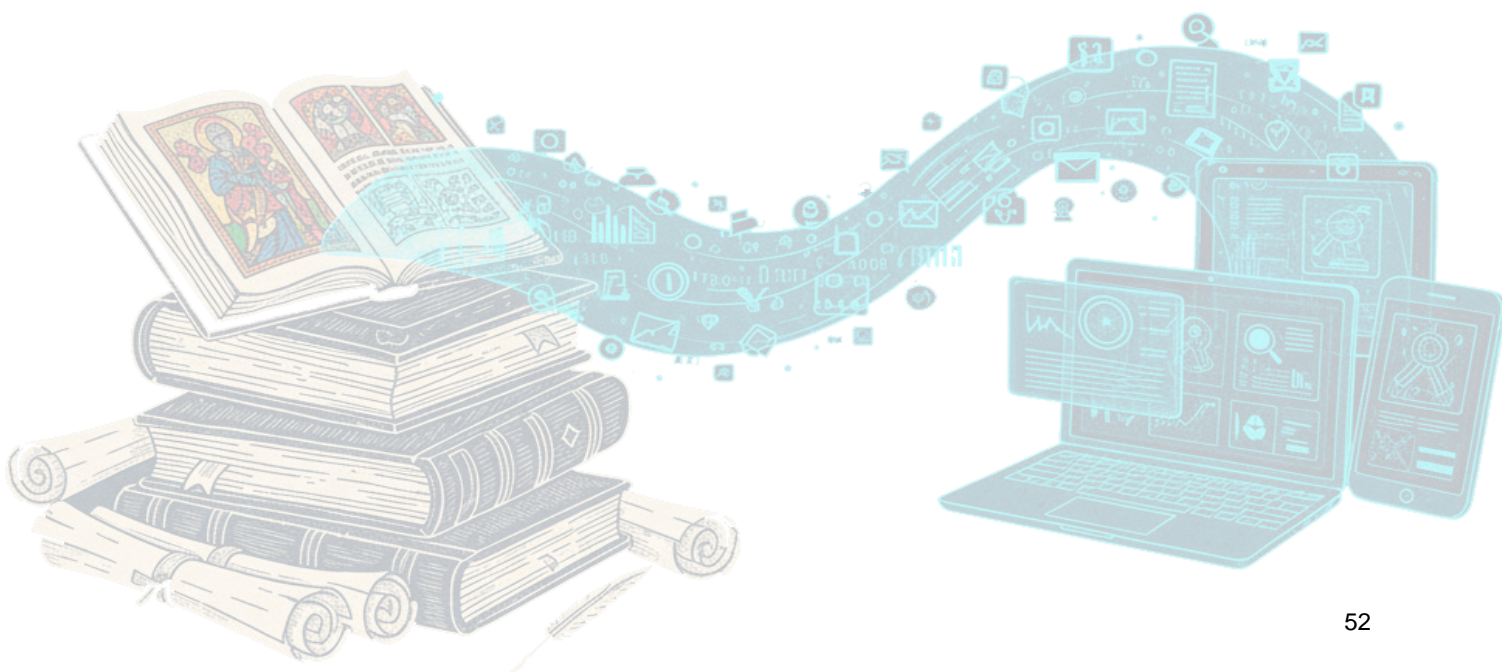
³ SCHAPIRO, M. apud PEREIRA, M. C. C. L., 2019, p. 17.

Pedro Henrique Pereira Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

As práticas econômicas das ordens monástico-militares – em especial a hospitalária – vêm se consolidando como um importante campo de estudo desde o final do século XX. O olhar historiográfico deslocava-se da compreensão da grandeza dessas ordens para pormenorizar conjecturas e, a partir destas, reconsiderar as suas atribuições, tendo em vista a observância de relações sociais e econômicas, assim como a expressão dessas relações no meio cultural e artístico. Formas de atuação caritativa, sentidos econômicos e a cultura escrita imbuída na confecção desses documentos são alguns caminhos trilhados ou deixados pela historiografia recente. Juntos, tais aspectos fundamentam o que consideramos ser uma racionalidade econômica hospitalária. No presente Trabalho, discutiremos alguns pontos desses aspectos, explicitando de que forma eles se coligam no Cartulário de Saint-Gilles. Compilado no século XIII, esse compêndio reúne cartas principalmente do século anterior, constituindo-se uma fonte que abrangia diversas localidades dessa região fronteira. Sua versão tipografada, editada em 1997, carrega também as reflexões e modos de fazer de historiadores contemporâneos. Por meio do cartulário, é possível perceber as razões e implicâncias de sua escrita. Enquanto cópia de documentos originais, eram destinados a guardar e reforçar a memória de uma transação. Mas o modo com que esses registros eram codificados apresentam elementos além dessa contabilidade pura e simples, revelando práticas e formas de pensar economia e sociedade que fazem da racionalidade econômica um complexo de atribuições a essas fontes, tornando necessária uma análise criteriosa, como nos recordam Pierre Chastang e Dominique Barthélemy. Nosso objetivo, portanto, é expor algumas estruturas de escrita que dialogam com os aspectos elencados e apresentar alguns desafios relacionados à pesquisa de materiais tipografados e disponíveis no meio digital. Apesar de não necessariamente constituírem a totalidade das fontes que podemos encontrar nos arquivos físicos, as fontes editadas são um material importante para o desenvolvimento e abrangência dos trabalhos, principalmente para aqueles cujo recorte espaço-temporal está a uma longa distância do pesquisador. Ademais, é também porta de entrada para conhecermos os diversos arquivos de que as cartas foram encontradas, além de nos possibilitar compreender o modo como seus compiladores dispuseram e catalogaram os documentos. Da mesma forma, apresenta-nos formas de compreender a leitura que esses



compiladores tiveram sobre termos específicos e as relações econômicas que codificaram, afinando e estimulando debates atuais.



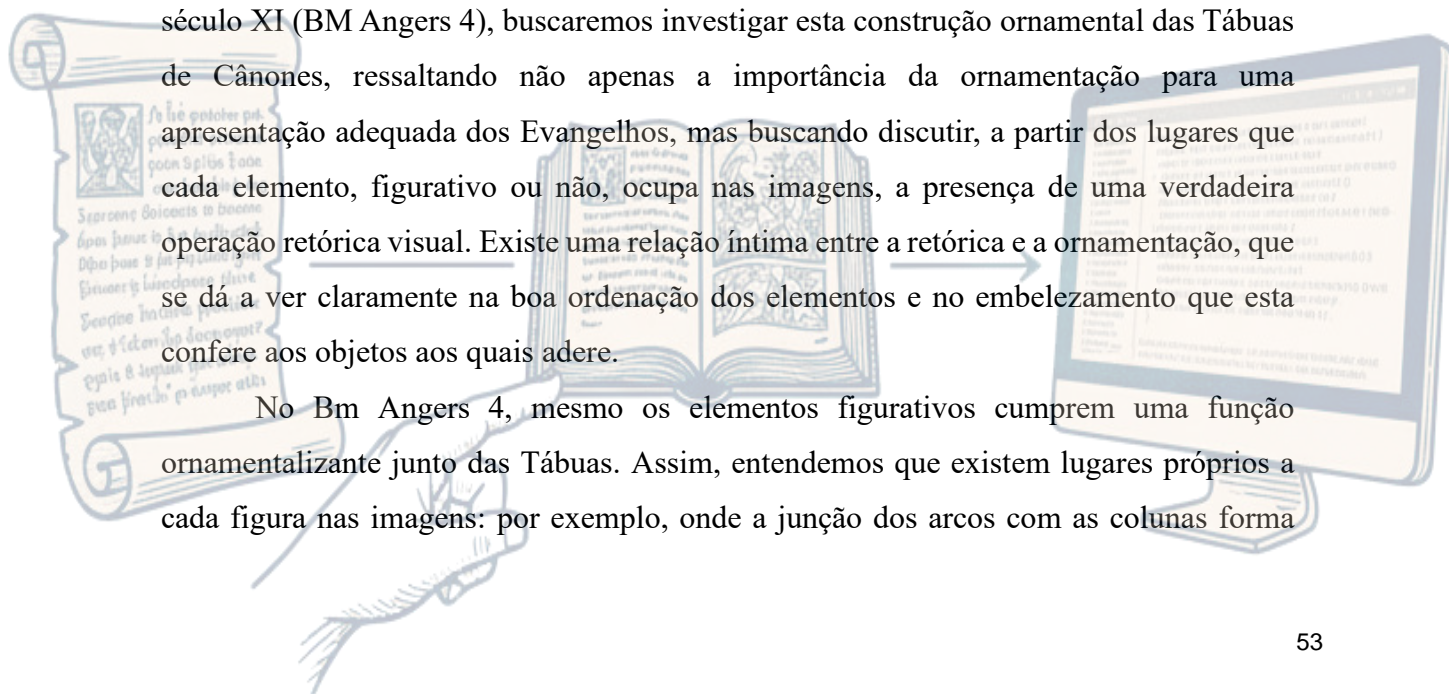
Vitor Eduardo Cogheto Vieira da Silva
Universidade de São Paulo

As Tábuas de Cânones são um esquema gráfico-ornamental criado por Eusébio de Cesaréia no início do século IV e que tinha por objetivo permitir comparações entre trechos semelhantes aos quatro evangelhos. Através de um formato tabular, o esquema obteve grande sucesso e circulação ao longo da Idade Média, sendo frequentemente encontrado em Evangeliários e Bíblias ao menos até o fim do século XII. Se inicialmente as Tábuas possuíam uma função prática de consulta, esta utilidade se mostra perdida ao menos já a partir do século VIII, uma vez que as comparações antes presentes apenas nos dez cânones do esquema são indicadas já nas margens dos textos, eliminando a necessidade de os leitores precisarem recorrer ao esquema. No entanto, essa perda de utilidade não reflete em uma diminuição de sua cópia em incontáveis manuscritos. O que se vê, ao contrário, é um investimento cada vez maior em uma apresentação luxuosa e bastante ornamentalizada do esquema eusebiano.

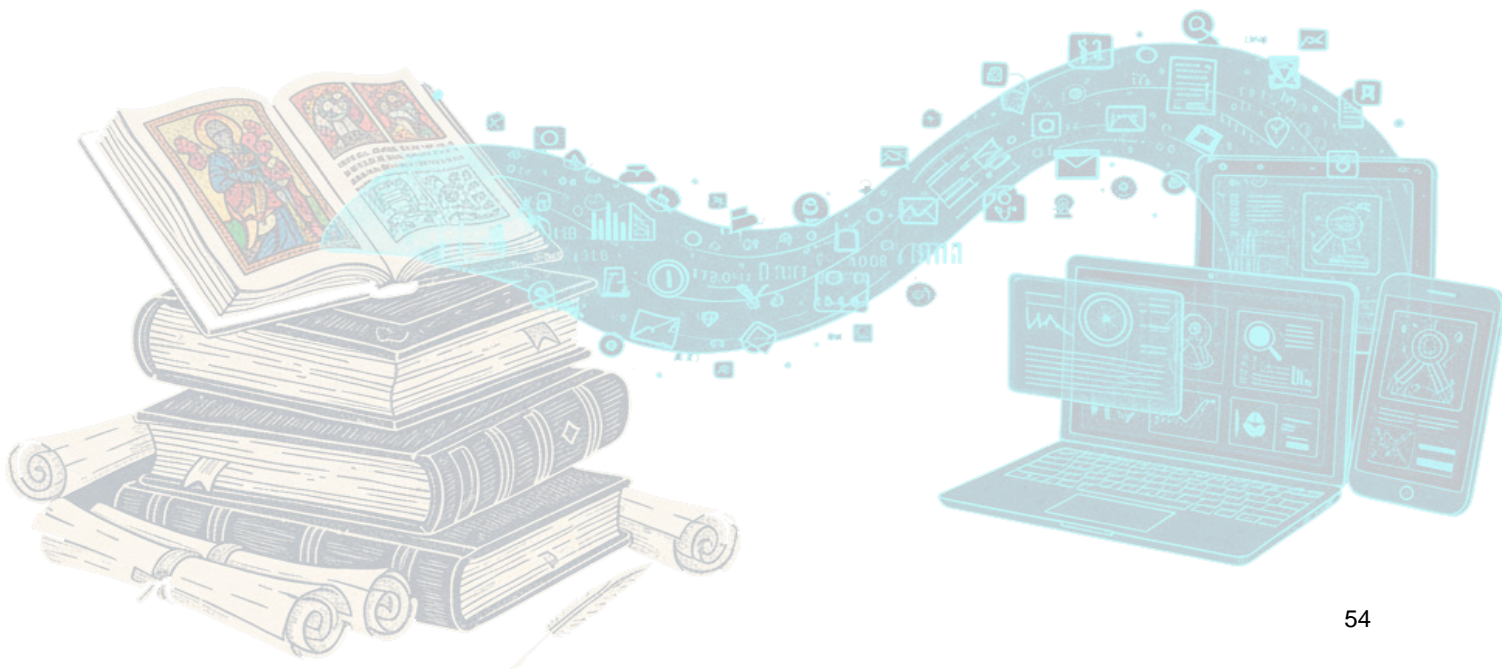
Ainda que não seja possível traçar até Eusébio um protótipo original de ornamentação aplicado ao esquema, desde os primeiros manuscritos sobreviventes que contém as Tábuas há elementos arquitetônicos ornamentando os números referentes aos trechos dos evangelhos. Arcos, colunas e capitéis embelezam e ordenam a apresentação visual do esquema, variando de fôlio em fôlio e de manuscrito em manuscrito. Além disso, é possível encontrar ainda a presença de animais, vegetação, humanos, os quatro evangelistas, todos compondo, junto da arquitetura, uma apresentação extremamente ornamentalizada das Tábuas de Cânones.

Nesta comunicação, a partir de uma Bíblia produzida na abadia de Saint-Aubin no século XI (BM Angers 4), buscaremos investigar esta construção ornamental das Tábuas de Cânones, ressaltando não apenas a importância da ornamentação para uma apresentação adequada dos Evangelhos, mas buscando discutir, a partir dos lugares que cada elemento, figurativo ou não, ocupa nas imagens, a presença de uma verdadeira operação retórica visual. Existe uma relação íntima entre a retórica e a ornamentação, que se dá a ver claramente na boa ordenação dos elementos e no embelezamento que esta confere aos objetos aos quais adere.

No Bm Angers 4, mesmo os elementos figurativos cumprem uma função ornamentalizante junto das Tábuas. Assim, entendemos que existem lugares próprios a cada figura nas imagens: por exemplo, onde a junção dos arcos com as colunas forma



uma espécie de frontão, apenas os símbolos dos evangelistas são figurados. “Fora” deste lugar, vemos animais e humanos figurados em relações de combate. Além destes, fazendo as vezes de base e capitéis das colunas, eles também são figurados sustentando a estrutura arquitetônica. Há, portanto, uma distinção entre os papéis exercidos por cada elemento nas imagens, mas que ao mesmo tempo faz parte de uma boa ordem, onde cada elemento pode melhor funcionar e harmonizar com o todo. Esta boa ordem, argumentaremos, além de representar, de certa forma, a vida mundana de homens e animais, que após o Pecado original são fadados à luta para retomar seu lugar no Paraíso e aos trabalhos do dia a dia, se expressa sobretudo por uma construção ornamentalizada da imagem.

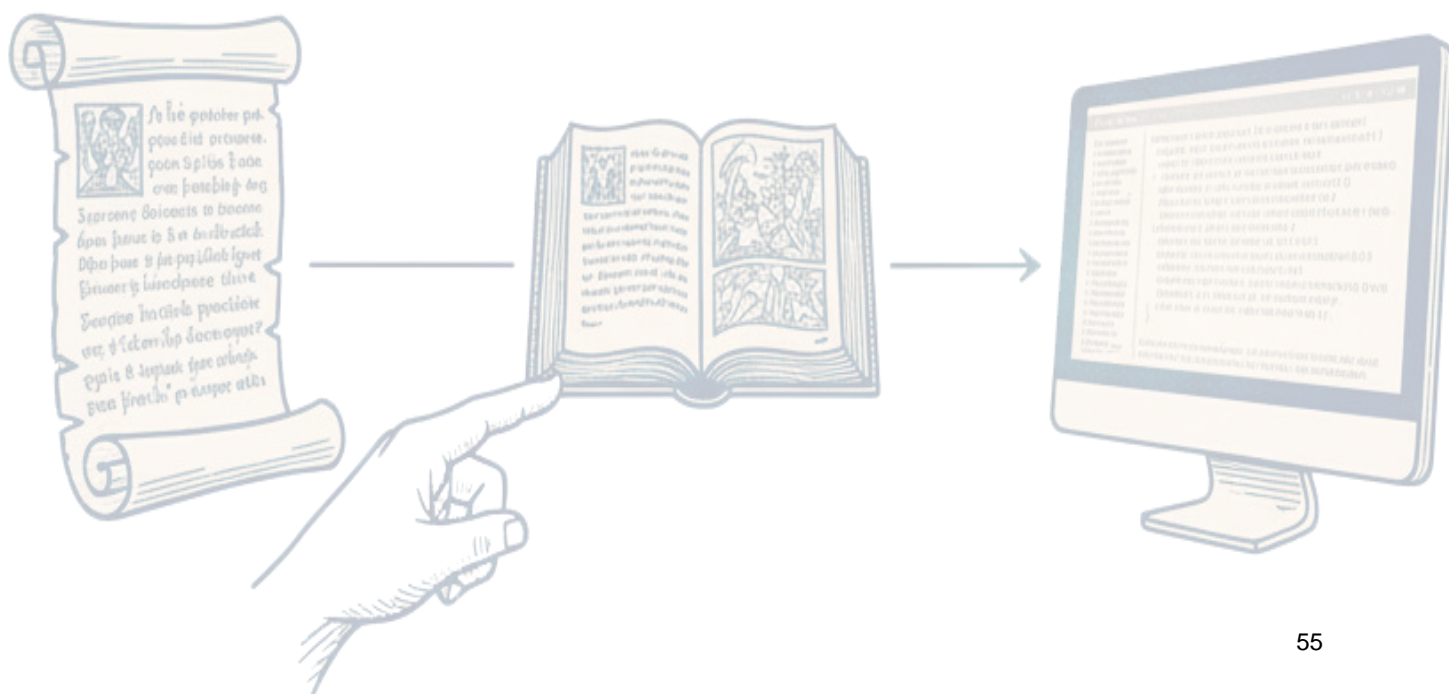


*O Cardeal Jacopo Stefaneschi e o “Manuscrito de São Jorge”, no Vaticano:
apresentação e proposta de análise*

Igor Salomão Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico

O objetivo deste trabalho é apresentar e analisar o Ms. BAV. Arch. Cap. S. Pietro C.129, que contém textos sobre São Jorge e foi produzido no século XIV. Este manuscrito é considerado como um dos mais importante e mais bem decorados dentre os que estão custodiados na Biblioteca do Vaticano. Será analisado, especificamente a hagiografia atribuída ao cardeal Jacopo Gaetano Stefaneschi (ca.1270-1341), situada entre os fólios 16v-69v. O texto está dividido em duas partes, cada uma delas introduzida por um prólogo. A primeira parte é sobre os milagres de São Jorge e a segunda parte é sobre a história de seu martírio. Há, ainda, uma espécie de epílogo, que trata do traslado da cabeça do santo. A análise realizada considera a relação que se pode estabelecer entre esta hagiografia e a que foi produzida por Jacopo de Varazze na *Legenda aurea*, no final do século XIII. Para isso, são consideradas reflexões de Emma Condello e Michael Viktor Schwarz. Esses autores abordaram aspectos codicológicos, paleográficos e analisaram também a relação entre texto e imagens. As análises apresentadas são fruto do projeto **Jacopo Gaetano Stefaneschi: um cardeal historiador do século XIV**, que é desenvolvido como pesquisa de pós-doutorado na UFRJ e financiado com bolsa de produtividade do CNPq.



Editando as “atas do concílio de Éfeso” (431) no contexto das reformas católica e protestante do século XVI: uma hipótese sobre a resignificação da tradição manuscrita para a historiografia

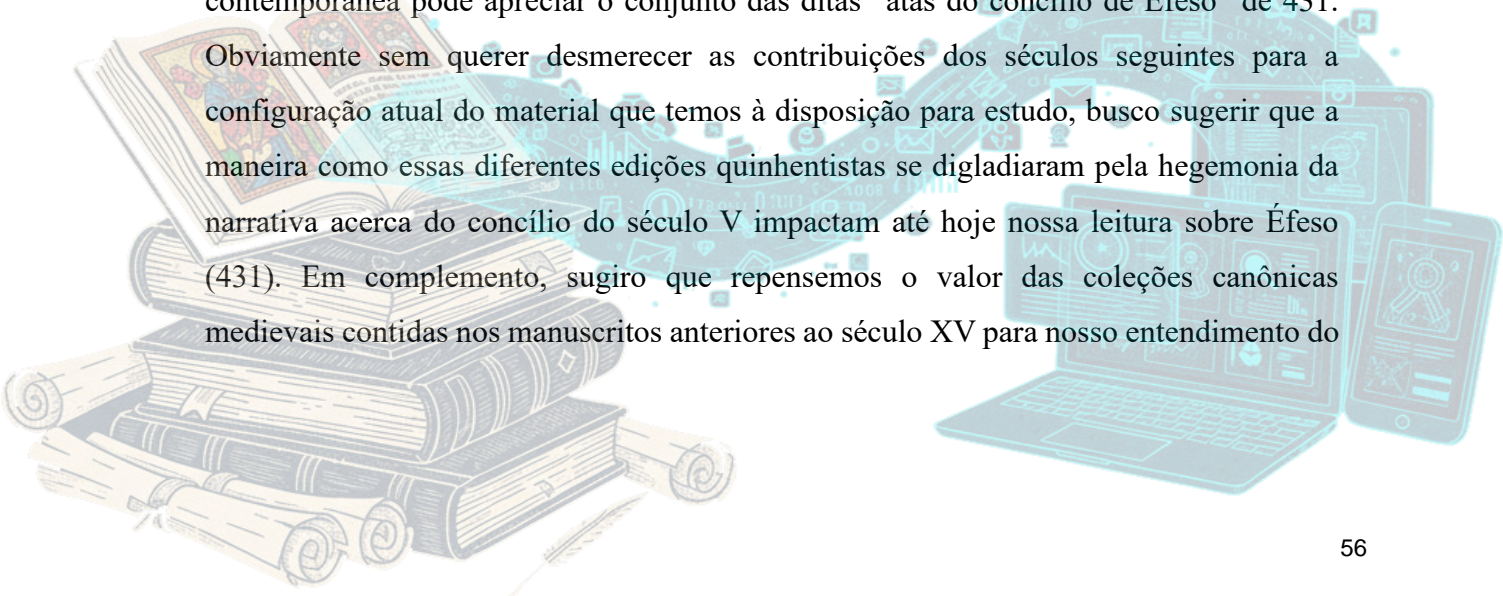
Robson della Torre

Universidade Estadual de Montes Claros

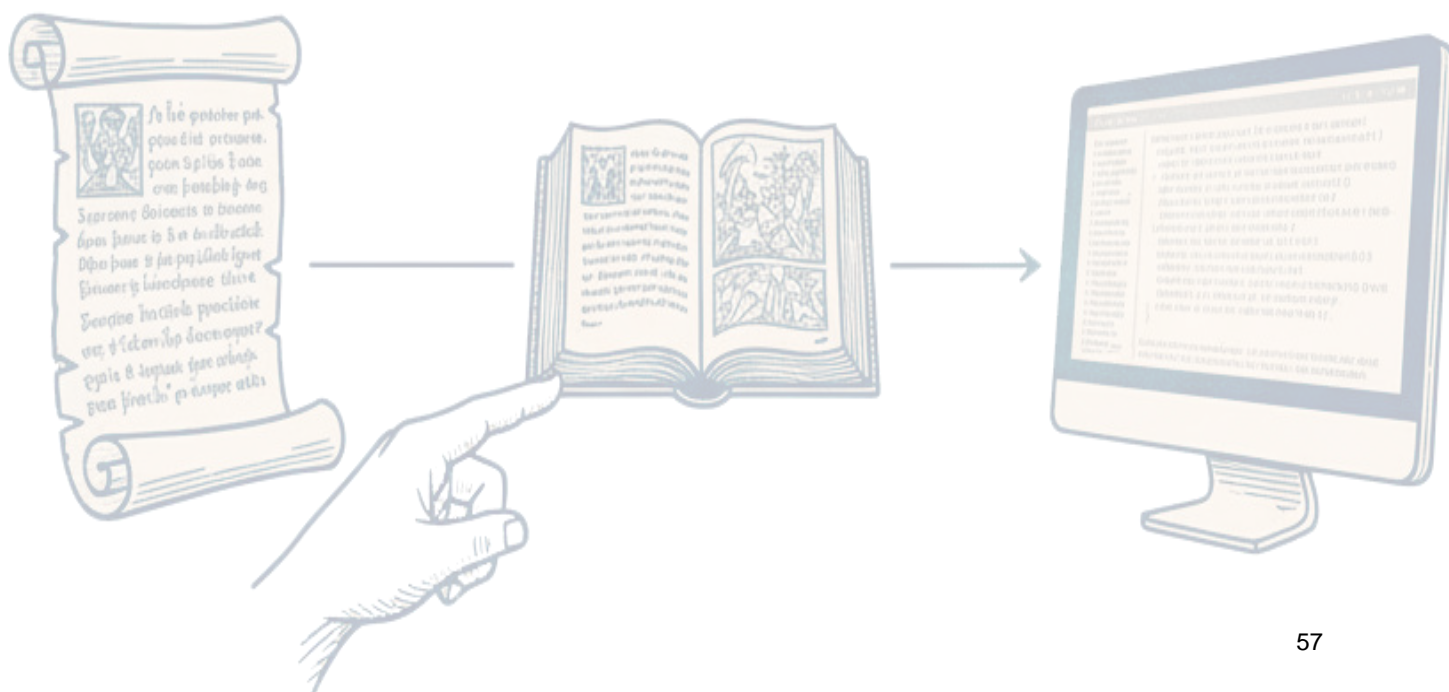
Esta apresentação busca fazer um balanço dos primeiros esforços de descoberta, publicação e edição do material manuscrito medieval que continha textos relativos ao concílio de Éfeso do ano de 431. Tais esforços, que tiveram seu primeiro impulso em fins do século XV e que culminaram com a edição romana das ditas “atas do concílio de Éfeso” em 1608, estão profundamente marcados por iniciativas reformistas – tanto católicas quanto protestantes – que se voltavam para esse passado patrístico em busca da legitimação de suas iniciativas e de desqualificação das de seus rivais.

Note-se de antemão que nunca houve um referencial único e autoritativo do que fossem as “atas do concílio de Éfeso”, seja no século V, seja nas coleções canônicas medievais posteriores. O que observamos no século XVI é uma verdadeira resignificação desse material, que passa a ser compilado e editado com a finalidade de constituição de uma fonte inequívoca sobre a teologia e a história do cristianismo a partir dos debates conciliares, inclusive desconsiderando as particularidades de cada uma das coleções medievais de que faziam uso. Sendo assim, cada nova publicação de material efesino no século XVI, fosse ele “inédito” ou republicado a partir de versões e traduções diferentes daquelas já existentes, oferecia uma interpretação nova sobre as doutrinas e os acontecimentos implicados nessa documentação, cada qual corroborando sua visão particular sobre as reformas eclesiásticas do período.

O interesse maior desta apresentação, longe de ser apenas o catálogo de edições “obsoletas” e “antiquárias”, é propor que o curso dessa empresa de publicação de material efesino no século XVI impactou sobremaneira o modo como a própria historiografia contemporânea pode apreciar o conjunto das ditas “atas do concílio de Éfeso” de 431. Obviamente sem querer desmerecer as contribuições dos séculos seguintes para a configuração atual do material que temos à disposição para estudo, busco sugerir que a maneira como essas diferentes edições quinhentistas se digladiaram pela hegemonia da narrativa acerca do concílio do século V impactam até hoje nossa leitura sobre Éfeso (431). Em complemento, sugiro que repensemos o valor das coleções canônicas medievais contidas nos manuscritos anteriores ao século XV para nosso entendimento do



material efesino, implicando, assim, em um necessário retorno aos manuscritos para melhor apreciar a multiplicidade de sentidos inerente a todo esse material.

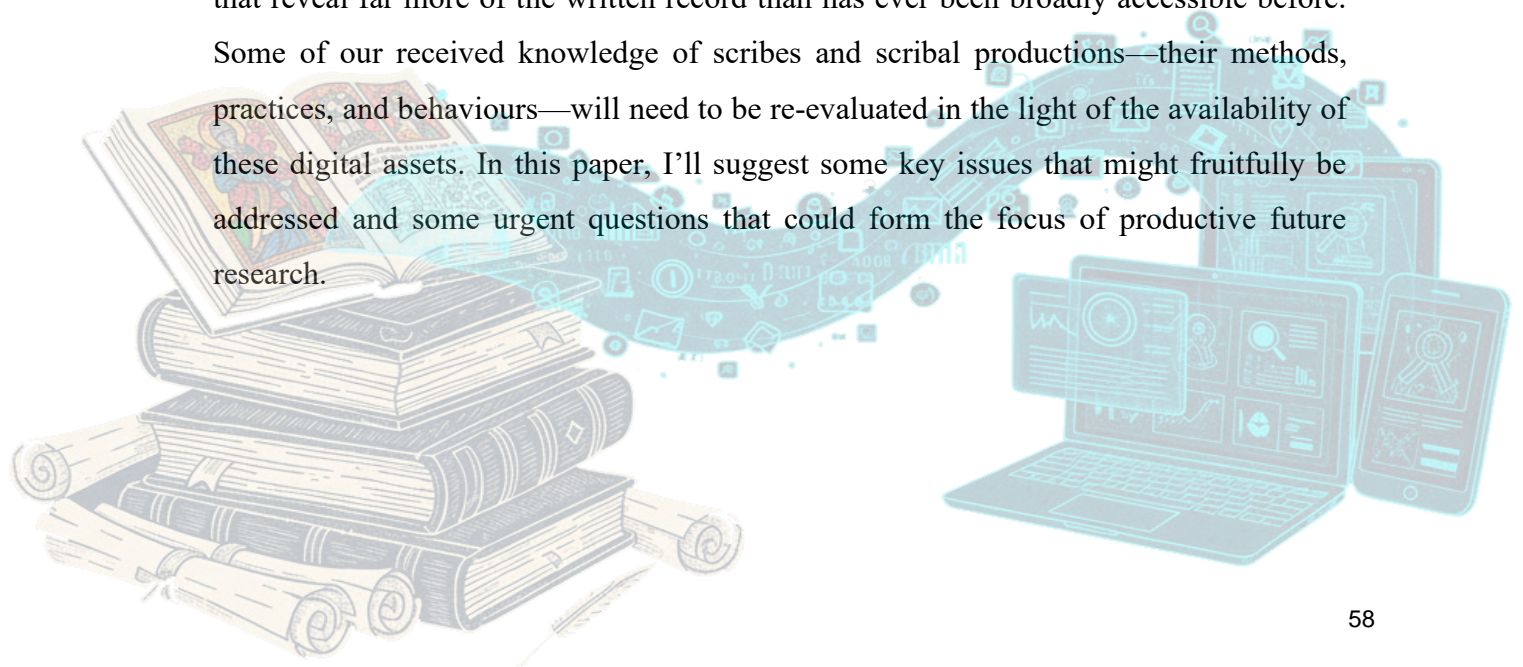


Elaine Treharne
Stanford University

This paper will build on recent work in manuscript studies and palaeography that has sought to encourage new and clearer research methodologies in medieval cultures of handwriting. I explore whether alternative approaches to evaluating the Western written record from around 500 to 1500—and particularly approaches that highlight the new and vast digital aspect of the written cultural record—could elevate the status of everyday scribes and female scribes, many of whom are known only through minor stints or notes. Such research would lead to scholarship that is a more accurate reflection of that record itself.

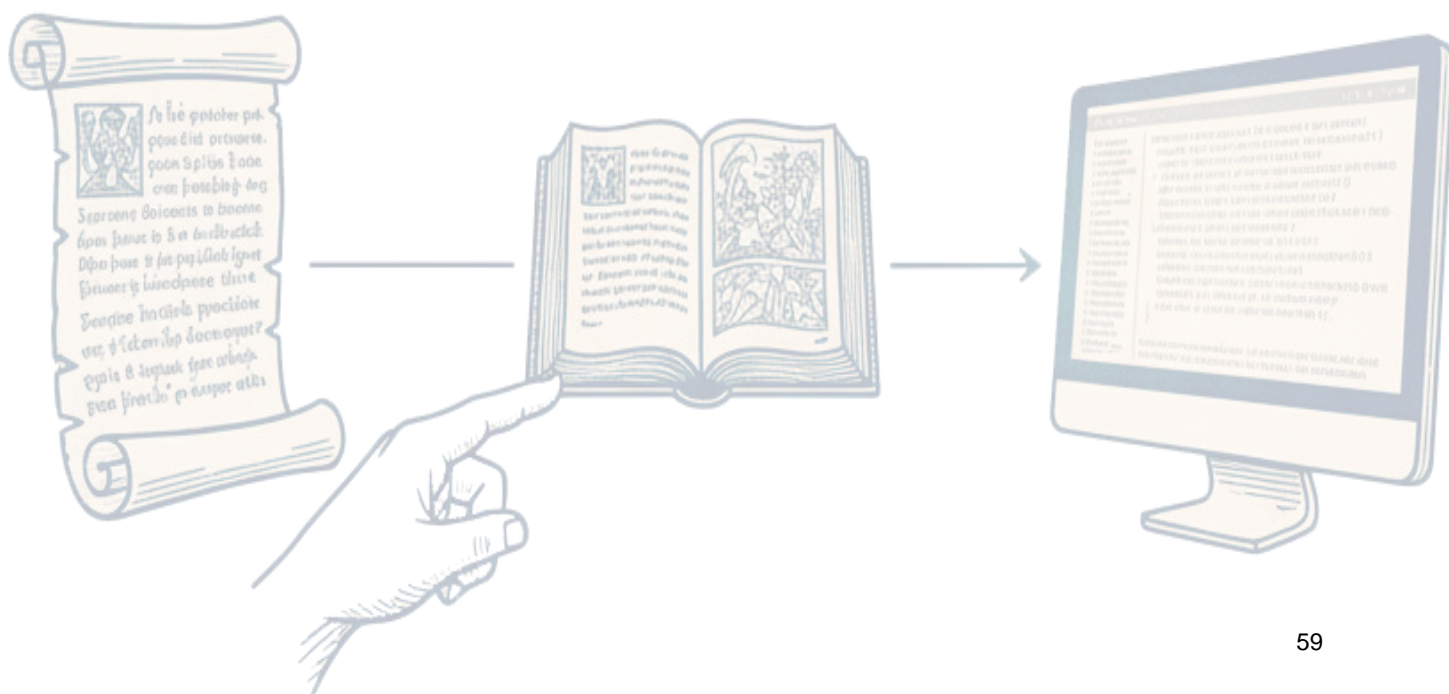
The impact of paleographical handbooks in the Anglophone and European traditions in the last one hundred and fifty years has been to privilege elite scribes in books, and scribes of all written materials whose work can be analyzed taxonomically as expert, “professional,” and adhering to calligraphic standards that have been implicitly deployed in the discipline. The language of paleography, as I showed in “The Good, the Bad, and the Ugly” and other essays, has coloured scholars’ and students’ views of what is worth exploring in ways that are detrimental to the larger proportion of extant writings from the long thousand-year period of the medieval. This discussion will highlight the endeavors of minor scribes, “less good” scribes, and women scribes to show that a turn in Manuscript Studies away from rigid typologies of script and hierarchical judgements will significantly enhance contemporary scholarship bringing to the fore new materials for examination, fostering fresh perspectives and new findings.

Many of these new materials are digitized manuscripts and documentary objects that reveal far more of the written record than has ever been broadly accessible before. Some of our received knowledge of scribes and scribal productions—their methods, practices, and behaviours—will need to be re-evaluated in the light of the availability of these digital assets. In this paper, I’ll suggest some key issues that might fruitfully be addressed and some urgent questions that could form the focus of productive future research.



Jean Henrique de Macedo Viana
Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho apresenta os principais resultados da pesquisa de mestrado que o autor conduziu entre os anos de 2023 e 2024. Valendo-se inicialmente de uma bibliografia baseada na história do poder e da agricultura, a pesquisa encontrou um novo rumo ao ter contato com as humanidades digitais. Fazendo uso da ferramenta Voyant-Tools, de Stefan Sinclair e Geoffrey Rockwell, pôde-se aferir uma série de ocorrências e relações entre termos que referenciavam produtos dos mais diversos para tributação e comércio na Chancelaria de Afonso III, bem como na Lei de Almotaxaria de 1253. A atividade comercial se tornava evidente com as referências com as relações que englobavam o *portagium*, ao passo que a presença de produtos correlatos com uma certa recorrência de datas e festividades denotavam a atividade tributária. Além disso, as referências a regiões e a presença de nomes e assinaturas recorrentes mostravam a participação de determinadas regiões em uma relação de agentes do poder e o que se observa como uma versão incipiente das guildas de mercadores no norte de Portugal.



Anexo

Prompts submetidos à inteligência artificial para geração de imagens

Gabriel Castanho:

Prompt para matriz iconográfica:

Faça um cartaz para divulgação no instagram (carrossel e story) a partir do texto do CFP.

Você deve produzir:

1. Cartaz para carrossel e para story apenas com imagens a serem criadas por você a partir do texto.
- 1.1. Esses dois primeiros cartazes devem ter apenas o seguinte texto: Encontro Lathimm 2025 – Rio
XV Encontro Internacional do LATHIMM - 15, 16 e 17 de dezembro
Escrever a Idade Média: do pergaminho ao mundo digital
Chamada para Trabalhos (Call for Papers).
2. Nas imagens não use tom sépia ou amarronzado.

Nathan Gabriel Ribeiro:

Um desenho em estilo de xilogravura antiga, monocromático em tons de azul marinho e bege claro. Um monge escriba medieval, idêntico aos da capa, está sentado em sua escrivaninha. À sua frente, em vez de um pergaminho, há um tablet digital iluminado com texto. Uma pena de ganso está ao lado do tablet, mas ele segura uma caneta stylus. Ao fundo, estantes com códices antigos misturados com servidores de computador estilizados.

Agora vamos partir pra outra imagem com o seguinte prompt: Um desenho em estilo de gravura, monocromático em tons de azul marinho e bege claro, de uma pena de ganso tradicional e um cabo USB enrolado, ambos dispostos lado a lado sobre uma textura que lembra pergaminho antigo. Há um leve brilho etéreo conectando os dois objetos.

Agora, vamos pra outro prompt: Uma ilustração em estilo de xilogravura, monocromática em azul marinho e bege claro, mostrando uma linha horizontal do tempo. No início, um pergaminho desenrolado. No meio, um livro códice medieval aberto. No final, uma tela de computador com códigos e texto. Uma mão (no estilo das gravuras) aponta do pergaminho para a tela, sugerindo progressão.

Outro: Uma ilustração no estilo de gravura da capa (azul e bege) de uma iluminura medieval (talvez um rosto de um santo ou um dragão). Metade da imagem está perfeitamente desenhada, mas a outra metade está se desfazendo em pequenos quadrados (pixels) ou em uma grade de vetores digitais.

Outro: Um dos monges anexados, desenhado no mesmo estilo de gravura (azul e bege). Ele está de pé, segurando um grande livro (códice) aberto. Um feixe de luz etéreo, composto por 0s e 1s (zeros e uns) visíveis, desce do canto superior e entra nas páginas do livro, como se estivesse 'baixando' informações para o manuscrito.

